



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
FACULDADE DE EDUCAÇÃO FÍSICA

ALESSANDRO TOSIM

**CONTEXTOS FORMATIVOS, CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS DE
TREINADORES/AS ATUANDO EM NÍVEL NACIONAL E INTERNACIONAL DO
ESPORTE PARALÍMPICO: UM ESTUDO COM O GOALBALL**

CAMPINAS – SP
2021

ALESSANDRO TOSIM

**CONTEXTOS FORMATIVOS, CONHECIMENTOS E COMPETÊNCIAS DE
TREINADORES/AS ATUANDO EM NÍVEL NACIONAL E INTERNACIONAL DO
ESPORTE PARALÍMPICO: UM ESTUDO COM O GOALBALL**

Tese apresentada à Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para obtenção do título de Doutor em Educação Física, na área de concentração da Biodinâmica do Movimento e Esporte.

ORIENTADOR

PROFESSOR DR. PAULO CESAR MONTAGNER

ESTE TRABALHO CORRESPONDE À
VERSÃO FINAL DA TESE DEFENDIDA PELO
ALUNO ALESSANDRO TOSIM E
ORIENTADA PELO PROF. DR. PAULO
CESAR MONTAGNER

CAMPINAS – SP

2021

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca da Faculdade de Educação Física
Dulce Inês Leocádio - CRB 8/4991

T639c Tosim, Alessandro, 1975-
Contextos formativos, conhecimentos e competências de treinadores/as atuando em nível nacional e internacional do esporte paralímpico : um estudo com o goalball / Alessandro Tosim. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Paulo Cesar Montagner.
Tese (doutorado) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

1. Goalball. 2. Treinadores. 3. Deficiência visual. 4. Esportes paraolímpicos. I. Montagner, Paulo Cesar. II. Universidade Estadual de Campinas. Faculdade de Educação Física. III. Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Formative contexts, knowledge and skills of coaches acting at national and international level of paralympic sport : a study with goalball

Palavras-chave em inglês:

Goalball

Coaches

Visual impairment

Paralympics sports

Área de concentração: Biodinâmica do Movimento e Esporte

Titulação: Doutor em Educação Física

Banca examinadora:

Paulo Cesar Montagner [Orientador]

Larissa Rafaela Galatti

Maria Teresa Krahenbuhl Leitão

Márcio Pereira Morato

Edison Duarte

Data de defesa: 19-02-2021

Programa de Pós-Graduação: Educação Física

Identificação e informações acadêmicas do(s) aluno(s)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0003-2901-8493>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7267539468641860>

Comissão Examinadora

Prof. Dr. Paulo Cesar Montagner
Orientador

Prof.^a Dra. Larissa Rafaela Galatti
Membro Titular

Prof.^a Dra. Maria Teresa Krahenbuhl Leitão
Membro Titular

Prof. Dr. Márcio Pereira Morato
Membro Titular

Prof. Dr. Edison Duarte
Membro Titular

Ata da defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu mundo rosa. Ana Carolina, esposa amada, companheira, mãe e pai nos grandes momentos de ausência, e as minhas duas “rosinhas”, Maria Eduarda e Isabela, que nos ensina todos os dias o verdadeiro significado do amor.

AGRADECIMENTO

Se tornar um pesquisador, sendo um treinador esportivo de alta performance paralímpica, foi muito desafiador, comparo a uma final de campeonato mundial, de Jogos Paralímpicos. Neste grande jogo, o mais importante da minha carreira acadêmica, fiz muitos gols, realizei grandes defesas, utilizei de regras da modalidade como: só ouvir, falar no momento adequado, fazer a leitura do jogo, pedir um “time out” e solucionar os problemas. A vitória é consequência, e para isto várias pessoas fizeram parte deste processo e merecem dignos agradecimentos.

Ao meu orientador, **Prof. Dr. Paulo César Montagner**, que foi muito mais do que um orientador, me ensinou a entender o significado da pesquisa acadêmica e o quanto ela deve ser realizada com calma e sapiência. Além disto, me mostrou a importância de ser muito mais do que um orientador, mas um amigo que levarei e serei grato por toda minha vida.

Aos meus pais **Vategalupe e Eva Tosim**, obrigado pela vida, por me ensinarem valores como honestidade, integridade, perseverança, itens fundamentais para ser uma pessoa melhor a cada dia.

À minha **irmã Eva e meu cunhado Donizete**, que mostram a cada dia que a deficiência é superada a partir do momento que você passa a acreditar em seus potenciais. “Vi”, (como carinhosamente a chamo), você sempre foi e sempre será a minha inspiração para tornar a vida das pessoas com deficiência um pouco melhor.

A **Profa. Dra. Larissa Rafaela Galatti**, peço licença para compará-la a grandes nomes do esporte, atualmente temos Marta Vieira da Silva no futebol, Damaris Dantas do Amaral no basquete (disputa WNBA), Rafaela Silva no Judô, Ana Carolina Custódio Duarte no goalball e temos Larissa Rafaela Galatti na Educação Física e nas pesquisas acadêmicas. Obrigado por todas as colaborações para o estudo, desde o ingresso no doutorado, pelas oportunidades de palestrar nas suas aulas, pelas contribuições na qualificação e principalmente, pela amizade ao longo dos anos.

A **Profa. Dra. Maria Teresa Krahenbuhl Leitão**, meu espelho de carreira acadêmica, de conhecimento e perseverança. “Tere”, (como carinhosamente a chamo), obrigado por me ensinar a gostar do esporte para pessoas com deficiência e por acreditar em um ideal, você é a maior referência do esporte para pessoas com deficiência intelectual no mundo.

Ao **Prof. Dr. Marcio Pereira Morato**, meu amigo, parceiro de longa data. “Véi”, você sempre foi a minha referência no goalball, se minha tese atingir 10% do que a sua atingiu, ficarei eternamente feliz! Obrigado por compartilhar conhecimentos, sempre que estou ao seu lado aprendo algo novo, obrigado por me ajudar no início de minha carreira na seleção, obrigado pela sua amizade, que hoje mais distante presencialmente, mas verdadeira.

As **Professoras Dra. Maria Luiza Tanure Alves e Dra. Graciele Massoli Rodrigues** e aos professores Doutores **Edison Duarte, João Paulo Borin, José Júlio Gavião de Almeida, Ciro Winckler** pela ajuda na construção do questionário e por todo aprendizado ao longo destes anos.

A **Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV)**, agradeço ao Presidente **José Antônio Ferreira Freire**, ao secretário geral **Helder Maciel Araújo**, a diretora administrativa financeira **Rosane Barros Nascimento**, ao gerente técnico e de eventos **Felipe Menescal** e a todos membros da **CBDV** por me apoiarem nas minhas decisões como treinador e não medirem esforços para que os esportes para cegos no Brasil sejam referências mundiais e também para que esta pesquisa acontecesse.

A todos os **atletas da seleção brasileira masculina de goalball**, que ao longo destes anos, acreditaram no meu trabalho, nas minhas ideias e filosofia. Os meus sonhos se tornam realidade a cada treino, a cada competição, a cada momento que estou ao lado de todos vocês. Obrigado!!!

A **comissão técnica da seleção brasileira de goalball**, Alessandra Amorin, Altemir Trapp, Diego Colletes, João Augusto Lombardi, Kelvin Bakos, Mirtes Stancanelli, Rafael Losck, que não medem esforços para trabalharem em prol de um goalball de qualidade e eficácia mundial.

Aos **professores e amigos do PEAMA**, Alan Primo, Ana Dirce, Ana Lúcia, Carlos Faustini, Cassianos Coradi, César Munir, Chan Wai, Denise Silva Neves, Ediluzia Rocha, Eliane Carvalho Martho (Liu), Jefferson Costa, Juliano Becari, Leonardo Feriotto, Nanci Cortina, Nicolas Camilo, Rafael Favila, Rafael Silveira, Renato Silva, Rhonan Rodrigues, Romilda Roncoleta, Maria Teresa K. Leitão, Marcia Maria da Silva, Mayara Amorin, Teoriwaldo Tadashi, Thais Quálio, Thais Saito e Vanessa Roncoletta, obrigado pelos anos de aprendizado e batalhas constantes em prol da pessoa com deficiência. Peamo todos vocês.

As amigas, **Profa. Ma. Carla Patrícia da Mata, Profa. Dra. Mariana Antonelli, Profa. Dra. Jacqueline Martins Patatas**, que auxiliaram nas discussões, referências bibliográficas e estímulos motivacionais para a conclusão da tese.

Aos meus parceiros, amigos e professores **Me. Washington Spolidori e Dr. Alaércio Perotti Junior**, que há 20 anos dividimos o mesmo espaço, discutimos pontos de vistas sobre a Educação Física e principalmente passamos a ser verdadeiros companheiros de histórias, amizade e integridade.

Ao Prof. **Me. Leonardo Breda**, ex-aluno com o qual tive a oportunidade de ensinar e hoje professor, com o qual tenho a oportunidade de aprender. Obrigado por toda ajuda na análise dos dados, você é um exemplo de pessoa, de integridade e de professor.

As professoras **Dra. Ellen Linari e Gabriela Judith Acevedo Corro** pela ajuda na tradução dos questionários e ao professor **Dr. Matheus Mantuanelli Roberto** pela colaboração nas análises dos dados.

Aos meus amigos, vizinhos e professores **Glaudir Jacinto Chaves, Luís Fernando Negro Nalin e Roney do Nascimento**, que ao lado de uma caneca de cerveja e/ou suco, sempre ocorre grandes debates em prol da Educação Física.

Aos meus primos e padrinhos **Paula e Emerson Bogajo**, que estão sempre conosco, nos momentos de alegria e tristeza, contribuindo com a educação de nossas filhas. Além disto, é a orientadora nas correções da língua portuguesa.

Ao meu sogro **Antônio Everaldo** e minha sogra **Eleni** que estão sempre ao nosso lado, auxiliando em todos os momentos.

Agradeço aos **responsáveis e membros do programa de Pós-graduação** da Faculdade de Educação Física da Universidade Estadual de Campinas, pelo acolhimento, qualidade de ensino e atendimento.

E a quem nos guia diariamente, obrigado **Deus!!!**

RESUMO

INTRODUÇÃO: O goalball é um esporte coletivo criado para pessoas cegas ou com baixa visão, oriundo das práticas corporais e esportivas pós-guerra. Trata-se de uma modalidade esportiva em expansão mundial e o treinador esportivo ganha destaque como o principal responsável por gerir este processo. **OBJETIVO:** Este estudo tem por objetivo geral identificar os contextos formativos, conhecimentos e competências de treinadores/as atuando em nível nacionais e internacionais de goalball. **MÉTODO:** A pesquisa caracteriza-se como pesquisa exploratória-descritiva *ex-post facto* (desenho retrospectivo) e a amostra do estudo foi composta por 81 treinadores esportivos de goalball provenientes de 23 países. Para a análise dos dados, dividir em dois grupos: O primeiro grupo foi composto por 47 Treinadores de Nível Nacional (TNN) que participaram de competições de nível escolar, regional, estadual e nacional e o segundo composto por 34 Treinadores de Nível Internacional (TNI) que participaram de competições de nível continental, mundial e Jogos Paralímpicos. Para a análise das questões de múltipla escolha (nominais), utilizamos o teste qui-quadrado e para as questões de fato (quantitativas) utilizamos a estatística descritiva por meio do Teste t Student, sendo que todas as análises foram realizadas pelo programa GraphPad Prism. **CONCLUSÃO:** Dividimos o estudo em: marcos teóricos, metodologia da pesquisa, resultados contendo as análises da amostra, contextos e situações de aprendizagem, conhecimentos e competências funcionais dos treinadores esportivos de nível nacional e internacional de goalball. Por fim, a pesquisa mostrou que os contextos formais e as situações mediadas de aprendizagem da maioria dos TNN e TNI possuem formação em Educação Física ou áreas afins. Nos contextos informais e situações não mediadas de aprendizagem, com a pesquisa *ex-post facto* encontramos relações diretas com a carreira de treinador esportivo, e os contextos não formais e as situações internas de aprendizagem mostraram que os cursos de formação complementares para a modalidade devem ser realizados com mais frequência.

Palavras Chaves: Goalball. Treinadores. Deficiência Visual. Esportes Paraolímpicos.

ABSTRACT

INTRODUCTION: Goalball is a collective sport created for people who are blind or have low vision, resulting from post-war corporate and sports practices. It is a sport that is expanding worldwide and the sports trainer is highlighted as the main responsible for managing this process. **OBJECTIVE:** This study aims to identify the training contexts, knowledge and skills of coaches / as acting at the national and international level of goalball. **METHOD:** The research is characterized as exploratory-descriptive research ex-post facto (retrospective design) and the study sample was consisted of 81 sports goalball coaches from 23 countries. For an analysis of the data, we chose to divide it into two groups: The first group was composed of 47 National Level Trainers (TNN) who participated in school level, regional, state and national level competitions and the second composed of 34 International Level Trainers (TNI) who participated in competitions at continental, world level and Paralympic Games. For the analysis of multiple-choice (nominal) questions, we used the chi-square test and for de facto (quantitative) questions, we used descriptive statistics using the t-Student Test, and all analyzes were analyzed using the GraphPad Prism program. **CONCLUSION:** We divided the study into: theoretical frameworks, research methodology, results containing the analysis of the sample, learning contexts and situations, knowledge and functional skills of national and international sports coaches in goalball. Finally, the research showed that the formal contexts and the mediated learning situations of most TNN and TNI have degrees in Physical Education or similar areas. Informal contexts and non-mediated learning situations with ex-post facto research, had direct links to the career of sports coach and non-formal contexts and internal learning situations showed that complementary training courses for the sport must be carried out more often.

Keywords: Goalball. Coaches. Visual Impairment. Paralympic Sports.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

- ABDEM** - Associação Nacional de Esporte para deficientes intelectuais
- ANDE** - Associação Nacional de Desporto para paralisados cerebrais
- ASOIF** - Association for Summer Olympic International Federations
- CAC** - Coaching Association of Canadá
- CBDV** – Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais
- CES** – Câmara de Educação Superior
- CISS** - Comitê Internacional de Esportes para Surdos
- CNE** – Conselho Nacional de Educação
- COI** – Comitê Olímpico Internacional
- CONFEF** - Conselho Federal de Educação Física
- CPB** – Comitê Paralímpico Brasileiro
- CREF** – Conselho Regional de Educação Física
- FIFA** – Federação Internacional de Futebol Amador
- IBSA** - International Blind Sports Federation
- ICCE** – International Council for Coaching Excellence
- IPC** - International Paralympic Committee
- JEC** - Jogos esportivos coletivos
- ONG** – Organização Não Governamental
- PCD** - Pessoa com deficiência
- PNDU** – Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento
- SPLISS** - Sports Policy factors Leading to International Sporting Success
- TCLE** - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido
- TNI** – Treinadores de Nível Internacional
- TNN** – Treinadores de Nível Nacional
- UFU** - Universidade Federal de Uberlândia

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1** - Elementos-chave do quadro internacional de treinamento esportivo
- Figura 2** – Categorias de conhecimento do treinador esportivo
- Figura 3** – Vias de aprendizagem dos treinadores esportivos em longo prazo
- Figura 4** - Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro
- Figura 5** - Técnica de defesa com os membros superiores;
- Figura 6** - Técnica de defesa com os membros inferiores
- Figura 7** – lançamento frontal
- Figura 8** – lançamento entre as pernas
- Figura 9** – lançamento com giro
- Figura 10** – Componentes da movimentação tática
- Figura 11** – auto-organização no goalball
- Figura 12** - Subdivisões das dimensões ofensivas e defensivas
- Figura 13** – Dimensão ofensiva do goalball – Elaborado pelo autor
- Figura 14** – Diagrama das ações ofensivas e defensivas do goalball
- Figura 15** - Diagrama da sequência de uma partida de goalball
- Figura 16** – Treinadores Esportivos participantes da pesquisa
- Figura 17** – Participantes Brasileiros
- Figura 18** – Continentes e seus respectivos treinadores
- Figura 19** - Diagrama dos treinadores de nível nacional e internacional integrantes da pesquisa.
- Figura 20** – Avaliação de Membros Inferiores (Squat e Contra Movimento Jump)
- Figura 21** – Velocidade de arremesso em situação de jogo
- Figura 22** - Sistema de Informações para PCDV

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 - Nº de modalidades, colocação e medalhas do Brasil

Gráfico 2 - Nº de mulheres e homens brasileiros participantes de Jogos Paralímpicos

Gráfico 3 – Experiências dos treinadores

Gráfico 4 – Práticas esportivas

Gráfico 5 – Anos de práticas esportivas

Gráfico 6 – Modalidades esportivas práticas

Gráfico 7 – Início da prática esportivas

Gráfico 8 – Nível de competição disputada

Gráfico 9 – Atuação em comissão técnica

Gráfico 10 – Modalidades olímpicas de atuação

Gráfico 11 – Modalidades olímpicas de atuação

Gráfico 12 – Modalidade Paralímpicas de atuação

Gráfico 13 – Tempo de atuação nas modalidades

Gráfico 14 – Atuação profissional nas modalidades

Gráfico 15 – Experiências profissional com modalidades paralímpicas

Gráfico 16 – Conhecia o esporte paralímpico

Gráfico 17 – Trabalha no esporte paralímpico

Gráfico 18 – Como conheceu o goalball

Gráfico 19 – Por que iniciou na modalidade

Gráfico 20 – Área de atuação

Gráfico 21 – Atuação profissional nas modalidades

Gráfico 22 – Local de trabalho

Gráfico 23 – Remuneração

Gráfico 24 – Cursos complementares

Gráfico 25 – Conhecimentos dos TE – Importância atribuída

Gráfico 26 – Conhecimentos dos TE – Importância atribuída

Gráfico 27 – Conhecimentos dos TE – Domínio atribuído

Gráfico 28 – Conhecimentos dos TE – Domínio atribuído

Gráfico 29 – Competência dos TE – Importância atribuída

Gráfico 30 – Competência dos TE – Importância atribuída

Gráfico 31 – Competência dos TE – Domínio atribuído

Gráfico 32 – Competência dos TE – Domínio atribuído

LISTA DE QUADRO

Quadro 1 – Conhecimento do Treinador Esportivo

Quadro 2 - Critérios de seleção dos peritos para validação do questionário

Quadro 3 – Contextos formais e situações mediadas de aprendizagem dos treinadores de nível nacional (TNN)

Quadro 4 - Contextos formais e situações mediadas de aprendizagem dos treinadores de nível internacional (TNN)

Quadro 5 - - Conhecimentos dos treinadores esportivos - importância atribuída

Quadro 6 - Conhecimentos dos treinadores esportivos – domínio atribuído

Quadro 7 - Competências Funcionais dos treinadores esportivos - importância atribuída

SUMÁRIO

ÍNDICE	PÁGINA
APRESENTAÇÃO	18
1. INTRODUÇÃO	21
1.1 Problema da pesquisa.....	25
1.2- Objetivos.....	26
Objetivo Geral.....	26
Objetivos Específicos.....	26
1.3- Desenvolvimento do estudo.....	27
2. MARCOS TEÓRICOS	28
2.1- Desenvolvimento profissional do treinador esportivo..	28
2.2- Desenvolvimento profissional dos treinadores esportivos: do esporte adaptado e seus primeiros orientadores técnicos aos tempos atuais do esporte paralímpico.....	37
2.3- O Goalball.....	46
3. MÉTODO	59
3.1- Caracterização do estudo e desenho da pesquisa.....	59
3.2-Instrumento e procedimento para elaboração do questionário.....	61
3.3- Validação do Questionário.....	63
3.4- Instrumento de pesquisa.....	64
3.5- Procedimento metodológico para coleta de dados.....	65
3.6- Recrutamento e participantes da pesquisa.....	65
3.7- Critérios de inclusão dos participantes.....	66
3.8- Amostra da pesquisa.....	66
3.9- Análise dos Dados.....	67

4. RESULTADOS.....	68
4.1 Análise da amostra.....	68
4.2– Contextos e situações de aprendizagem dos treinadores esportivos de goalball.....	72
4.2.1– Contextos formais e situações mediadas de aprendizagem dos treinadores esportivos de goalball.....	72
4.2.2– Contextos informais e situações não mediadas de aprendizagem dos treinadores esportivos de goalball.....	81
4.2.3– Contextos não formais e situações internas de aprendizagem dos treinadores esportivos de goalball.....	91
4.3- Conhecimento do treinador esportivo.....	98
4.4- Competências funcionais dos treinadores esportivos.....	103
5- DISCUSSÕES.....	108
6- CONCLUSÕES.....	144
7- REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICES.....	161
ANEXOS.....	187

APRESENTAÇÃO

Certa vez, um grande mestre me ensinou o valor da humildade, de uma forma bem simples, quando perguntei:

Eu: Quando vai me deixar fazer exame para a faixa preta?

Sensei: Olhe para aquela porta, ela é bem alta e você está lá em cima.

Eu: Não entendi, Sensei!

Sensei: Quando você estiver com os dois pés fincados no chão, deixo você fazer exame para a faixa preta!

Este dia ficou gravado na minha memória, e sempre me lembro dele nos momentos de conquistas pessoais.

Início minha apresentação com esta história verídica, que ocorreu aos 15 anos de idade e que aos 17 se materializou com a conquista da faixa preta (1ºDan). Tive uma infância muito divertida, via meus pais trabalhando intensamente para fazer o melhor para mim e minha irmã, que tem deficiência visual em decorrência da retinopatia da prematuridade, mas eles, nos ensinaram a tocar a vida, sem reclamar e acreditar que iríamos vencer, independente das dificuldades enfrentadas.

E assim seguimos. Fizemos faculdade, eu Educação Física e ela Psicologia. Os tempos eram difíceis, mas fomos os únicos de nossa família na época, a concluir o ensino superior. No dia da minha formatura, fui homenageado como o melhor aluno do curso. Foi um momento de muita felicidade, mas o dia da formatura da minha irmã, foi muito significativo e marcante para mim, pois estava vendo uma menina, com todas as dificuldades para uma pessoa com deficiência, ainda maiores naquele momento do que hoje se formar no ensino superior.

No meio de tudo isto, uma palestra na graduação me chamou atenção, uma professora falando do esporte para pessoas com deficiência, e que a cidade de Jundiaí apresentava um programa destinado a este público, e ao terminar, relatou que queriam iniciar com o karatê e a dança. Naquele momento, algo me tocou, e fui procurá-la. Conteí minha história e falei que gostaria de iniciar o karatê com eles. Duas semanas depois, minha vida estava tomando um outro rumo, associando a arte marcial que tanto amo e a deficiência visual, que já fazia parte do meu contexto histórico de vida.

A partir deste momento, o esporte passou a ter novas concepções para mim, não só o rendimento esportivo que vivia intensamente, mas o esporte que priorizava o simples fazer, participar e principalmente se divertir.

Na carreira acadêmica, após a graduação, cursei especialização em Atividades Motoras Adaptadas, onde conheci o goalball. No mestrado, fui buscar respostas para o significado do envelhecimento para pessoas idosas cegas. Foram momentos marcantes, já que passei do professor de karatê técnico prático para o professor de Educação Física, acadêmico, científico, que passa a ver a importância da pesquisa e o quanto ela contribui para o ser humano. No mestrado, realizei entrevistas com 20 idosos cegos, que me deram verdadeiras aulas de vida, com discursos sobre a forma como adquiriram a deficiência visual e os arrependimentos de alguns comportamentos que contribuíram para a cegueira.

Paralelo à carreira acadêmica, o trabalho com o goalball estava em evolução, com uma equipe modesta, mas com atletas empenhados em conquistar títulos expressivos. Para muitos, o esporte tinha um significado grandioso, devido ao implemento bola, ser muito atrativo, e assim iniciamos uma proposta de desenvolvimento do esporte, com a primeira participação em competições oficiais no ano de 2003 e vários títulos no decorrer dos anos.

No final de 2008, fui convidado a assumir o comando da seleção brasileira masculina. Na primeira fase de treinamento, fiz um discurso marcante, e em uma das falas, deixei bem claro, que se quisessem mudar de patamar competitivo em nível internacional, teriam que abdicar de algumas coisas, que eu tinha muita experiência com competições, já que tinha vivido o karatê competitivo há anos em competições nacionais e internacionais, e que poderia ajudá-los a serem os melhores do mundo.

Para ser um atleta de elite, mudanças de pensamento são fundamentais, acreditar no que está sendo proposto e colocar em prática faz um atleta mudar de patamar competitivo, e foi isso que fizemos com eles, acreditaram na proposta de trabalho e o goalball brasileiro passou a ser o melhor do mundo, com dois títulos mundiais, três títulos dos jogos parapanamericanos e as sonhadas medalhas paralímpicas.

Todo desenvolvimento profissional, está associado ao amadurecimento pessoal, e ao longo dos anos, eu e minha esposa Ana Carolina, sempre juntos,

tomamos as decisões para o progresso de nossas filhas, Maria Eduarda e Isabela, sempre na busca por fazer delas pessoas felizes.

O doutorado, veio para complementar, e muito, minha carreira profissional. A qualificação, foi um momento muito especial, com mudanças, reflexões, aprendizados, porém, com a certeza que estava no caminho certo.

Finalizo minha apresentação, relatando que a filosofia que a arte marcial me ensinou, foi incorporada como propósito de vida. Disciplina, respeito ao próximo, honestidade são qualidades de pessoas dignas, que buscam o melhor para o mundo, que têm valor, e fazem dos seres humanos pessoas melhores a cada dia.

1 - INTRODUÇÃO

O esporte é um fenômeno universal e se constitui em um patrimônio cultural da humanidade que foi criado, transmitido e transformado pelo ser humano ao longo dos tempos. É praticado com finalidades, sentido e formas diferenciadas em várias partes do mundo (MILISTETD *et al.*, 2014; PAES, 2006; SILVA *et al.*, 2013; TANI; CORRÊA, 2006;).

Os esportes coletivos são descendentes de manifestações que eram realizadas pelos povos primitivos, em diferentes civilizações. Registros arqueológicos, e outros, mostram que alguns jogos com bola eram praticados pelas civilizações grega, oriental, centro americana e na própria América do Sul (ROSE Jr.; SILVA, 2006).

Corroborando com os autores, há anos o esporte passa por transformações nos aspectos físico, técnico e tático, nas regras, inserindo tecnologias, vinculado a conhecimentos científicos para melhora do rendimento esportivo de atletas e/ou equipes. Apresenta diferentes manifestações como lazer, educacional e rendimento esportivo, e pode ser praticado por diferentes personagens, inclusive pessoas com deficiência.

A prática esportiva para pessoas com deficiência tem suas origens no final do século XIX e início do século XX, com as primeiras práticas executadas de forma isolada. As pessoas com deficiência auditiva, em 1924, já apresentavam sua federação (Comitê Internacional de Esportes para Surdos – CISS) e organizavam seus jogos denominados “Deaflympics” ou jogos do silêncio (PARSONS; WINCKLER, 2012).

O esporte para pessoas com deficiência ou esporte adaptado tem raízes associadas a guerra, apresentando-se com o viés da reabilitação de soldados lesionados pós-segunda grande guerra (SILVA *et al.*, 2013). Com o desenvolvimento do esporte olímpico, que surge na metade do século XIX, como forma de ocupação do tempo livre e apresenta a alta *performance* seu ambiente mais amplo e conhecido, o esporte Paralímpico surge como proposta de reabilitação e inclusão na metade do século XX e se aproxima ao olímpico, com o viés de alta *performance* apenas na década de 90 (PARSONS; WINCKLER, 2012).

No entanto, observamos que este esporte, independentemente do nível que vá ser praticado, poderá trazer benefícios biopsicossociais para a pessoa com deficiência, além das contribuições funcionais, e de certa forma, para inclusão destes indivíduos.

Atualmente, 22 modalidades fazem parte dos Jogos Paralímpicos de verão e 5 de inverno, dentre estas destacamos o goalball. Trata-se de um esporte paralímpico, intermitente, criado para a pessoa com deficiência visual. É um jogo desportivo coletivo disputado entre duas equipes com 3 jogadores titulares e 3 suplentes, sem invasão territorial com o objetivo de marcar o maior número de gols na baliza adversária (ALMEIDA, 2008; CAMARGO, 2012; NASCIMENTO; MORATO, 2006; TOSIM et al., 2008).

O Brasil conta com aproximadamente 80 equipe cadastradas, tanto no masculino como no feminino, na Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV). Apresenta também as suas seleções nacionais, que representam o país em competições internacionais como: Jogos Paralímpicos, Campeonatos Mundiais da modalidade, Jogos Mundiais de Desporto para Cegos, Jogos Parapanamericanos e Campeonatos Parapanamericanos (CBDV, 2019).

A seleção brasileira masculina está no topo do ranking mundial, atualmente destaca-se por ser bicampeã do mundo (2014 e 2018), e a única seleção presente nos dois últimos podiuns paralímpicos, conquistando medalha de prata nos Jogos Paralímpicos de Londres (2012) e bronze no Rio de Janeiro (2016), e a seleção feminina por estar disputando os Jogos Paralímpicos desde Atenas (2004) e ter conquistado a inédita medalha de bronze no último campeonato mundial da modalidade em 2018 (TOSIM et al., 2020).

Ao analisarmos o desenvolvimento do goalball no Brasil e no mundo, destacamos os treinadores esportivos, que realizam as interações interpessoais, articulam as ações práticas da modalidade, com métodos de treinamento técnico e tático, como um dos principais articuladores desta evolução.

O processo de formação do treinador esportivo é multifacetado, e vai evoluindo, aperfeiçoando ao longo do tempo, envolvendo muitas variáveis e contextos (CÔTE; GILBERT, 2009).

A formação do treinador esportivo, tem sido direcionada ao ambiente acadêmico, com o objetivo de tentar garantir qualidade e ser um local mais propício para a qualificação. Este ambiente proporciona condições mínimas para reconhecer a atividade de treinador esportivo como uma profissão em âmbito mundial (ICCE, 2013).

O processo de formação de treinadores que desenvolvem atletas olímpicos e paralímpicos não apresentam estágios diferentes e há semelhanças no desenvolvimento de carreira e nas vias de aprendizagem dos treinadores de atletas saudáveis e com deficiência (DOUGLAS; FAUCÃO; BLOOM, 2018).

Os níveis de interação interpessoais podem variar dependentemente da quantidade numérica e das características sociais e culturais de cada grupo. Em cada nível do sistema os valores dos indivíduos tornam-se condicionantes para determinar os limites e direções das interações sociais (HARE et al., 2005).

Observamos que as relações interpessoais, além de representarem conexões entre as pessoas, são sustentadas pelos valores e comportamentos, elevando ou reduzindo o aprendizado, bem como facilitando ou dificultando a formação pessoal e profissional.

Vale destacar que a formação formal apresenta déficits sobre a prática do treinador esportivo, sendo a prática experiencial a principal fonte de obtenção do conhecimento (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003; GILBERT; TRUDEL, 2001; RODRIGUES *et al.*, 2017).

No Brasil, a formação do treinador esportivo de goalball, a base inicial ocorre no ambiente acadêmico, na graduação ou pós-graduação dos cursos de Educação Física, ou em instituições destinadas às pessoas com deficiência visual. Com a participação em eventos da modalidade, o treinador vai evoluindo nos quesitos técnicos e táticos, já que são raros os cursos de capacitação para estes profissionais.

Atualmente, a profissionalização do treinador esportivo gera vários debates acadêmicos em âmbito mundial (DUFFY et al., 2011). No Brasil, a profissão treinador esportivo é regulamentada (Lei 9.696 / 1998; Brasil, 1998) e estabelece fundamentos legais, tornando a profissão treinador esportivo, como um profissional que deve apresentar diploma de bacharelado em Educação Física, exceto para treinadores de

futebol que não exige um diploma acadêmico porque o esporte tem regulamentação específica (BRASIL, 1998).

Apesar dessas possibilidades de formação representarem fontes relevantes para o desenvolvimento profissional, geralmente limitam-se a aspectos técnicos e metodológicos contemplados na maioria das vezes desconexos da realidade de intervenção (JONES *et al.*, 2012; MILISTETD, 2015).

A formação do treinador esportivo deve abranger habilidades centradas no esporte e no sujeito, sendo capaz de desenvolver competências relacionadas à estruturação do planejamento, à operacionalização do treino, à orientação e análise do jogo. Além de gerir situações externas ao ambiente de prática, atendendo às necessidades educativas dos atletas, bem como orientando as relações interpessoais e intrapessoais (KNOELES *et al.*, 2005).

A aprendizagem do treinador esportivo deve ter um percurso de natureza híbrida, com interações sociais, que ocorre em contextos formais e informais, prevalecendo seu interesse. Ou seja, treinadores vão desenvolvendo caminhos e consolidando sua prática, construindo um currículo individual e personalizado em longo prazo (MIELKE, 2007).

Treinadores eficazes são eternos aprendizes comprometidos com o crescimento pessoal e visualizando o desenvolvimento além de programas de treinamento formal (CÓTÊ, 2006).

Percebemos que a formação de treinadores competentes tende a facilitar as intervenções em ambiente prático, embasados teoricamente nas ações práticas realizadas e potencializando o processo formativo dos atletas.

Diante do exposto apresentado, esta tese apresenta como justificativa pessoal, a importância de analisarmos as experiências esportivas vividas anteriormente, e suas contribuições para a formação do treinador esportivo de goalball, já que estamos analisando profissionais formados ou não em cursos regulamentados nas áreas da Educação Física ou Esporte, mas exercem a função de treinador esportivo, inclusive de seleções nacionais.

Como justificativa profissional, ela pode ser utilizada para complementar e fortalecer a profissão de treinador esportivo da modalidade em âmbito mundial e o

quanto as entidades que administram o esporte para cegos podem colaborar para a formação continuada dos treinadores esportivos e criar uma regulamentação para a profissão.

Portanto, a pesquisa se ancora nas seguintes problematizações:

1.1 PROBLEMAS DA PESQUISA

- ✓ Quais são as trajetórias e os contextos de formação dos treinadores esportivos de goalball?
- ✓ Os treinadores esportivos de goalball precisam de conhecimentos específicos da área de Educação Física ou Esporte para dirigirem uma equipe nacional ou internacional?
- ✓ Como se mostra a formação acadêmica dos treinadores de goalball no Brasil e no mundo?

Para responder os problemas do estudo propostos, norteamos nosso estudo para os objetivos da pesquisa melhores detalhados na sequência.

1.2 – OBJETIVOS

GERAL

Identificar os contextos formativos, conhecimentos e competências de treinadores/as atuando em nível nacionais e internacionais de goalball.

Considerando o objetivo geral da presente tese, e a especificidade dos treinadores de goalball, organizamos os objetivos específicos a partir de dois temas: o primeiro relacionado à experiência esportiva dos treinadores da modalidade e o segundo relacionado a formação profissional.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Relacionado à experiência esportiva	Relacionado à Formação Profissional
- Relatar as experiências esportivas antes de ser treinador	- Identificar o contexto de formação do treinador de goalball
- Identificar quais os objetivos eram pretendidos nas ações esportivas antes de se tornar treinador	-Verificar as situações de aprendizagem (formais, não formais e informais) realizadas pelos treinadores
- Verificar o porquê destes treinadores optarem por uma modalidade esportiva paralímpica.	-Identificar as estratégias e prioridades dos treinadores para o desenvolvimento da modalidade;
	-Averiguar quais ações são realizadas pelas associações, federações, Ongs, entre outros para contribuir com a formação profissional dos treinadores de goalball.

1.3 – DESENVOLVIMENTO DO ESTUDO

Para elaboração do estudo, dividimos em 4 partes:



A estruturação dos marcos teóricos, divididos em desenvolvimento profissional do treinador esportivo, desenvolvimento profissional do treinador que parte do esporte adaptado e seus orientadores técnicos aos tempos atuais com os treinadores paralímpicos e por fim, o goalball.



O método da pesquisa possibilitou a caracterização do estudo e desenho da pesquisa, instrumento e procedimentos para elaboração do questionário, recrutamento dos participantes, amostra e descrição da análise dos dados



Informações obtidas por meio dos questionários aplicados, gerando dados apresentados em valores numéricos, percentuais em tabelas, quadros e figuras, a fim de ilustrar, facilitar a compreensão do leitor.



As análises e discussões dos resultados da pesquisa associados com estudos que apresentam informações relevantes ao tema foram determinantes para as conclusões do estudo.

2. MARCOS TEÓRICOS

2.1 DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DO TREINADOR ESPORTIVO

O esporte, a partir do século XXI, caracteriza-se por ser o maior fenômeno sociocultural da sociedade contemporânea, uma vez que envolve culturas e cenários dos mais diversos grupos sociais (MILISTETD *et al.*, 2014; PAES, 2006; SILVA *et al.*, 2013; TANI; CORRÊA, 2006).

Com a globalização, o esporte passa a ser mais do que um fenômeno internacional, pois tem a capacidade de unir pessoas, independentemente de sua origem, status econômico e crenças religiosas (MILISTETD *et al.*, 2014).

O esporte é patrimônio da humanidade, pois seu surgimento deu-se com base em representações simbólicas, construído por meio de interpretações entre os homens ao longo de sua história (REVERDITO; SCAGLIA, 2009).

Esta afirmação fica mais relevante, a partir do momento que observamos a pluralidade de significados e finalidades atribuído ao esporte. Pois, apresentam modelos, cenários e formas das mais diversas possíveis, no qual sua constituição se dá pela pluralidade cultural, que muitas vezes modificam a história de um povo ou de um país, e que deve ser entendido como mais uma possibilidade de desenvolvimento histórico e social (GALATTI, 2006; GAYA, 2001; PAES, 2006).

Nos apoiamos em Montagner e Scaglia (2013) que complementam, o esporte necessita de um compromisso permanente: participar da formação e da educação das pessoas, ou seja, cuidar das gerações.

Corroborando com os autores, o esporte como conteúdo a ser tratado deve ser visto como um fenômeno global de desenvolvimento, que apresenta diferentes contextualizações de ambientes, sentidos e modalidades.

De acordo com o artigo 3º do capítulo III da Lei Federal nº 9.615, de 24 de março de 1998, intitulada Lei Pelé (BRASIL, 2009), o esporte pode ser reconhecido no Brasil de acordo com as seguintes manifestações: desporto educacional; desporto de participação e desporto de rendimento.

- ✓ Desporto educacional: apresenta-se principalmente no ambiente escolar, mas, pode ocorrer em outros ambientes, tem por objetivo o desenvolvimento integral do indivíduo, tornando um cidadão autônomo, democrático e participativo. Tem

como características a iniciação esportiva, ensinando as técnicas e as habilidades necessárias para a prática esportiva. Atletas que atingiram níveis do esporte de alta *performance*, passaram por esse processo em clubes e centros de treinamento.

- ✓ Desporto participação: envolve todas as atividades esportivas formais e não formais acessíveis para a população, ocorre geralmente em horário de lazer, ou seja, nas horas que estão ausentes de trabalho, proporcionando descontração, diversão, desenvolvimento pessoal e relação entre pessoas. Geralmente esta manifestação esportiva é praticada por jovens e adultos, e não precisa seguir regulamentos pré-estabelecidos para que a prática motora ou esportiva aconteça.
- ✓ Desporto *performance*: tem como finalidades, objetivos e propósitos, a busca de conquista, de êxitos esportivos e superação de limites. Pode ser denominada como: esporte de alto nível, esporte de alta competição, esporte de competição, esporte de rendimento, esporte de alto rendimento, esporte espetáculo. Dentre os seus conteúdos encontramos o treinamento físico, técnico e tático. Destina-se, na maioria dos casos, a atletas com idade superior há 14 anos, voltado às competições, trabalhado de forma contextualizada aos valores humanos e sociais, subdivide em Amador e Profissional (BRASIL, 2007).

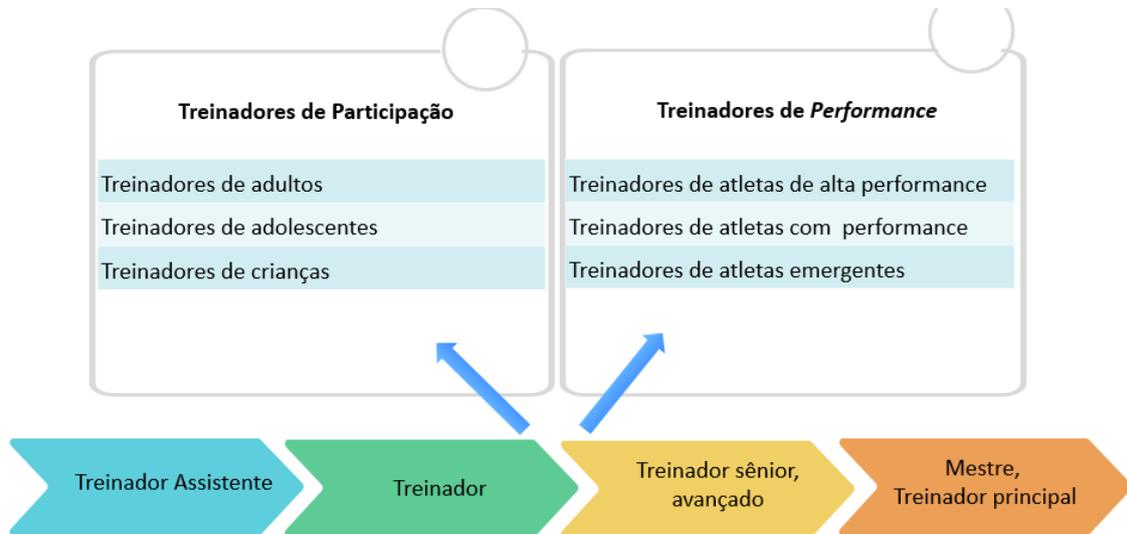
Diante deste cenário esportivo, um dos responsáveis por desenvolver estas manifestações é o treinador esportivo, objeto de estudo desta pesquisa.

De acordo com ICCE (2013) órgão que pretende se tornar um documento de referência, autoritário e flexível que promove o desenvolvimento, reconhecimento e certificação de treinadores esportivos, descreve duas áreas distintas do esporte, sendo estes:

- ✓ Esporte de participação: tem como prioridade, alcançar resultados auto-referenciados como as melhoras pessoais, estilo de vida saudável, socialização ou prazer.
- ✓ Esporte de rendimento: busca o desenvolvimento e a demonstração de capacidades referenciadas em relação aos padrões normativos em competição.

Os treinadores esportivos podem trabalhar nas duas vertentes, divididos em seis categorias conforme a figura abaixo:

Fig.1 - Elementos-chave do quadro internacional de treinamento esportivo



Fonte: ICCE (2013)

Estudos relacionados ao treinador esportivo no Brasil, ficaram mais evidenciados a partir de 2009 (GALATTI et al., 2016). No cenário internacional, países como Canadá, Austrália, Reino Unido e Estados Unidos apresentam números significativos relacionado à produção científica associada ao treinador esportivo (TRUDEL; GILBERT; WERTHNER, 2010).

A função de treinador esportivo é multifacetada e altamente complexa, atrelada a relações de poder, em que seu desempenho está largamente influenciado pelo contexto em que está envolvido (POTRAC; JONES; ARMOUR, 2002).

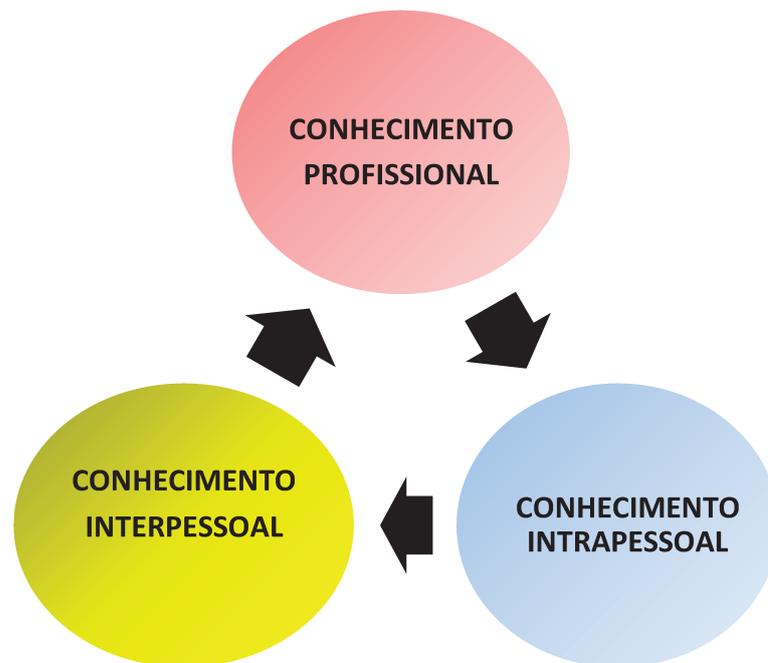
Treinadores eficazes estão em constante aprendizado, comprometidos com o crescimento pessoal e buscando o desenvolvimento dos atletas e outros membros para além de programas de treinamento formal (CÔTÊ, 2006).

Acreditamos que a formação de treinadores competentes busca facilitar as intervenções em ambiente prático, alicerçando teoricamente as ações práticas realizadas e potencializando o processo formativo dos atletas. Partindo do princípio da aprendizagem constante citada acima, o treinador esportivo passa por situações diversas de conhecimento, sendo um processo evolutivo e maturacional que ocorrem em situações diferentes, porém complementares e associados ao desenvolvimento do treinador esportivo no seu ambiente de trabalho.

2.1.1 CONHECIMENTOS ASSOCIADOS À FORMAÇÃO DO TREINADOR ESPORTIVO

Côté e Gilbert (2009) apontam três âmbitos de conhecimentos essenciais atrelados ao treinador esportivo, sendo: o conhecimento profissional, o conhecimento interpessoal e o conhecimento intrapessoal.

Fig. 2 – Categorias de conhecimento do treinador esportivo



Fonte: Adaptado de ICCE e ASOIF (2012)

O conhecimento profissional diz respeito às características técnico-táticas da modalidade; o conhecimento interpessoal, que remete às relações estabelecidas entre as pessoas, o convívio social e a capacidade de comunicação; e o conhecimento intrapessoal, que agrega elementos de autoconhecimento, capacidade de reflexão, introspecção e ética pessoal (COLLINSSON, 1996; CÔTÉ; GILBERT, 2009).

ICCE (2013) e ASOIF (2012) relatam que diante desta categorização, o treinador esportivo necessita de bases fundamentais relevantes à intervenção profissional como:

Quadro 01 – Conhecimento do Treinador Esportivo

Conhecimento	Bases Fundamentais
Conhecimento profissional	Esporte: Liderança, regras e regulamentos, técnicas e táticas, instalações e equipamentos.
	Atletas: Capacidades e estágios de desenvolvimento dos atletas, motivação dos atletas.
	Ciências do Esportes: Crescimento e desenvolvimento, fisiologia, biomecânica, nutrição, antidoping (inclui valores e princípios éticos), psicologia.
	Habilidades Fundamentais: Linguagem (oral, escrita e leitura), matemática básica, ciência e tecnologia.
Conhecimento Interpessoal	Contexto Social: Macro e micro intervenção cultural, ética e bem estar dos participantes, pais e acompanhantes, treinadores companheiros, funcionários, árbitros e agentes, clubes, escola e federações, macro instituições (governo) e mídia;
	Relacionamentos: Comunicação, a empatia e a simpatia, a escuta ativa e o questionamento, conduta pessoal adequada, atletas e grupo de gerenciamento, atleta e grupo de educação;
	Estrutura de intervenção profissional: Desenvolvimento e a melhoria acontecem no contexto da relação treinador – atleta, teorias e metodologias de aprendizagem, planejamento, organização e realização, criação de um clima positivo de aprendizagem, observação, avaliação e feedback, demonstração e explicação, instrução e facilitação.
Conhecimento Intrapessoal	Filosofia de Intervenção Profissional: Identidade, valores, crenças, estilo de liderança;
	Aprendizagem ao longo da vida: Competência de aprendizagem, autonomia e responsabilidade, conjunto da mente, autorreflexão, pensamento crítico e de síntese, inovação e geração de conhecimento.

Fonte: Adaptado ICCE (2013); ASOIF (2012)

Constatamos que os conhecimentos profissional, interpessoal e intrapessoal são fundamentais e inter-relacionais, já que o treinador esportivo atualmente tem que transcender o ambiente da sua atividade prática. Assim, a aprendizagem contínua do treinador esportivo ocorre por situações diversas de aprendizagem, como observaremos a seguir.

2.1.2 – CONTEXTOS E SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM DO TREINADOR ESPORTIVO

Ao investigar o treinador esportivo, é importante destacar que a formação desses indivíduos ocorre em diferentes formas. No cenário internacional, estudiosos como Cushion e Lyle (2010), Cushion e Potrac (2006), Jiménez, Lorenzo e Gómez (2009), Mallet *et al.*, (2009), Nelson, Trudel e Gilbert (2006), Rodrigues *et al.*, (2017) descrevem que a formação do treinador esportivo está pautada em diferentes fontes de conhecimento e a formação formal apresenta déficits sobre a prática do treinador esportivo, e a prática experiencial é a principal fonte de obtenção do conhecimento (CUSHION; ARMOUR; JONES, 2003; GILBERT; TRUDEL, 2001; RODRIGUES *et al.*, 2017).

No Brasil, a titulação universitária Bacharelado em Educação Física é obrigatória conforme a Lei 9696/98¹ para exercer a profissão. Esta formação possibilita ao treinador esportivo ter conhecimentos básicos nas áreas biológicas (anatomia, fisiologia do exercício, biomecânica do movimento) entre outras e na área pedagógica (pedagogia dos esportes individuais e coletivos, iniciação e treinamento esportivo) além de outras disciplinas que contemplem a formação do treinador esportivo.

No Canadá por exemplo, esta formação de treinador esportivo ocorre por meio da Associação de Treinadores do Canadá (Coaching Association of Canada – CAC), credenciada para formar treinadores esportivos (MILISTETD *et al.*, 2017).

¹ [Lei nº 9.696 de 01 de Setembro de 1998](#) Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. **Art. 1º** O exercício das atividades de Educação Física e a designação de Profissional de Educação Física é prerrogativa dos profissionais regularmente registrados nos Conselhos Regionais de Educação Física.

Os mesmos autores relatam que estes modelos de formação fazem parte de um programa formal de aprendizagem, desenvolvidos por entidades regulamentadas, que concedem certificações para exercer a profissão de treinador esportivo.

Aproximadamente duas décadas após a profissionalização do treinador esportivo no Brasil, pouco se tem discutido academicamente sobre mudanças no desenvolvimento profissional, por outro lado, as discussões sobre o fortalecimento da profissão ficaram evidentes, principalmente quando se entende o treinador esportivo nos quesitos de comportamento, pensamento e desenvolvimento (GALATTI *et al.*, 2016).

Em diversos países, regulamentações para se tornarem treinadores esportivos não são obrigatórias, ou seja, qualquer pessoa tem a possibilidade de ser treinador esportivo, basta ter conhecimento, na grande maioria, informal de alguma modalidade esportiva.

Independentemente da formação que o treinador esportivo apresentar, regulamentada ou não, a aprendizagem destes indivíduos, indiferentemente do nível de exigência que o mesmo vá atuar, pode acontecer de três formas, sendo estas: aprendizagem formal, aprendizagem não formal e aprendizagem informal (MILISTETD, 2015; MILISTETD *et al.*, 2017; NELSON *et al.*, 2006).

- ✓ Aprendizagem formal: caracteriza-se pela formação institucionalizada, cronologicamente graduado e estruturado hierarquicamente, com certificações ao seu término.
- ✓ Aprendizagem não-formal: qualquer atividade educacional organizada, sistemática, realizada fora da estrutura do sistema formal como: oficinas, conferências, seminários, *workshops*, com o objetivo de fornecer aprendizagem específica a população;
- ✓ Aprendizagem informal: aprendizagem autodirigida, ou seja, ocorre pelas experiências adquiridas no processo ao longo da vida. Pode estar associada as atividades exercidas como atletas, relações com outros treinadores e atletas. Pode ocorrer também por meio de exploração da internet, leitura de manuais, livros, vídeos associados as modalidades esportivas.

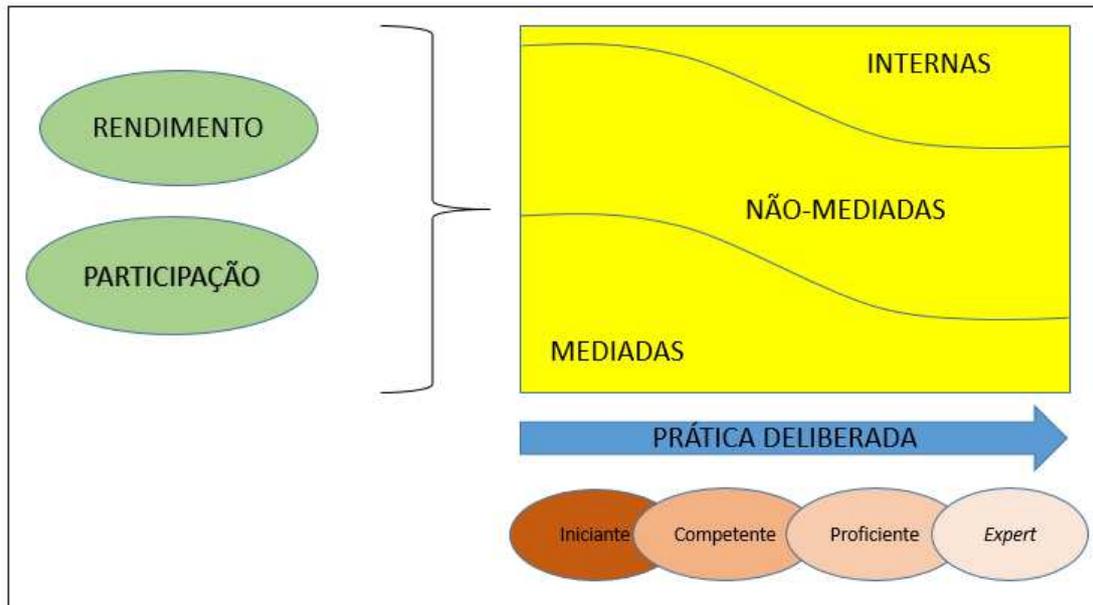
Recentemente este modelo imposto pelos autores citados acima, sofreu uma contraproposta caracterizada pelo “contexto de aprendizagem” e “situação de aprendizagem” (TRUDEL *et al.*, 2013).

O “contexto de aprendizagem” se refere ao cenário em que acontece a aprendizagem e a “situação de aprendizagem” a percepção do indivíduo relacionado à própria aprendizagem neste cenário (TRUDEL *et al.*, 2013). Portanto, a aprendizagem do treinador esportivo acontece de forma individual, e suas estruturas cognitivas, expectativas e motivações são fundamentais para adquirir conhecimento necessário para desenvolver a modalidade esportiva.

Partindo deste pressuposto, Trudel, Gilbert e Rodrigues (2016) e Werthner e Trudel (2006) justificam que a utilização dos termos situações mediadas, situações não-mediadas e situações internas de aprendizagem são ideais para definir as vias pelas quais os treinadores aprendem sendo:

- ✓ Situações mediadas: esta forma de aprendizagem é realizada por meio de uma outra pessoa (professores, *experts*, entre outros), que seleciona o conteúdo e a metodologia a ser desenvolvida, acontece por um estudo dirigido;
- ✓ Situações não mediadas: esta forma de aprendizagem é definida pelo próprio treinador, sendo que este decide o que, como e quando aprender. Pode ocorrer por meio de experiências adquiridas, pela interação com outros treinadores, atletas, entre outros, além de pesquisas em fontes bibliográficas, internet, entre outro;
- ✓ Situações internas: esta forma de aprendizagem não está relacionada às situações externas, pesquisas bibliográficas, entre outros, mas está relacionada ao treinador esportivo reorganizar suas ideias, adquiridas em experiências vivenciadas. Sendo assim, o treinador esportivo passa a refletir acerca de informações oriundas das experiências adquiridas no ambiente de ocupação.

Fig. 3 – Vias de aprendizagem dos treinadores esportivos em longo prazo



Fonte: Werthner e Trudel (2006)

O principal fator que influencia a progressão dos treinadores neste processo contínuo de recém-chegado ou iniciante até o *expert* ou inovador é a capacidade de usar "reflexão deliberada". Ou seja, as identidades dos treinadores evoluem, eles se tornarão mais propensos a reservar tempo para refletir sobre sua prática e maximizar as oportunidades de aprendizado (TRUDEL; GILBERT; RODRIGUES, 2016).

Seguindo as concepções dos autores, a reflexão deliberada é um ato individual, tornando-se mais criteriosa conforme o nível de desempenho exigido. Por meio delas o treinador esportivo deve proporcionar um ambiente de aprendizagem construtivo com os membros de sua comissão técnica e atletas, gerando entusiasmo e motivação para que todos caminhem para um trabalho transdisciplinar.

Para ajudar os treinadores a se tornarem supercompetentes, *experts* ou inovadores, é necessário fazer um ambiente de aprendizagem, em que todos os sujeitos envolvidos se sintam reconhecidos e contribuintes para o objetivo final (TRUDEL; GILBERT; RODRIGUES, 2016). Deste modo, fazendo com que todos deem o seu máximo em cada processo a ser desenvolvido.

Diante das relações dos contextos de aprendizagem do treinador esportivos, contextualizaremos a partir deste momento o treinador esportivo que desenvolve o esporte adaptado e o esporte paralímpico.

2.2 - DESENVOLVIMENTO PROFISSIONAL DOS TREINADORES ESPORTIVOS: DO ESPORTE ADAPTADO E SEUS PRIMEIROS ORIENTADORES TÉCNICOS AOS TEMPOS ATUAIS DO ESPORTE PARALÍMPICO

O esporte para pessoas com deficiência é recente, com aproximadamente 100 anos de existência, e possibilita a este público construções e ressignificações que podem proporcionar a sua inclusão como também dificultá-la. Tudo isto depende da forma como a pessoa com deficiência (PCD) vai relacionar-se com este esporte, ou seja, pelo viés do lazer, educacional ou alto rendimento.

O esporte para pessoas com deficiência surge com a ideia de reabilitação de pessoas lesionadas no período de guerra e atualmente é um fenômeno global que desperta a atenção devido a diferentes visões e características particulares como possibilidade de ascensão social, oportunidade de prática em condições de igualdade, melhorias da aptidão física e condições de saúde (COSTA E SILVA *et al.*, 2013).

O termo esporte adaptado é utilizado apenas no Brasil e consiste em uma possibilidade de prática para pessoas com deficiência, e que as adaptações realizadas nas regras, fundamentos e estrutura são para permitir a participação deste público no esporte. Em outros idiomas, o termo mais comum é "*Sport for Persons with a Disability*" (Esporte para pessoas com Deficiência). Já o termo esporte Paralímpico designa as modalidades esportivas que fazem parte do programa dos Jogos Paralímpicos, sendo esportes adaptados e/ou criados para a pessoa com deficiência (MAUERBERG DE CASTRO, 2005).

O esporte adaptado é uma terminologia que engloba a prática esportiva realizada pelas pessoas com deficiência visando a inclusão e a melhora das suas funções motoras, e o esporte paralímpico é mais restrito, pois envolve a prática de uma das 20 modalidades de verão ou das 5 de inverno que contemplam o programa paralímpico, apresenta um sistema de classificação esportiva (médica ou funcional) que torna o atleta elegível ou inelegível para a prática, fazendo com que o esporte não

seja acessível a todos, apenas aqueles que se enquadram na classificação esportiva de cada modalidade para poder competir (COSTA; WINCLER, 2012).

Nas duas últimas décadas, o esporte paralímpico internacional apresentou um crescimento substancial, sendo os Jogos Paralímpicos de Londres um exemplo marcante. O Comitê Paralímpico Internacional (IPC) descreveu indicadores que chamaram a atenção como uma audiência estimada de 3,8 bilhões de telespectadores durante os 12 dias de competição (SPENCE, 2015).

Os Jogos Paralímpicos Rio 2016 foram considerados um dos maiores eventos esportivos, com 162 países participantes, sendo vendidos mais de 2,1 milhões de ingressos. No dia 10 de setembro, estiveram presentes 167 mil pessoas dentro do parque olímpico, maior número de pessoas contando a olimpíada e paralimpíada. Além disso, mais de 4,1 bilhões de pessoas, em 154 países, assistiram os canais pagos por dia de competição, sendo a maior audiência da história dos Jogos (CPB, 2017; IPC, 2016).

Os Jogos Paralímpicos caracterizam-se como macro evento, pois necessita de grandes investimentos em infraestrutura e grandes esforços em escala nacional para sediar corretamente o evento. Passou de um evento de segunda categoria, sem apoio e financiamento adequado em 1996, para se tornar um dos maiores eventos esportivos do mundo (BRITAIN, 2016; SPENCE, 2015).

Desde a sua primeira participação em Jogos Paralímpicos em Heidelberg - 1972, o Brasil apresenta resultados significativos em número de modalidades, colocação, participação e medalhas, como verificamos nos gráficos abaixo:

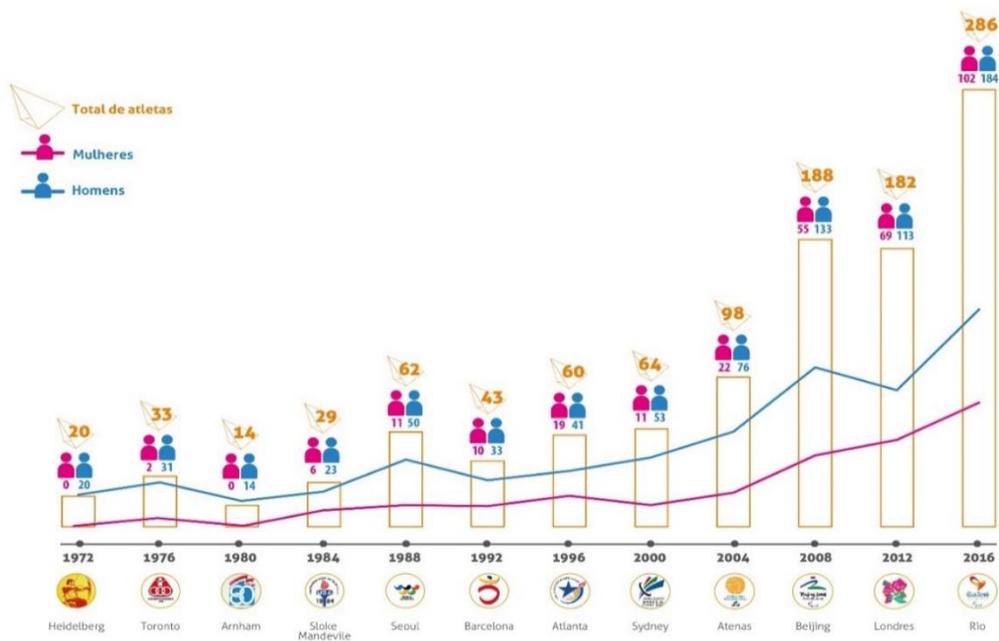
Gráfico 1: N° de modalidades, colocação e medalhas do Brasil



Fonte: CPB - www.cpb.org.br

Em sequência, apresentaremos o gráfico extraído do site do CPB, que demonstra o número de atletas mulheres e homens que representaram o Brasil nos Jogos Paralímpicos, desde a primeira participação brasileira.

Gráfico 2: N° de mulheres e homens brasileiros participantes de Jogos Paralímpicos



Fonte: CPB - www.cpb.org.br

Estes dados nos mostram uma grande evolução do esporte paralímpico brasileiro, que é administrado pelo Comitê Paralímpico Brasileiro (CPB) desde 1994. Esta evolução se dá por alguns fatores relacionados aos aspectos: administrativo organizacional, divulgação midiática, estrutura de treinamento, desenvolvimento acadêmico-científico (MARQUES *et al.*, 2013).

Estes itens são fundamentais, mas acrescentaremos o desenvolvimento profissional dos treinadores esportivos paralímpicos, um tópico fundamental para a qualidade e desenvolvimento dos treinamentos diários. Isso posto, um detalhamento do proposto por Marques *et al.* (2013):

O aspecto **administrativo organizacional**, é um fator determinante para o sucesso do esporte paralímpico brasileiro, sendo administrado da seguinte maneira:

- ✓ Administração direta das modalidades, como é o caso do atletismo, halterofilismo, natação e tiro esportivo;
- ✓ Confederações esportivas responsáveis pela modalidade olímpica e paralímpica, no caso da esgrima em cadeira de rodas, tiro com arco, tênis de mesa e hipismo.
- ✓ Confederações específicas por deficiência, como o caso da Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV) que administra esportes específicos para pessoas cegas ou com baixa visão (Goalball, Futebol de 5 e Judô), ANDE (Associação Nacional de Desporto para paralisados cerebrais) responsável pelo Futebol de 7 e Bocha e a ABDEM (Associação Nacional de Esporte para deficientes intelectuais);
- ✓ Confederações específicas para as modalidades paralímpicas, sendo a de Vôlei Sentado e Rugby em cadeira de rodas, que administram somente estes esportes (CPB, 2016; MARQUES *et al.*, 2013).

Divulgação midiática: após a década de 90, o *marketing*, que busca maior divulgação desta forma de esporte como um produto de mercado, tem viabilizado maior mercado midiático do esporte para pessoas com deficiência, produzindo transformações sociais em relação à pessoa com deficiência, como o aumento do número de espaços para a prática esportiva e a ascensão social produzida pelo esporte de alta *performance*, ocorrendo o aumento da comercialização e financiamento destinados ao esporte paralímpico (MARQUES *et al.*, 2013).

Para a **estrutura de treinamento**, o Comitê Paralímpico Brasileiro no ano de 2016 inaugurou o Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro. Trata-se do 4º maior centro de treinamento do paradesporto do mundo, que apresenta 15 áreas específicas de treinamento para as modalidades paralímpicas, 281 leitos, refeitório, academia, área de ciência do treinamento que é destinado às avaliações físicas e fisiológicas do exercício (CPB, 2016).

Fig. 4. Centro de Treinamento Paralímpico Brasileiro



Fonte: CPB - www.cpb.org.br

Certamente, este tipo de estrutura permite que o atleta com deficiência possa estar temporariamente morando, fazendo sua reabilitação e praticando seu esporte no mesmo local, facilitando a vida funcional destes sujeitos, além de vários atletas e ex atletas paralímpicos exercerem suas funções profissionais nestes centros.

O Centro de Treinamento Paralímpico possui carácter multidisciplinar, envolve o esporte educacional, de participação e principalmente de alto rendimento, ganhou destaque no cenário nacional e internacional, sendo um grande legado para o esporte paralímpico brasileiro. Atualmente, a utilização dos espaços com os treinamentos das seleções nacionais e eventos esportivos serve de exemplo para as instalações olímpicas (ANTONELLI, 2020).

O **conhecimento científico-acadêmico** se dá por meio da Academia Paralímpica Brasileira, que foi criada pela necessidade de sistematização do conhecimento acerca do desporto paralímpico. A Academia Paralímpica Brasileira está fundamentada em três pilares: relação institucional com o meio acadêmico,

publicações científicas e formação de recursos humanos, que dá ênfase em arbitragem, classificação e treinamento (MIRANDA, 2015).

A relação institucional com o meio acadêmico diz respeito às relações com as universidades de modo geral, numa perspectiva prática. Já as publicações científicas se objetivam tornar o conhecimento sobre as modalidades paralímpicas mais acessíveis aos interessados. E por fim os recursos humanos estão voltados para a arbitragem, classificação e treinamento, proporcionando uma equipe interdisciplinar aos atletas e comissões técnicas (MIRANDA, 2015).

Adicionamos um novo componente por nós denominado **desenvolvimento profissional dos treinadores esportivos paralímpicos**, indivíduos estes representativos ou profissionais, que buscam êxito nas principais competições estaduais, nacionais ou internacionais das modalidades paralímpicas, passou do orientador técnico do esporte adaptado na década passadas ao profissional especializado do esporte paralímpico. Isso constitui tema central de estudo da presente pesquisa.

Assim como o esporte paralímpico, o treinador esportivo paralímpico também passou e passa por grandes transformações ao longo da história. Desde seu início, no centro de reabilitação de Stoke Mandeville com o Dr. Gutmann, que tinha como objetivo amenizar o ócio do hospital e nos Estados Unidos que tinha como ideia reabilitar as pessoas que adquiriam lesão medular, integrá-las socialmente e prepará-las para o mercado de trabalho, com seu idealizador o Dr. Lipton.

Observamos que seus idealizadores eram pessoas que propunham nas décadas de 50/60 o esporte com o viés de reabilitação, sendo este formato voltado para o desenvolvimento integral e pessoal da PCD. Considerando que seus treinadores eram pessoas que estavam diretamente ligadas aos centros de reabilitação como médicos, enfermeiros, entre outros associados à área de saúde.

Atualmente, o treinador esportivo paralímpico para treinar equipes de alto rendimento, precisa se transformar. Treinadores do esporte paralímpico, apresentam particularidades relacionadas ao processo de treinamento de atletas com deficiência (FACUNDO *et al.*, 2019).

Sugerimos ao treinador esportivo atual, a busca do rendimento esportivo da PCD, transformando o conceito reabilitação em *performance*, desenvolvendo atletas que têm como característica a deficiência por meio da evolução física, técnica e tática, utilizando-se de metodologias do treinamento esportivo que na maioria das vezes são iguais ou adaptados do esporte olímpico, e com isto, mostrando que o esporte paralímpico está cada vez mais exigente e o atleta paralímpico passe a ser visto com potenciais e capacidades similares ou até maiores que o atleta olímpico, porém, sem esquecer que ele apresenta uma deficiência.

Para isto, a qualidade e quantidade de treinadores esportivos é um fator determinante para cada nível do *continuum* de desenvolvimento do esporte (BINGHAN; SHIBLI, 2008). Adaptações nos materiais e equipamentos como próteses, cadeiras de rodas e locais acessíveis são fundamentais para o desenvolvimento do esporte para pessoas com deficiência (TAYLOR; WERTHNET; CULVER, 2014; WAREHAM *et al.*, 2017).

No esporte paralímpico, tanto quanto nas demais vertentes, capacitação é fundamental, pois envolve fatores relacionados à deficiência, a funcionalidade, sendo necessário identificá-las e interpretá-las da teoria para a prática e a partir disto, criar procedimentos pedagógicos adequados para potencializar estes indivíduos na modalidade esportiva que se pretende praticar. Além disto, um profissional com características mais humanista se faz necessário, já que a deficiência pode trazer comportamentos sociais e psicológicos que envolve relações além do esporte.

Este esporte exige transformações organizacionais, sistematização, aplicação e avaliação dos procedimentos pedagógicos, vivências e aprendizagem das modalidades esportivas, contribuindo para a formação integral destes jovens atletas com deficiência (GALATTI, 2016).

Para a efetivação desta área da Educação Física e do esporte, disciplinas que abordam a pessoa com deficiência passaram a ser obrigatórias a partir do ano de 1987, no entanto, somente em 1992 foram efetivadas nos cursos de Educação Física (SILVA; SEABRA JUNIOR; ARAÚJO, 2008; SIMIM, 2014).

Portanto, o contexto histórico deste treinador esportivo não se limita apenas a universidade, apesar de atualmente se ter disciplinas associadas à pessoa com deficiência na graduação em Educação Física, essas são generalistas, não

apresentam uma abordagem aprofundada de questões sobre atletas com deficiência e suas particularidades no treinamento (DOUGLAS; FALCÃO; BLOOM, 2018).

A formação formal é fundamental para os treinadores esportivos, já que possibilita a construção do embasamento teórico para trabalhar com esta população. Os conhecimentos específicos sobre as deficiências são necessários para efetividade no trabalho e desenvolvimento do conhecimento profissional do treinador (CÔTÊ; GILBERT, 2009).

O ensino formal possibilita experiências de aprendizagem organizadas, realizada por professores especialistas, com procedimentos formais de avaliação, com qualidade no processo e reconhecimento por certificações (MALLETT *et al.*, 2009). O ensino formal ou ensino superior estimula o pensamento reflexivo e crítico, itens fundamentais para o sucesso contínuo dos treinadores, especialmente no que corresponde ao alto rendimento.

Duarte e Culver (2014), Taylor, Werthner e Culver (2014) descrevem a importância de se ter um contato prévio, antes do ensino formal, com a pessoa com deficiência, já que este momento propicia aprendizagem e motivação para atuar nesta área.

É comum o treinador esportivo que atua com a pessoa com deficiência, apresentar no seu contexto histórico, vivências com familiares ou conhecidos com deficiência, fazendo com que seu trabalho se torne voluntário em alguma instituição ou tenha um salário irrisório, concorrendo com outra ocupação profissional, e não podendo se dedicar exclusivamente para a modalidade esportiva.

Há diversos desafios para formação de treinadores esportivos como a identificação, o desenvolvimento e avaliação das competências de treinadores em diversos níveis, oportunidade de educação reflexiva, fazendo com que o mesmo associe os conteúdos teóricos às suas ações práticas, a aprendizagem continuada, por meio de um sistema de ensino flexível, permitindo estudar na hora, local e frequência que sejam adequadas às suas necessidades (ICCE, 2010).

Complementando, para o treinador esportivo paralímpico, estas competências são muito presentes, mas o mesmo precisa se identificar com a pessoa com deficiência e com o esporte paralímpico, uma vez que ao lidar com a diversidade,

exige um envolvimento maior, com características humanistas, que busca o desenvolvimento integral desses indivíduos, procurando potencializá-los diariamente.

Após todas as reflexões sobre o esporte para pessoas com deficiência, o esporte paralímpico e o treinador esportivo, descreveremos sobre o goalball, modalidade paralímpica, destinada a pessoas com deficiência visual.

2.3 - O GOALBALL

Os esportes coletivos caracterizam-se como um sistema dinâmico, que apresenta aspectos estruturados por elementos em interação, possibilidades de variação ao longo do tempo. Apresentam uma finalidade com medida de avaliação do resultado, necessitam de sujeitos que tomem decisões e de processos decisórios, apresentam ações de ataque e defesa e procuram resistir a estas ações (GRÉHAIGNE *et al.*, 2001).

O esporte configura-se como um universo único e próprio de suas características específicas, mas que se desmembra em diversas formas de manifestação (MARQUES, 2007). Trata-se de um fenômeno ímpar, com algumas características variáveis como o ambiente e o sentido dado à prática, e características não variáveis, como sua história, a competição inerente a prática e o uso do corpo para a atividade, características estas, presentes no goalball.

A modalidade foi criada em 1946 pelo austríaco Hans Lorenze e o alemão Sett Haindell, com o intuito de reabilitar soldados que sofreram lesões relacionadas ao órgão da visão no período de guerra. Diferente da maioria dos esportes paralímpicos que foram adaptados dos esportes convencionais, o Goalball não sofreu nenhuma adaptação. Configura-se como um jogo esportivo coletivo (JEC) sem invasão territorial disputado entre duas equipes com jogadores que apresentam deficiência visual², sendo inserida nos Jogos Paralímpicos em 1976 de Toronto, somente com a categorias masculina, e em 1980, na Holanda, o feminino (FURTADO *et al.*, 2016; MOLIK *et al.* 2015; MORATO *et al.*, 2012; SCHERER *et al.*, 2012; TOSIM *et al.*, 2008).

Os atletas dependem totalmente da percepção auditiva e tátil para potencializar sua *performance*, pois os movimentos com mais eficiência e melhor eficácia fazem com que os atletas se posicionem o mais rápido possível em ações

² Segundo o manual de classificação da International Blind Sports Federation – IBSA (IBSA, 2016), para as competições oficiais do Goalball, os jogadores devem se enquadrar na classificação esportiva para serem elegíveis para o jogo, sendo esta: Classe B1: da inexistência da percepção de luz em ambos os olhos, ou percepção de luz, porém com incapacidade para reconhecer a forma de uma mão a qualquer distância ou em qualquer direção; Classe B2: da capacidade para reconhecer a forma de uma mão até a acuidade visual de 2/60 (dois por sessenta) e/ou um campo visual menor que 5 (cinco) graus; Classe B3: da acuidade visual superior a 2/60 (dois por sessenta) até uma acuidade visual de 6/60 (seis por sessenta) e/ou um campo visual maior que 5 (cinco) graus e menor que 20 (vinte) graus.

ofensivas e defensivas no jogo (AMORIM *et al.*, 2010; MORATO *et al.*, 2012; TOSIM *et al.*, 2008).

O goalball apresenta exigências fisiológicas semelhantes a outros jogos esportivos coletivos, sendo um esporte acíclico, tendo como metabolismo predominante o aeróbio, determinante o anaeróbio alático e exigindo elevado nível de potência muscular, por suas ações serem explosivas e ocorrerem em tempos menores que 10 segundos (ALVES *et al.*, 2018).

Atualmente é praticado em mais de 94 países do mundo e no Brasil não é diferente, já que temos aproximadamente 80 clubes cadastrados e competindo os campeonatos regionais, estaduais e nacionais, organizados pela Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV, 2018; RANKING DA IBSA, 2019).

Mediante significativo número de atletas participando em competições nacionais, as seleções brasileiras masculina e feminina apresentam resultados importantes em âmbito mundial. O Brasil participa dos Jogos Paralímpicos desde Atenas – 2004 com a seleção feminina e Pequim – 2008 com a masculina. Atualmente a seleção brasileira masculina é bicampeã mundial (Finlândia 2014 e Suécia 2018) e medalha de prata nos Jogos Paralímpicos de Londres 2012 e bronze nos Jogos Paralímpicos Rio 2016, além da seleção feminina ter conquistado a medalha de bronze no campeonato mundial de 2018 (TOSIM *et al.*, 2020).

Identificamos uma progressão da modalidade goalball em âmbito nacional e internacional, os profissionais da área estão demonstrando bastante interesse em evoluírem, para isto algumas ações estão sendo realizadas para o fortalecimento da formação do treinador de goalball como a participação em fases de treinamento de seleções brasileira, palestras e oficinas práticas.

Observamos também a evolução dos atletas que fazem parte da seleção brasileira, já que estão disseminando os conhecimentos adquiridos para os clubes em que atuam, entretanto, o número reduzido de atletas que fazem parte do contexto da seleção não proporciona um desenvolvimento mais abrangente da modalidade.

Vale destacar, que o treinador esportivo de goalball, com concepções do esporte sendo modificadas a partir da busca da eficácia nas metodologias associadas a estratégia, tática, técnica e física no treinamento, introdução de equipes multidisciplinares no processo de preparação da seleção nacional, acompanhamento do analista de desempenho nos treinamentos, passando informações relevantes para o desempenho da equipe, participação com mais frequência em competições internacionais e profissionalização dos atletas, são fatores determinantes para evolução do esporte.

Em referências à evolução estratégica, tática e técnica da modalidade, os trabalhos escritos por Amorin (2010), Gomes e Tosim (2016), Morato *et al.*, (2016), Morato, Gomes e Almeida (2012), Nascimento e Camargo (2012), Tosim *et al.*, (2008, 2020) relatam sobre metodologias de treinamento técnico e tático para o goalball, contribuindo para a aplicabilidade nos treinamentos.

Complementamos que mediante as situações metodológicas do treinamento, o goalball para ser ensinado necessita ir além das estratégias pedagógicas de ensino-aprendizagem-treinamento da pessoa com deficiência visual, pois ações sociais estão muito presentes no esporte para pessoas com deficiência, tendo o treinador esportivo, a sensibilidade de perceber momentos em que o atleta se encontra mais carente, principalmente os que adquiriram a deficiência, e necessitam de apoio psicológico em alguns momentos.

A modalidade precisa sofrer alterações nos métodos de ensino-aprendizagem-treinamento, como recomendam autores como Bayer (1994), Garganta (1994), Scaglia (2013) que para a operacionalização dos conteúdos inferidos nos jogos esportivos coletivos, sugere-se que abandone a forte tendência tecnicista utilizada.

Nos jogos desportivos, a busca por exigências de refinamento no campo metodológico de treinamento e competição, deve ser complementado com a busca pela racionalização dos processos contribuindo com a eficácia da preparação dos jogadores e equipes (GARGANTA, 2008).

Para o desenvolvimento nos jogos desportivos coletivos (JDC), deve-se contemplar nas aulas/treinos pressupostos cognitivos indispensáveis à regulação de ações que envolve percepção, antecipação, tomada de decisão e a tarefa motora,

com objetivo de formar jogadores que solucionem problemas inerentes ao jogo (GRAÇA; OLIVEIRA, 1998; GARGANTA, 2006; SADI, 2010).

Identificamos que para o goalball, estas ações são realizadas sem um órgão sensorial, no caso a visão. As ações estratégicas e táticas do jogo devem ser desenvolvidas a partir da maturação atleta - equipe, explorando ações cognitivas por meio da verbalização entre os atletas e treinadores para o desenvolvimento técnico e tático dos jogadores.

A estratégia é definida como a planificação, o que antecede o jogo, ou seja, um processo organizado e bem definido a partir de um conjunto de dados, que orientam os métodos e princípios de ações em um dado cenário (GARGANTA, 1996; GREHAIGNE, 1992). A estratégia está associada a tática, já que precisam de adaptações instantâneas da estratégia conforme as configurações do jogo e à movimentação da bola (GREHAIGNE, 1992).

Tática de jogo é definida como a utilização adequada e racional da técnica (fundamentos do esporte). É baseada na análise que o atleta faz da situação (percepção), elaboração de uma resposta (tomada de decisão), e a execução de uma ação motora específica. A tomada de decisão envolve processos cognitivo e nível da capacidade tática do atleta (GRECO; CHAGAS, 1992; FERREIRA, 2002).

Nos esportes coletivos o conhecimento tático pode ser compreendido por meio do conhecimento tático declarativo (entendimento dos jogadores sobre os reais objetos e do ambiente de jogo, localização dos jogadores em quadra e as estratégias de ataque e de defesa) e conhecimento tático processual (condição de o atleta executar e operacionalizar habilidades específicas dentro do contexto do jogo, traduzidos em movimentos técnicos e seus recursos), mas ambos se complementam nas ações do jogo (TAVARES; GRECO; GARGANTA, 2006).

Já a técnica esportiva é a maneira pela qual uma habilidade é desempenhada, forma de resolver um movimento de forma objetiva e econômica, baseado de uma estrutura ideal de movimento que contemple as características ideais do atleta (BAYER, 1987; BOMPA, 2005; REIDER, 1983; ROTH, 1989; WEINECK, 1983).

A técnica não pode estar reduzida apenas aos fundamentos da modalidade, mas, se deve considerar métodos em que o atleta possa criar novas possibilidades motoras ou que selecione a técnica mais adequada para as diferentes situações do jogo (GALATTI *et al.*, 2017).

Os mesmos autores relatam que estratégia antecipa os objetivos das ações tática, que são momentâneas e confirmarão ou reorganizarão as estratégias; A tática só se concretiza com as ações motoras específicas, que é a técnica. Ou seja, os três conceitos são indissociáveis e a tática estabelece a relação entre a estratégia e a técnica do esporte.

Percebemos que na iniciação esportiva do goalball, a aprendizagem dos fundamentos do jogo é aprimorada por meio da metodologia analítica-sintética. Para isso, deve-se partir do pressuposto global-funcional, pois a ausência da visão necessita que a pessoa com deficiência visual aprenda alguns gestos técnicos para iniciar no esporte, evitando que ocorra contato excessivo entre os jogadores e/ou bola pela ausência da visão.

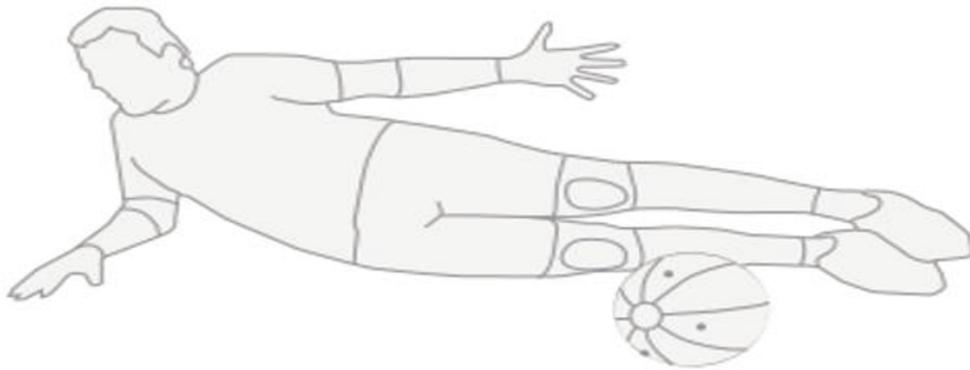
Relacionado as ações técnicas defensivas do Goalball, os atletas podem utilizar os membros superiores e inferiores para a interceptação da bola conforme observamos as figuras 5 e 6.

Fig. 5: Técnica de defesa com os membros superiores



Fonte: GOMES; TOSIM (2016, p.30).

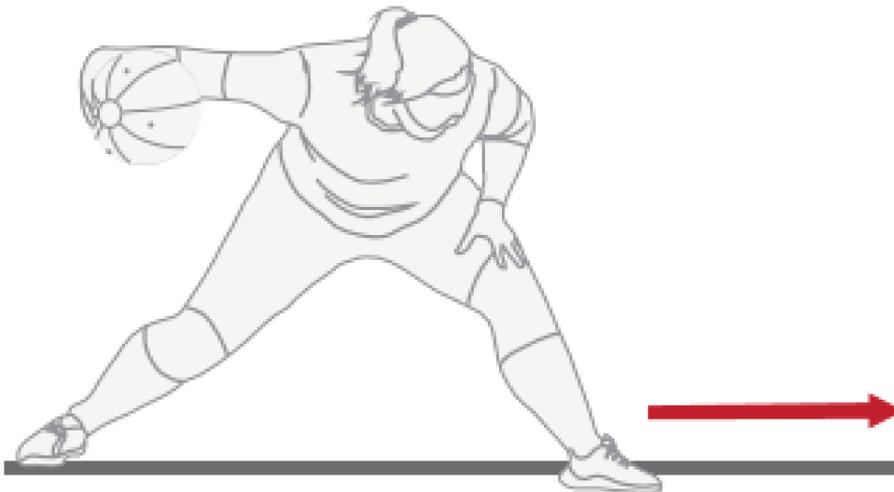
Fig. 6 - Técnica de defesa com os membros inferiores.



Fonte: GOMES; TOSIM (2016, p.30).

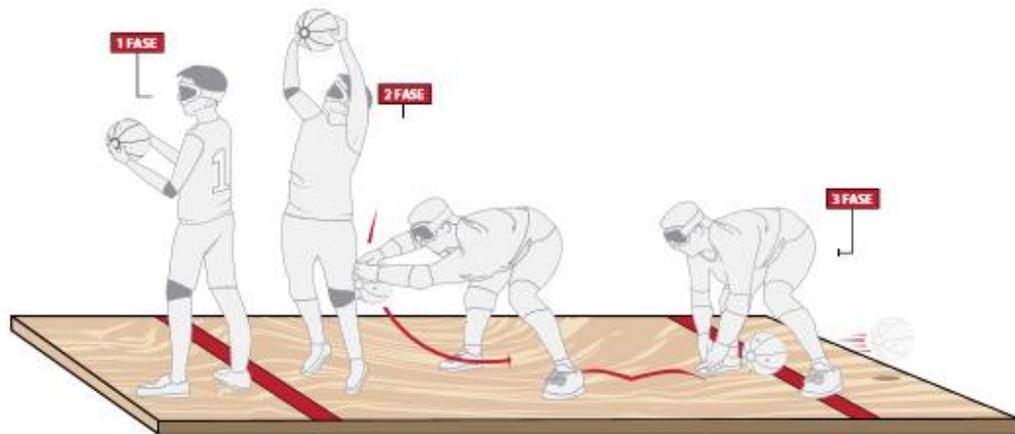
Sobre as técnicas ofensivas, existem três formas de lançamento do implemento, sendo: o lançamento frontal, lançamento entre as pernas e lançamento com giro, conforme as figuras abaixo.

Fig. 7 – lançamento frontal.



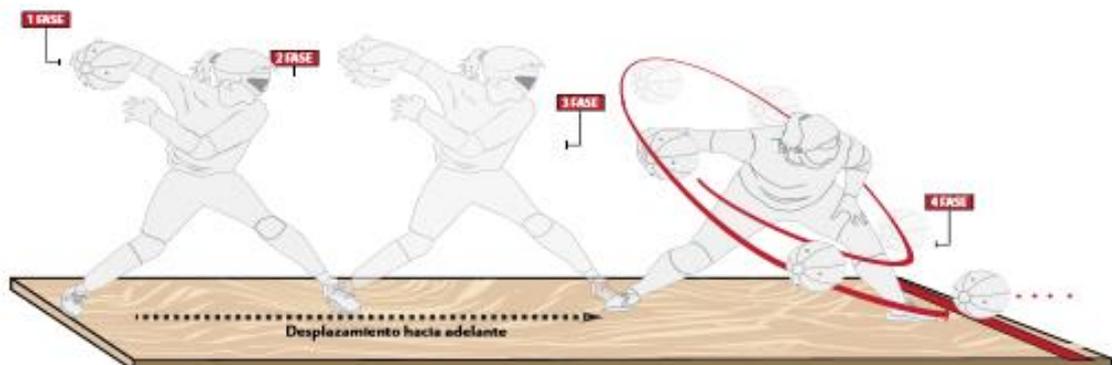
Fonte: GOMES; TOSIM (2016, p.26)

Fig. 8 – lançamento entre as pernas.



Fonte: GOMES; TOSIM (2016, p.27).

Fig. 9 – lançamento com giro.



Fonte: GOMES; TOSIM (2016, p.27).

Sugerimos que para a iniciação ao goalball, diferente de outros esportes coletivos, o treinador esportivo em suas estratégias de ensino aprendizagem utilize-se da técnica esportiva, como forma de proteção física aos jogadores, e a partir disto, que os atletas possam aprender o jogo e suas ações táticas.

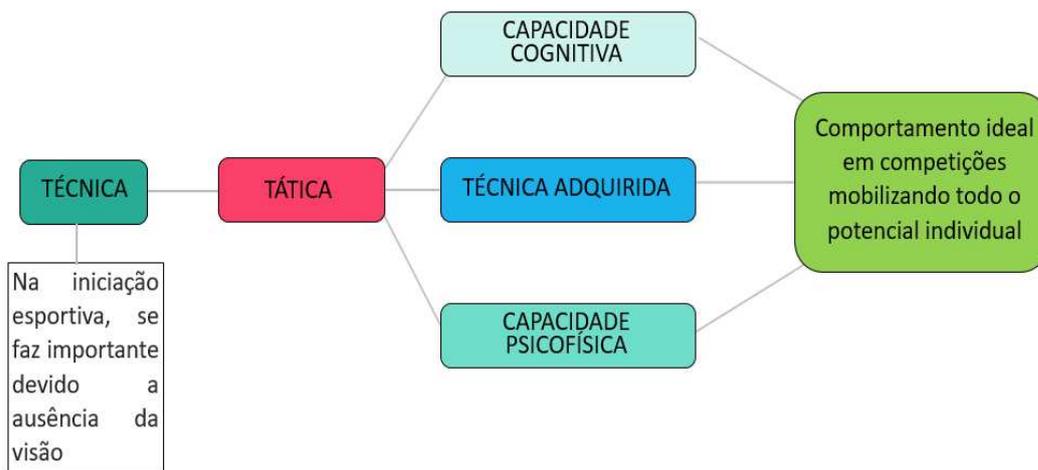
O controle de técnicas prévias pode favorecer a confiança e controle, evitando que ocorra algum contato excessivo pela ausência da visão na aprendizagem do esporte. Ainda seguindo nos exemplos, podemos descrever a importância de se executar uma defesa com a técnica adequada de membros superiores e inferiores, já que a mesma foi desenvolvida para evitar o gol e que a bola acerte partes sensíveis

do corpo do defensor, como o rosto, podendo levar a danos irreversíveis ou alguns traumas para a pessoa com deficiência visual, como as perdas de resíduos visuais (GALATTI; TOSIM; MONTAGNER, NO PRELO).

Ao assistir jogos de iniciantes é possível identificar as dificuldades táticas do jogo, e o treinador esportivo tem por objetivo propiciar formas facilitadoras para o aprendizado, acima de tudo, que motivem os alunos a prática da modalidade (BIANCO, 2006).

Metodologias que explorem situações de jogo em suas aulas, necessitam que o professor/treinador tenha cuidado didático para garantir um ambiente de jogo com planejamento, objetivos e conteúdos orientados pela natureza do jogo com os procedimentos didáticos. Não é simplesmente jogar, mas possibilitar um ambiente de aprendizagem em que os procedimentos pedagógicos sejam explorados e alcançados de forma que se desenvolvam suas competências e habilidades (ato de jogar) com a lógica do jogo (jogar melhor/obter êxito) (SCAGLIA *et al.*, 2013).

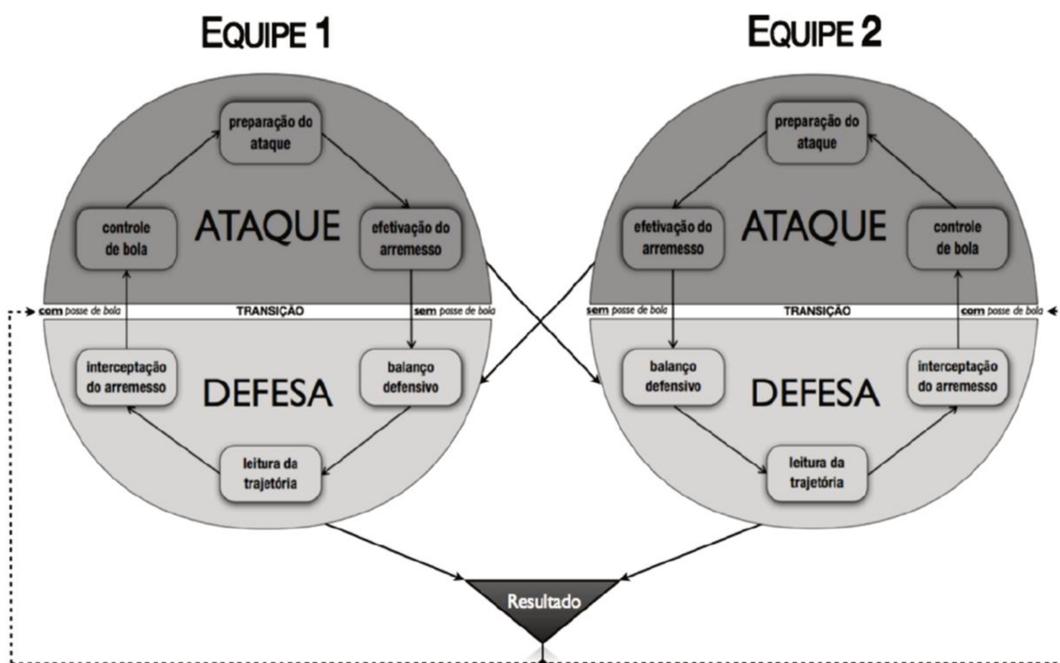
Fig. 10 – Componentes da movimentação tática.



Fonte: adaptado de Weineck (1999)

Para o desenvolvimento do jogo, a dinâmica acontece por meio de ações de ataque e defesa, e as ações táticas são realizadas por meio da audição e comunicação entre os jogadores. Morato (2012) descreve a auto-organização do jogo de goalball conforme a figura abaixo:

Fig. 11 – Auto-organização no goalball.



Fonte: MORATO (2012, p.62).

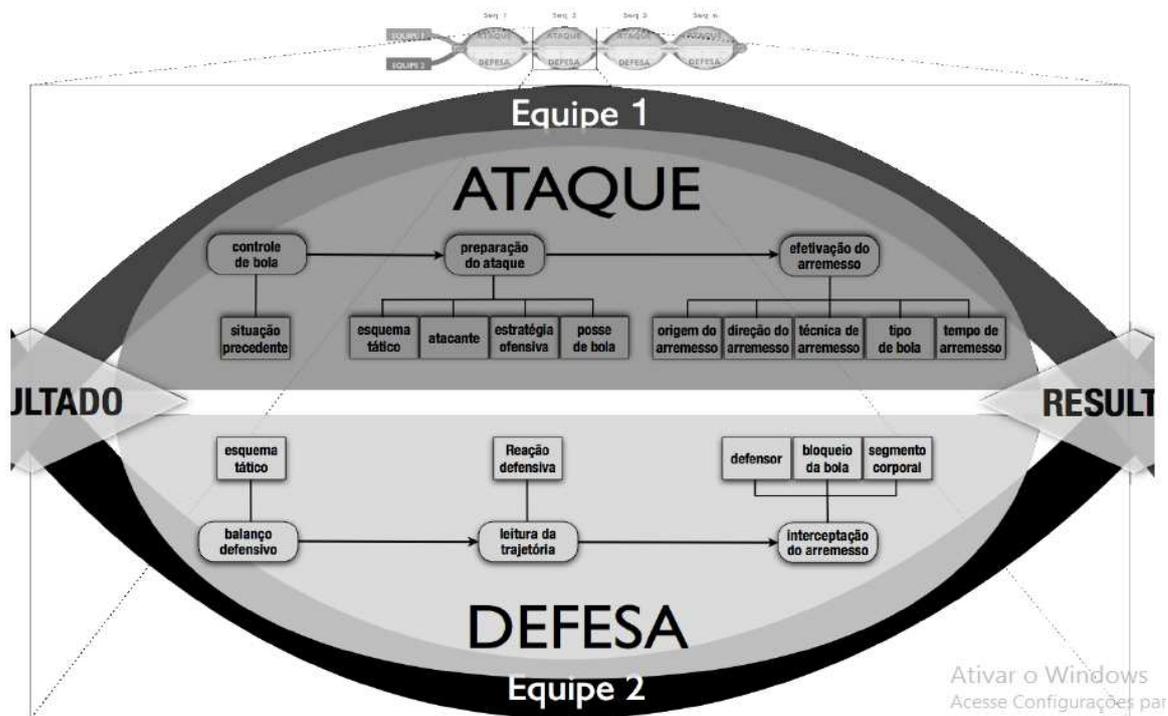
No goalball, a comunicação verbal e sonora se faz fundamental, pois os atletas não estão visualizando as ações do adversário. A linguagem do jogo acontece à medida que ações sonoras emitidas pela equipe oposta e a emissão sonora da bola, fazem com que a comunicação aconteça e as ações táticas sejam realizadas.

Nos jogos esportivos coletivos a comunicação é fundamental e embora não signifique dizer que os jogadores devem conversar durante as ações do jogo, trata-se de uma metacomunicação, ou seja, comunicação corporal, que acontece à medida que os jogadores aprendem a linguagem do jogo (SCAGLIA, 2011; LEONARDO *et al.*, 2009).

Os mesmos autores descrevem que aprender a se comunicar no jogo, frente às situações apresentadas na partida, com posicionamentos individuais, do grupo e do coletivo, de forma adequada. A linguagem do jogo é uma analogia para entender a lógica do jogo, interpretá-la à luz das circunstâncias.

Para o ciclo de auto-organização acontecer, faz-se necessário a efetivação das ações ofensivas e defensivas das equipes em situação de jogo (MORATO, 2012), conforme observamos na figura abaixo.

Fig. 12 - Subdivisões das dimensões ofensivas e defensivas



Fonte: MORATO (2012, p.78)

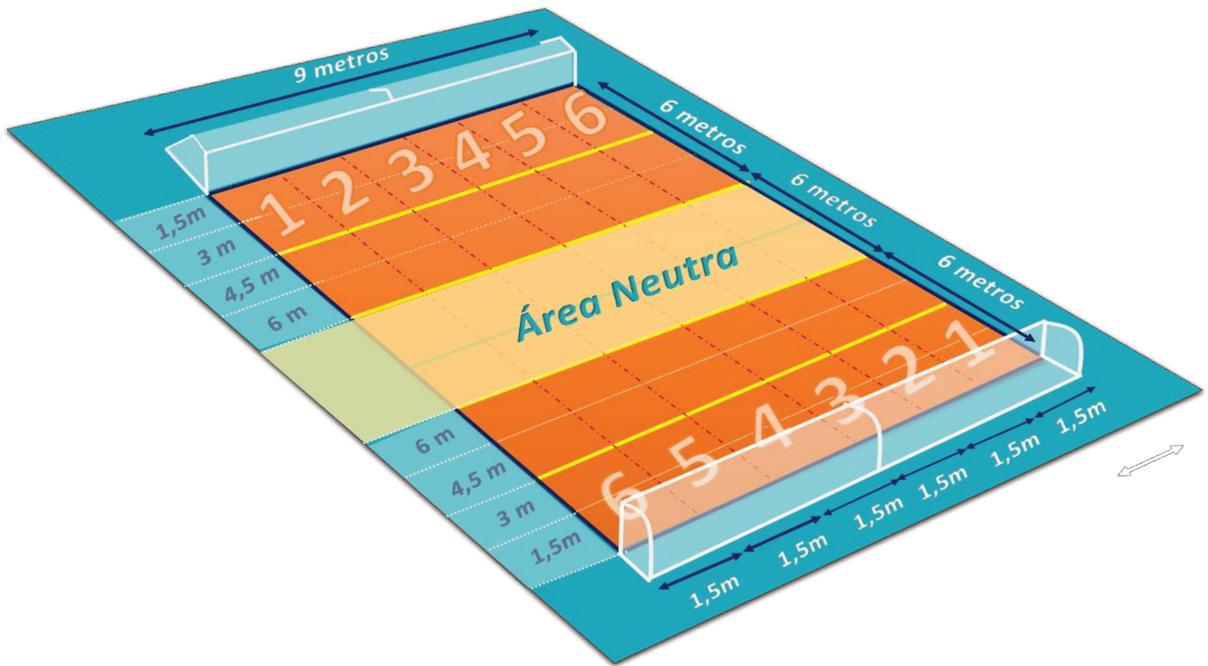
Na dimensão ofensiva, a equipe se organiza para cumprir os princípios de controle da bola, preparação do ataque e efetivação do arremesso, enquanto na defensiva realiza o balanço defensivo, a leitura da trajetória e a interceptação do arremesso (MORATO *et al.*, 2012).

Assim, para as ações ofensivas destacamos:

- ✓ Controle de bola: trata-se de uma ação de defesa, realizado com os membros superiores, inferiores ou tronco com objetivo de ter o controle da bola;
- ✓ Preparação para o ataque: envolve o esquema tático utilizado pela equipe, o atacante (qual dos três jogadores irá executar o arremesso), a estratégia ofensiva (refere-se à organização dos atacantes para arremessar - contra-ataque, flutuação, finta, passe); e a posse de bola (relacionado ao tempo para a execução do ataque, limitados à restrição de 10 segundos previstas pela regra);
- ✓ Efetivação do arremesso: envolve a origem do arremesso (em que a bola terá seu primeiro contato com o solo); a profundidade do arremesso (qual

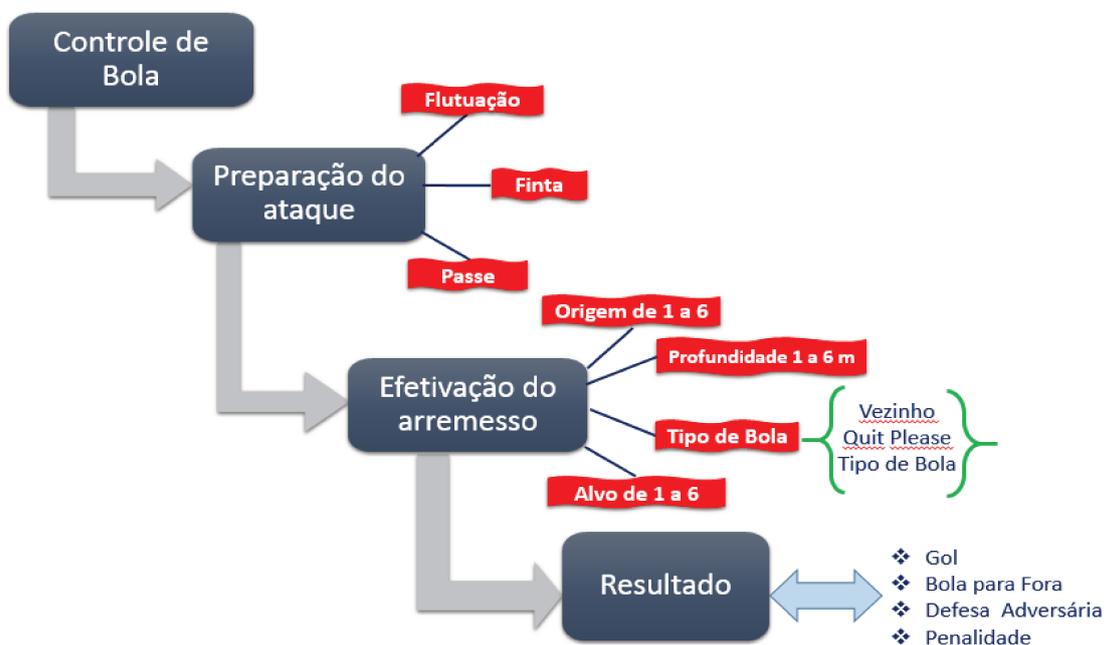
a distância a partir da baliza até 6 metros à frente, conforme as regras do jogo); a técnica de arremesso utilizada para arremessar (Figuras 3, 4 e 5); Tipo de bola (lisa, quicada e com efeito); Tempo de arremesso, se será um arremesso mais rápido com as bolas lisas ou mais pausado com as bolas quicadas e a direção do arremesso (origem - alvo);

Fig. 13 – Dimensão ofensiva do goalball



Fonte: Elaborado pelo autor.

Fig. 14 – Diagrama das ações ofensivas e defensivas do goalball



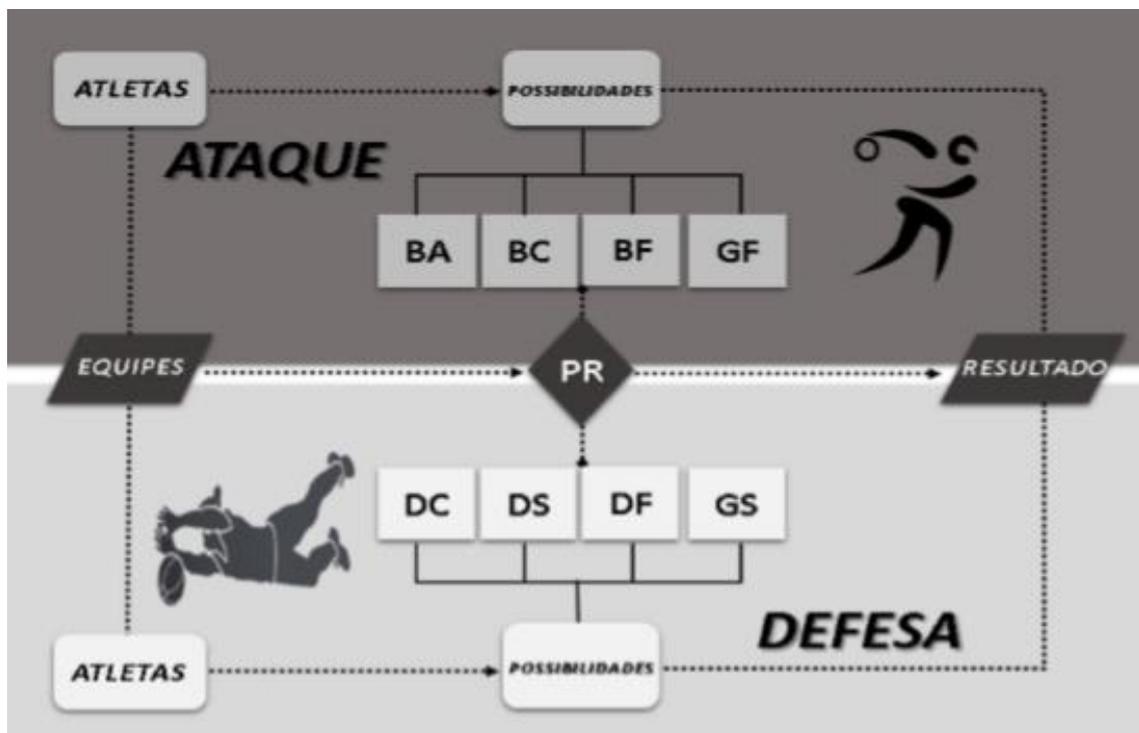
Fonte: Elaborado pelo autor.

Relacionado as ações defensivas destacamos:

- ✓ Esquema tático defensivo: atualmente apresentam grande diversificação, sempre objetivando maior ocupação espacial;
- ✓ Balanço defensivo: sendo caracterizado pela movimentação prévia da equipe;
- ✓ Leitura da trajetória da bola: melhor posicionamento em direção ao implemento;
- ✓ Interceptação do arremesso: em que ocorre a recepção da bola pelos defensores e o segmento corporal definido pela ocupação espacial e trajetória da bola.

Como resultado das ações ofensivas e defensivas do jogo, Trapp (2016) descreve a partir das análises de desempenho os possíveis resultados.

Fig. 15 - Diagrama da sequência de uma partida de goalball



Fonte: TRAPP (2016, p.51)

Os códigos significam: Ações de ataque (Bola no Alvo – BA, Bola Fora – BF, Bola nos Centros – BC e Gols Feitos – GF); Ações de defesa (Defesa com Domínio – DC, Defesa Sem Domínio – DS, Defesa para Fora – DF e Gols Sofridos – GS; Penalidades (Penalidade Realizada – PR, Penalidade Convertida – PC, Penalidade Defendida – PD e Penalidade Errada – PR).

Portanto, o sistema de auto-organização que caracteriza o jogo de goalball, compreende uma dimensão ofensiva seguida de uma dimensão defensiva, abordando cada componente próprio destas dimensões, trazendo resultados significativos ou não para ambas as equipes.

Após apreciação dos marcos teóricos, entraremos nos tópicos principais do estudo, que será constituído pela pesquisa de campo, no qual teremos a metodologia da pesquisa, resultados, discussões e conclusões do estudo.

3 - MÉTODO

Para o devido aprofundamento do estudo, julgamos procedente dividi-lo em 9 etapas, como observamos a seguir:

3.1 - CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO E DESENHO DA PESQUISA

A caracterização do estudo e desenho da pesquisa pode ser classificada com base nos objetivos gerais da pesquisa, sendo esta: descritiva, exploratória e explicativa (GIL, 2008).

O mesmo autor relata que as **pesquisas descritivas** possuem como principal objetivo a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou, ainda, estabelecer relações entre variáveis. Dentre as pesquisas descritivas, encontramos aquelas que caracterizam um grupo, como por exemplo: idade, sexo, procedência, nível de escolaridade, nível de renda, entre outros.

A estratégia descritiva privilegia a validade externa sobre a interna, e descreve as coisas como elas acontecem, sem qualquer alteração das variáveis, ou grupos de comparação, ou comportamentos que predizem modelos de ensaio. Portanto, o objetivo neste tipo de pesquisa é a definição, classificação e/ou categorização de eventos, o que geralmente não requer a utilização de hipóteses (ATO; LÓPEZ; BENAVENTE, 2013).

Diante deste tipo de pesquisa, “as pesquisas descritivas são, juntamente com as exploratórias, as que habitualmente realizam os pesquisadores sociais preocupados com a atuação prática” (GIL, 2008, p. 28).

A **pesquisa exploratória** objetiva desenvolver, esclarecer e aprimorar ideias, proporcionar maior familiaridade com o problema da pesquisa. As pesquisas exploratórias são realizadas com a finalidade de proporcionar uma visão geral, do tipo aproximativo, acerca de um determinado assunto, sendo realizado quando o tema é pouco explorado e torna-se difícil realizar hipóteses precisas e operacionalizáveis (GIL, 2008).

Considerando os procedimentos técnicos utilizados, esta pesquisa classifica-se em dois grupos:

- ✓ Pesquisa bibliográfica - Aquelas que buscam informações em fontes bibliográficas em papel (pesquisa bibliográfica e documental);

- ✓ Pesquisa experimental ex-post facto - Aquelas cujos dados são fornecidos por pessoas.

Assim, as pesquisas bibliográficas abrangem toda bibliografia já tornada pública em relação a um tema estudado, mas em particular nos estudos exploratórios, caracterizados pela necessidade de analisar e discutir determinado tema, considerando as diversas posições acerca do problema de estudo (MARCONI; LAKATOS, 2016).

A pesquisa **ex-post facto** é definida como “uma investigação sistemática e empírica na qual o pesquisador não tem controle direto sobre as variáveis independentes, porque já ocorreram suas manifestações ou porque são intrinsecamente não manipuláveis” (GIL, 2008, p.54).

Identificamos que o pesquisador busca nesse tipo de pesquisa identificar situações que se desenvolveram naturalmente e trabalhar como se estivessem submetidos a controles e faz-se necessário localizar grupos cujos indivíduos sejam bastante semelhantes entre si.

Apesar das semelhanças com a pesquisa experimental, o delineamento *ex-post facto* permite constatar as relações entre as variáveis, mas não garante que suas conclusões relativas às relações do tipo causa-efeito sejam totalmente seguras (GIL, 2008).

Complementando Moerch *et al.*, (2011) relatam que relacionado às pesquisas que envolvem informações retrospectivas, uma grande dificuldade é garantir a validade dos dados obtidos. Já para Hodges *et al.*, (2007) neste tipo de pesquisa, os estudos podem direcionar-se a possíveis imprecisões nas respostas dos treinadores, gerando distorções nas análises. No entanto, Côtê, Ericsson, Law (2005) complementam que as pesquisas retrospectivas são até hoje a principal fonte de informações sobre aspectos referentes à trajetória formativa dos treinadores.

Identificamos que poucos trabalhos são relacionados ao contexto formativo dos treinadores esportivos paralímpicos. Encontramos os trabalhos de Facundo *et al.*, (2019) que abordam a trajetória profissional de treinadores paralímpicos, Milistetd *et al.*, (2017) relatam sobre desenvolvimento profissional de treinadores canadenses e Silva *et al.*, (2019) o conhecimento de treinadores de bocha paralímpica, mas não

encontramos nada específico relacionado ao contexto formativo de treinadores de goalball.

Considerando o objetivo de identificar os contextos formativos, conhecimentos e competências de treinadores/as atuando em nível nacionais e internacionais de goalball, a presente pesquisa caracteriza-se como uma pesquisa exploratória-descritiva *ex-post facto* (desenho retrospectivo) na medida em que os dados coletados se referem a fatos passados (GIL, 2008). Diante deste perfil de pesquisa, é necessário entender a importância do pesquisador conhecer e compreender o desenho utilizado na pesquisa, bem como as etapas e os princípios para sua implementação adequada em busca de atingir os objetivos propostos.

Realizamos o delineamento da pesquisa respeitando as seguintes etapas: A-) Marcos teóricos, B-) Formulação do problema, C-) Formulação dos objetivos geral e específicos, D-) Localização dos grupos para investigação, E-) Elaboração do instrumento para coleta de dados, F-) Procedimentos para coleta de dados, G-) Análise e interpretação dos dados e H-) Conclusão.

3.2 - INSTRUMENTO E PROCEDIMENTO PARA A ELABORAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Para o desenvolvimento do estudo, o desenho retrospectivo possui como característica significativa a utilização de técnicas padronizadas de coleta de dados, tais como o questionário e a observação sistemática (GIL, 2008).

Perante às características do presente estudo e o número de voluntários, optamos pela utilização do questionário como instrumento de coleta de dados. O questionário é um instrumento de coleta de dados, constituído por uma série ordenada de perguntas, que devem ser respondidas por escrito, sem a presença do entrevistador (MARCONI; LAKATOS, 2016). Para nosso estudo, o pesquisador enviou por e-mail o questionário para o entrevistado, que após responder, retornou da mesma forma ao entrevistador.

O questionário é uma técnica de pesquisa composta por um conjunto de perguntas com intenção de obter informações sobre o conhecimento, crença, sentimentos, valores, expectativas, fatos e comportamentos do presente ou passado

(MARCONI; LAKATOS, 2016). O questionário passa ser uma ferramenta importante para este tipo de pesquisa, pois apresenta certa facilidade para interrogar as pessoas, em um curto espaço de tempo (GIL, 2002).

Marconi e Lakatos (2016, p.184-185) descrevem as vantagens de se trabalhar com questionários para coleta de dados:

- A-) Economiza, tempo, viagens e obtém grande número de dados;
- B-) Atinge maior número de pessoas simultaneamente;
- C-) Abrange uma área geográfica mais ampla;
- D-) Economiza pessoal, tanto em adiestramento quanto em trabalho de campo;
- E-) Obtém respostas mais rápidas e mais precisas;
- F-) Há maior liberdade nas respostas, em razão do anonimato;
- G-) Há mais segurança, pelo fato de as respostas não serem identificadas;
- H-) Há menos riscos de distorção, pela não influencia do pesquisador;
- I-) Há mais tempo para responder e em hora mais favorável;
- J-) Há mais uniformidade na avaliação, em virtude da natureza impessoal do instrumento;
- K-) Obtém respostas que materialmente seriam inacessíveis.

Para a elaboração do questionário, é necessário a observância de normas precisas, a fim de aumentar a eficácia e validade do instrumento de coleta de dados. O pesquisador necessita conhecer bem o assunto e exige cuidado na elaboração e seleção das questões, deve considerar sua importância para o estudo e oferecer condições de obter informações válidas (MARCONI; LAKATOS, 2016).

Diante da metodologia, alguns cuidados como a utilização de perguntas mais objetivas, com base nas lembranças do passado e experiências habituais que fazem parte da sua formação como treinador esportivo. Com este perfil de perguntas, buscamos maior precisão nas respostas em relação às perguntas mais gerais que obrigam a reflexão ou que buscaram a opinião dos treinadores esportivos de Goalball.

Para construção do questionário de pesquisa, optamos por perguntas de múltipla escolha, caracterizadas por perguntas fechadas, mas que apresentam uma série de possíveis respostas, abrangendo diferentes facetas do mesmo assunto, e também abordamos questões que apresentam características concretas, tangíveis, fáceis de precisar, ou seja, dados objetivos (MARCONI; LAKATOS, 2016).

3.3 – VALIDAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Após a elaboração do questionário e aprovação do estudo no Comitê de Ética e Pesquisa, fizemos a validação do questionário, realizando em uma etapa: Pré-peritagem. Barreira *et al.*, (2012) relatam que essa etapa de pré-peritagem tem por objetivo tornar sua aplicação clara e célere quanto possível.

Para isto, selecionamos intencionalmente 5 participantes que deveriam cumprir 4 dos 5 critérios de seleção estabelecidos no estudo:

- I-) Formação em Educação Física;
- II-) Pós-graduação em nível de mestrado;
- III-) Ter conhecimentos básicos sobre o goalball;
- IV) Ser ou ter sido treinador de modalidades em qualquer nível (educacional, participação ou rendimento);
- V-) Possuir publicações científicas sobre treinador esportivo, goalball ou esportes adaptados.

Fizeram parte da validação pré-peritagem 5 peritos que se enquadraram nos critérios de inclusão, conforme mostra o quadro abaixo:

Quadro 2: Critérios de seleção dos peritos para validação do questionário

	Critério I	Critério II	Critério III	Critério IV	Critério V
Perito I	X	X	X	X	X
Perito II	X	X	X		X
Perito III	X	X	X		X
Perito IV	X	X	X		X
Perito V	X	X	X		X

Fonte: Elaborado pelo autor

Esta etapa teve o intuito de verificar se as questões elaboradas abrangem a totalidade dos problemas deste estudo. Os peritos propuseram ajustes em algumas questões, acréscimo e retirada de outras com a intenção de deixar o questionário mais claro possível para os participantes.

3.4 - INSTRUMENTO DE PESQUISA

Para a coleta dos dados utilizamos um questionário (Apêndices 1, 2 e 3) visando: A-) Identificar o perfil dos treinadores da investigação (sexo, idade, nacionalidade); B-) Informações do passado dos treinadores entrevistado; C-) Formação Profissional; D-) Atuação Profissional; E-) Conhecimentos do treinador esportivo; F-) Competências Profissionais do treinador esportivo.

Os treinadores esportivos receberam o questionário específico nos idiomas português, inglês e espanhol (traduzidos por pessoas fluentes nas línguas e pós graduados em Educação Física), optando pelo idioma de preferência para as respostas com questões definidas após a validação pré-peritagem, dividido em: 7 questões relacionadas as informações do passado, 5 sobre a formação profissional, 8 questões associadas a atuação profissional e para as etapas sobre o conhecimento e competência dos treinadores esportivos, utilizamos a escala de Likert, contendo 21 itens sobre o conhecimento e 23 sobre as competências do treinador esportivo.

3.5 - PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS PARA COLETA DE DADOS

O Google Forms foi a plataforma utilizada como ferramenta de coleta de dados on-line, viabilizando a aproximação com os voluntários nacionais e internacionais.

Os treinadores esportivos participantes da pesquisa receberam em seus e-mails o link para acesso a plataforma Google Forms, nos idiomas português, espanhol ou inglês, que ao acessá-lo o direcionava ao questionário. O documento, na sua introdução, apresenta todas as recomendações do estudo e os voluntários assim que aceitassem participar, autorizavam automaticamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE).

Para o desenvolvimento da pesquisa, este projeto foi submetido e aprovado pelo **Comitê de Ética e Pesquisa** da Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP (Anexo 1), **CAEE 11272719.1.0000.5404**.

3.6 - RECRUTAMENTO E PARTICIPANTES DA PESQUISA

Para o desenvolvimento da pesquisa, por se tratar de treinadores esportivos voluntários dos diversos estados do Brasil e de diversos países do mundo, os mesmos foram recrutados da seguinte forma:

- **Treinadores voluntários Nacionais:** os treinadores nacionais estão em um banco de dados da Confederação Brasileira de Desportes de Deficientes Visuais (CBDV) que autorizou aplicação da pesquisa (Anexo 2) e disponibilizou a lista de contato de todos os treinadores nacionais da modalidade cadastrados na CBDV. Após a aprovação do Comitê de Ética, o pesquisador responsável enviou um e-mail para todos os treinadores nacionais com o link de acesso ao questionário eletronicamente, que o direcionou para a plataforma Google Forms, sendo esta disponibilizada na língua Portuguesa.
- **Treinadores voluntários Internacionais:** Para o recrutamento dos treinadores internacionais, o pesquisador principal deste estudo é o atual treinador da seleção brasileira de goalball, que está constantemente em competições internacionais. Após a aprovação do Comitê de Ética, solicitou o e-mail dos treinadores internacionais informalmente nas seguintes

competições (Campeonato Mundial – Suécia 2018, Malmo Cup – Suécia 2019, Jogos Parapanamericanos – Lima 2019 e Jogos Mundiais – EUA 2019) ou contatos via redes sociais. A partir deste momento, os treinadores receberam do pesquisador responsável um e-mail com o link para acessar o questionário eletronicamente que o direcionaram a plataforma Google Forms nas línguas Inglesa ou Espanhola, e os treinadores optavam pela língua que mais o interessava.

Após respondido e enviado, os questionários ficaram armazenados em um banco de dados da própria plataforma Google Forms e posteriormente analisados.

3.7 - CRITÉRIOS DE INCLUSÃO DOS PARTICIPANTES

1. Concordar em participar da pesquisa, mediante o aceite na plataforma Google Forms, o que autoriza e valida o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);
2. Ser treinador de nível nacional e/ou internacional de goalball;
3. Apresentar idade igual ou superior a 18 anos;
4. Ter pelo menos 3 anos de experiência com a modalidade;

3.8 - AMOSTRA DA PESQUISA

Fizeram parte do estudo 81 treinadores esportivos de goalball, de 5 continentes. Diante deste número e análises das respostas do questionário, optamos por dividir em dois grupos:

- ✓ **Treinadores de Nível Nacional – TNN** - (todos aqueles que participam de competições escolares, regional, estadual e nacional);
- ✓ **Treinadores de Nível Internacional – TNI** – (todos aqueles que participam de competições continentais, mundiais e paralímpicas).

Lembrando que para fazer parte do estudo, os treinadores obrigatoriamente tiveram que se enquadrar nos critérios de inclusão do estudo e ao aceitarem responder o questionário, autorizavam automaticamente o Termo de Consentimento Livre e Esclarecimento (TCLE).

3.9 - ANÁLISE DOS DADOS

Utilizamos duas técnicas para a análise dos dados: questões de múltipla escolha (nominais), utilizamos o teste qui-quadrado, pois é um teste não paramétrico, que possibilita verificar a frequência com que determinado acontecimento observado se desvia significativamente ou não da frequência com que ele é esperado, permitindo assim caracterizar uma determinada amostra (BUSSAB; MORETTIN, 2002). Frequências relativas e absolutas foram utilizadas para resumir o banco de dados qualitativos.

Para as questões de fato (quantitativas) utilizamos a estatística descritiva por meio da média \pm D.P. Utilizamos também para comparação entre médias o teste “*t de Student*”, que compara duas amostras pareadas, compara duas amostras independentes, sendo considerado diferenças significativas valores acima de 0,05. As análises foram realizadas por meio do programa “GraphPad Prism 8” foi empregado para efetuar as análises e confeccionar os gráficos.

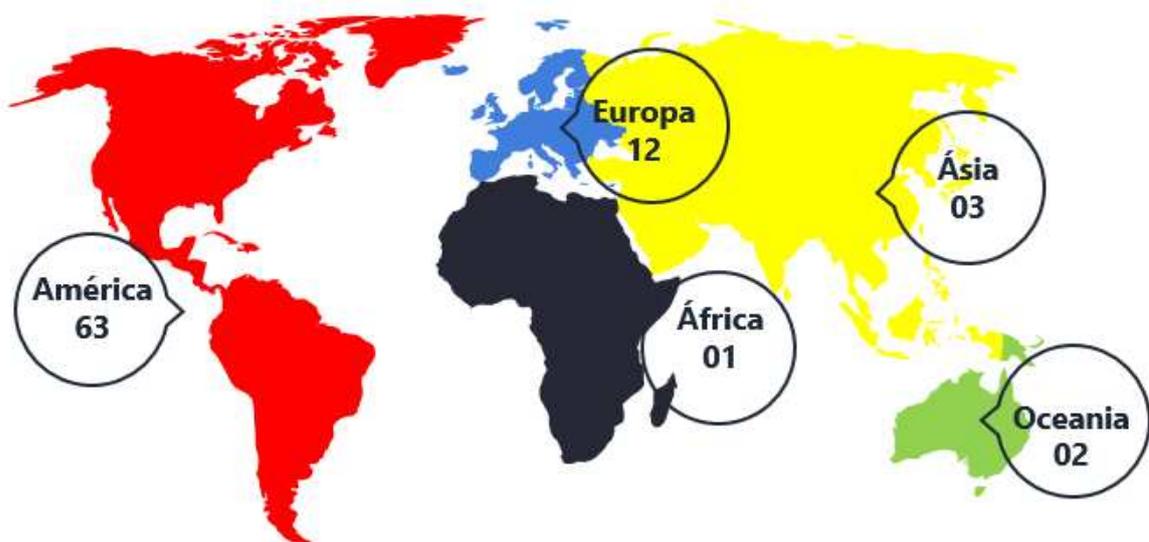
4 – RESULTADOS

Apresentamos neste tópico os resultados adquiridos nas entrevistas com os treinadores, brasileiros e seus respectivos estados, estrangeiros e seus respectivos continentes e países. Após esta etapa, analisamos e dividimos em Treinadores de Nível Nacional (TNN) e Treinadores de Nível Internacional (TNI) associando com a pesquisa *ex-post facto*.

4.1 ANÁLISE DA AMOSTRA

Fizeram parte da pesquisa 81 treinadores de cinco continentes provenientes de 23 países divididos em: 63 do continente americano, 12 do Europeu, 3 do Asiático, 2 da Oceania e 1 do continente Africano (Figura 16).

Fig. 16 – Treinadores Esportivos participantes da pesquisa



Fonte: elaborado pelo autor

Destes, 41 são brasileiros e 40 estrangeiros. Dos 41 treinadores brasileiros encontramos: 18 da região sudeste (11 do estado de São Paulo, 2 do Rio de Janeiro e 5 de Minas Gerais), 10 da região nordeste (2 da Bahia, 3 de Pernambuco, 2 do Rio Grande do Norte, 2 da Paraíba e 1 do Ceará), a região Centro – oeste participou com 6 treinadores (3 do Mato Grosso e 3 do Distrito Federal), a região norte com 2 (1 do

Pará e 1 do Amapá) e pô fim a região Sul com 5 treinadores (2 do estado do Paraná, 2 de Santa Catarina e 1 do Rio Grande do Sul) como observamos o mapa abaixo (Figura 17).

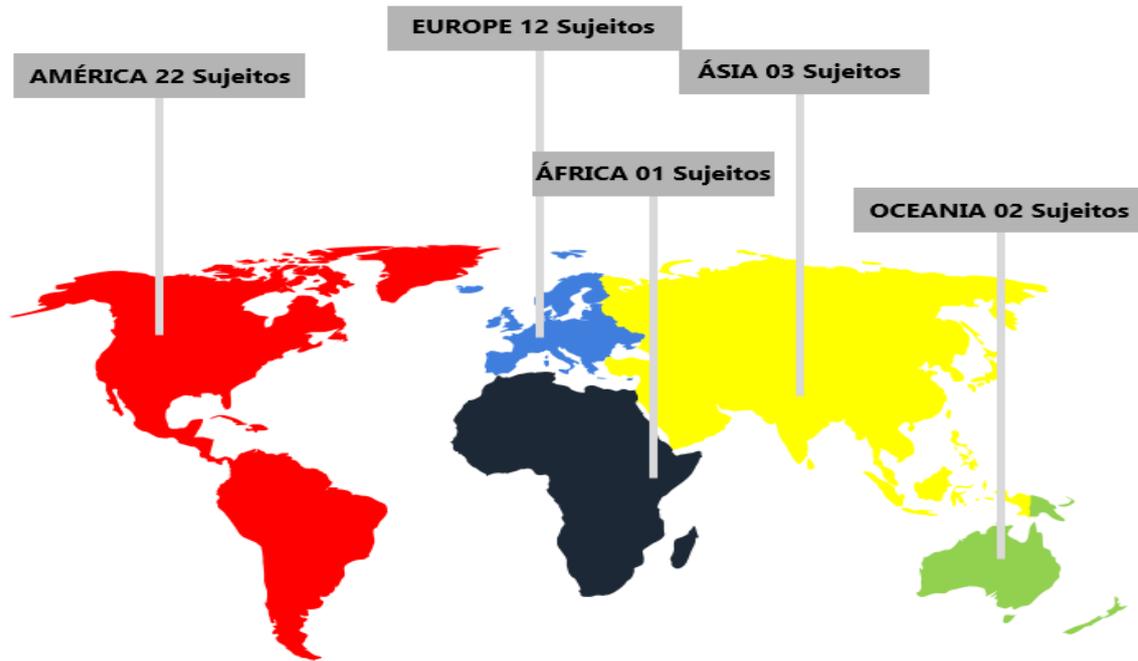
Figura 17 – Participantes Brasileiros.



Fonte: elaborado pelo autor.

Relacionado aos 40 treinadores estrangeiros, 22 são do continente Americano, 12 do continente Europeu, o continente Asiático com 3, a Oceania com 2 e o continente africano com 1 treinador (Figura 18).

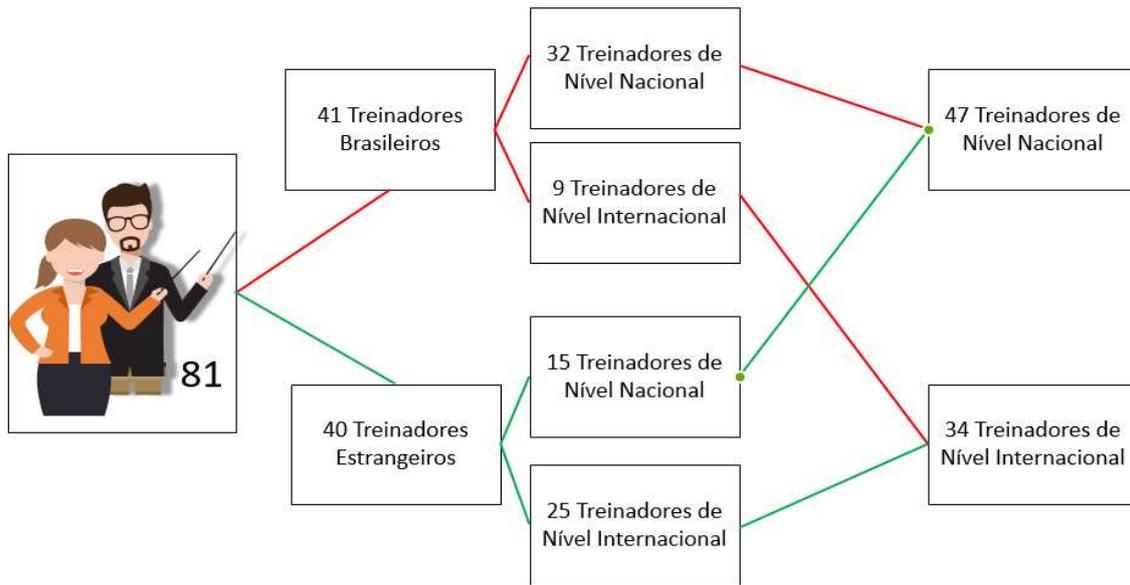
Fig. 18 – Continentes e seus respectivos treinadores.



Fonte: elaborado pelo autor.

Após análises dos dados e a divisão dos grupos em **Treinadores de Nível Nacional – TNN** - (todos aqueles que participam de competições escolares, regional, estadual e nacional) e **Treinadores de Nível Internacional – TNI** – (todos aqueles que participam de competições continentais, mundiais e paralímpicas) encontramos (Figura 19):

Fig. 19 - Diagrama dos treinadores de nível nacional e internacional integrantes da pesquisa.



Fonte: elaborado pelo autor.

A seguir, apontamos os contextos de aprendizagem dos treinadores esportivos de goalball, divididos em Treinadores de Nível Nacional (TNN) e Treinadores de Nível Internacional (TNI).

4.2 – CONTEXTOS E SITUAÇÕES DE APRENDIZAGEM DOS TREINADORES ESPORTIVOS DE GOALBALL

O “contexto de aprendizagem” está associado ao cenário em que acontece a aprendizagem e à “situação de aprendizagem” a percepção do indivíduo relacionado à própria aprendizagem neste cenário (TRUDEL et al., 2013). Diante disto, analisamos os contextos e situações de aprendizagem dos treinadores esportivos de nível nacional e internacional de goalball.

Ao realizarmos a análise dos dados, optamos por dividir em dois grupos: O primeiro grupo foi composto por 47 **Treinadores de Nível Nacional (TNN)** que participaram de competições de nível escolar, regional, estadual e nacional e o segundo composto por 34 **Treinadores de Nível Internacional (TNI)** que participaram de competições de nível continental, mundial e Jogos Paralímpicos.

Para análise apurada dos **contextos e situações de aprendizagem** dos treinadores participantes do estudo, dividimos as respostas dos questionários em: contexto formal e situações mediadas, contexto informal e situações não mediadas, contexto não formal e situações internas de aprendizagem dos TNN e TNI.

4.2.1 – CONTEXTOS FORMAIS E SITUAÇÕES MEDIADAS DE APRENDIZAGEM DOS TREINADORES ESPORTIVOS DE GOALBALL

O contexto formal de aprendizagem caracteriza-se pelo ensino formal, ou seja, tem início e fim, com certificações ao término e as situações mediadas de aprendizagem são aquelas que apresentam um professor ou *expert* do assunto.

Para a primeira etapa das análises, organizamos todas as questões que são relevantes para o contexto formal e as situações mediadas de aprendizagem dos treinadores esportivos divididos nos grupos TNN e TNI.

QUADRO 3 - CONTEXTOS FORMAIS E SITUAÇÕES MEDIADAS DE APRENDIZAGEM DOS TREINADORES DE NÍVEL NACIONAL (TNN)

	CONTINENTE	PAÍS	GENERO	FORMAÇÃO	ÁREA	ANO FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO	PÓS GRADUAÇÃO	NÍVEL DE COMPETIÇÃO
TNN1	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2004	Pública	Doutorado	Nacional
TNN2	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2016	Pública	-	Estadual
TNN3	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2004	Pública	Mestrado	Nacional
TNN4	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	1999	Privada	Especialização	Nacional
TNN5	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2008	Privada	Especialização	Nacional
TNN6	Americano	Brasil	F	Superior completo	Educação Física	2015	Pública	Mestrado	Nacional
TNN7	Americano	Brasil	F	Superior completo	Educação Física e Ciênc. Biológicas	1990 e 2002	Pública	Especialização	Nacional
TNN8	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2005	Pública	Especialização	Nacional
TNN9	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2011	Pública	Extensão	Nacional
TNN10	Americano	Brasil	M	Superior completo	Adm. de Empresas	2002	Privada	-	Nacional
TNN11	Americano	Brasil	F	Superior completo	Educação Física	2012	Pública	Especialização	Regional
TNN12	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2009	Pública	Especialização	Nacional
TNN13	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	1993	Privada	Especialização	Nacional
TNN14	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2002	Privada	Especialização	Nacional
TNN15	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2013	Privada	-	Nacional
TNN16	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2013	Privada	Especialização	Estadual
TNN17	Americano	Brasil	F	Superior completo	Educação Física	2005	Privada	Especialização	Estadual
TNN18	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2009	Privada	Especialização	Estadual

TNN19	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2011	Privada	Especialização	Estadual
TNN20	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2014	Privada	Especialização	Nacional
TNN21	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	1998	Privada	Especialização	Nacional
TNN22	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	1998	Pública	Especialização	Nacional
TNN23	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2012	Privada	Especialização	Nacional
TNN24	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2011	Privada	Especialização	Estadual
TNN25	Americano	Brasil	F	Superior completo	Educação Física	1982	Pública	Doutorado	Estadual
TNN26	Americano	Brasil	F	Superior completo	Educação Física	2015	Privada	Especialização	Nacional
TNN27	Americano	Brasil	F	Superior completo	Educação Física e Pedagogia	1982 e 2006	Pública	Especialização	Nacional
TNN28	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	1997	Pública	Mestrado	Estadual
TNN29	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2005	Pública	Especialização	Estadual
TNN30	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2008	Privada	Doutorado	Estadual
TNN31	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2008	Pública	Especialização	Estadual
TNN32	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2014	Pública	-	Nacional
TNN33	Americano	Venezuela	M	Superior completo	Educação Integral	2005	Pública	-	Nacional
TNN34	Americano	Chile	M	Superior completo	Educação Física	2011	Privada	-	Nacional
TNN35	Americano	Chile	F	Superior completo	Física Deportiva	2005	Pública	Mestrado	Nacional
TNN36	Americano	Chile	M	Superior completo	Pedagogia em EF	2013	Privada	Especialização	Nacional
TNN37	Americano	Chile	M	Superior completo	Educação Física	2005	Pública	-	Nacional
TNN38	Americano	Chile	M	Superior completo	Administração	1998	Privada	-	Nacional
TNN39	Americano	Chile	M	Superior completo	Superior Preparação Física	2005	Privada	-	Nacional

TNN40	Americano	Chile	M	Médio Incompleto	-	-	-	-	Nacional
TNN41	Americano	Chile	M	Superior completo	Pedagogia em EF	2005	Privada	-	Nacional
TNN42	Americano	Chile	F	Superior completo	Deportes	2013	Privada	Especialização	Nacional
TNN43	Americano	Chile	M	Superior completo	Educação Física	2016	Privada	-	Nacional
TNN44	Americano	Colômbia	M	Superior completo	E.F. e Esportes	2015	Pública	-	Nacional
TNN45	Americano	Colômbia	F	Superior completo	Educação Física	2011	Privada	Especialização	Nacional
TNN46	Europa	Portugal	F	Médio completo	-	-	-	-	-
TNN47	Oceania	Austrália	M	Superior Incompleto	Programação	-	-	-	Nacional
RESULTADO	45 do Continente Americano	32 Brasil	36 M 11 F	44 ESC 3 EMC, EMI, ESI	36 Educação Física		18 Universidades Públicas e 26 Privadas	24 Especialização	35 competição de nível nacional

Fonte: elaborado pelo autor.

Dos 47 Treinadores de Nível Nacional (TNN) encontramos: 45 são do **Continente** Americano o que representa 95% dos TNN, do Continente Europeu temos apenas 1(2%) de Portugal e da Oceania também 1(2%) pertencente à Austrália. Fragmentando por **países**, identificamos que 32 TNN são do Brasil o que representa 68%, 10 (21%) do Chile, 2 (4%) da Colômbia e 1(2%) da Venezuela.

Relacionado ao **gênero**, constatamos que 36 TNN representando 76,5% são do masculino e 11 do feminino o que equivale a 23,5% dos TNN. Destas 07 (15%) são do Brasil, 2 (4,3%) do Chile e 1(2,2%) da Colômbia.

Sobre os **contextos formais e as situações mediadas** de aprendizagem, os 47 TNN responderam que: relacionado à **escolaridade**, 44 (93,5%) TNN apresentam ensino superior completo (02 apresentam mais de uma graduação como Ciências Biológicas e Pedagogia) e 3 (6,5%) divididos em ensino médio completo, ensino médio incompleto e ensino superior incompleto.

Dos TNN com ensino superior completo identificamos as seguintes **áreas**: 36 (76,5%) são formados em Educação Física, 5 (10,5%) em áreas afins como Física Deportiva, Pedagogia em Educação Física, Deportes, Superior em Preparação Física e 03 (6,5%) possuem ensino superior em Administração de empresas.

Identificamos que as **instituições formadoras** dos TNN são: 18 (38%) realizaram sua graduação em instituições públicas mais 1 (2%) que não concluiu o curso, 26 (55%) em universidades privadas e 2 (4%) se enquadram no ensino médio completo e ensino médio incompleto. Relacionado ao **Ano de Formação** do Curso Superior, 9 (19%) concluíram seu curso de graduação até os anos 2000, 12 (25,5%) entre os anos de 2001 a 2005, 5 (10,5%) entre 2006 a 2010, 16 (34%) concluíram no período de 2011 a 2015 e 2 (4%) após o ano de 2016.

Sobre os cursos de **Pós-Graduação**, pode-se observar que 3 (6,5%) TNN têm doutorado, 4 (8,5%) mestrado, 24 (51%) especialização, 1 (2%) extensão e 12 (25,5%) não apresentam nenhum curso.

A partir deste momento, apresentaremos os dados e análises dos questionários dos Treinadores de Nível Internacional (TNI).

QUADRO 4 - CONTEXTOS FORMAIS E SITUAÇÕES MEDIADAS DE APRENDIZAGEM DOS TREINADORES DE NÍVEL INTERNACIONAL (TNI)

	CONTINENTE	PAIS	GENERO	FORMAÇÃO	AREA	ANO FORMAÇÃO	INSTITUIÇÃO	PÓS GRADUAÇÃO	NIVEL DE COMPETIÇÃO
TNI1	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2012	Privada	Mestrado	Mundial/Paralímpico
TNI2	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2012	Privada	Especialização	Mundial
TNI3	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2008	Pública	Mestrado	Mundial
TNI4	Americano	Brasil	F	Superior completo	Educação Física	1997	Privada	Especialização	Mundial/Paralímpico
TNI5	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	1999	Pública	-	Mundial/Paralímpico
TNI6	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	1987	Pública	Especialização	Mundial/Paralímpico
TNI7	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	2006	Pública	Especialização	Mundial/Paralímpico
TNI8	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	1995	Privada	-	Continental
TNI9	Americano	Brasil	M	Superior completo	Educação Física	1979	Pública	Especialização	Mundial/Paralímpico
TNI10	Americano	Costa Rica	M	Superior completo	Ciência do Mov. Humano	2012	Pública	Mestrado	Continental
TNI11	Americano	Colômbia	M	Superior completo	Met. do Entreina. Deportivo	2012	Pública	Mestrado	Continental
TNI12	Americano	Argentina	M	Superior completo	Educação Física	1998	Privada	-	Mundial
TNI13	Americano	Argentina	M	Superior completo	Educação Física	2015	Pública	-	Mundial
TNI14	Americano	Peru	M	Superior completo	Terapia Física	2005	Pública	-	Continental
TNI15	Americano	Peru	M	Superior completo	Fisioterapia	1991	Pública	Especialização	Continental
TNI16	Americano	Canadá	F	Superior completo	Esporte Performance	2012	Pública	-	Mundial/Paralímpico
TNI17	Americano	EUA	M	Superior completo	Business e Marketing	2000	Pública	Mestrado	Mundial/Paralímpico
TNI18	Americano	EUA	M	Superior completo	Educação Física	2018	Pública	-	Mundial
TNI19	África	Egito	M	Superior completo	Educação Física	2000	Pública	Especialização	Mundial

NI20	Europa	Espanha	M	Superior completo	Educação Física	1991	Pública	-	Mundial/Paralímpico
TNI21	Europa	Portugal	M	Superior completo	Reabilitação	2004	Pública	-	Continental
TNI22	Europa	Grécia	F	Superior completo	Educação Física	1987	Pública	Doutorado	Mundial/Paralímpico
TNI23	Europa	Turquia	M	Superior completo	Biomecânica	2016	Pública	Mestrado	Mundial/Paralímpico
TNI24	Europa	Espanha	M	Superior completo	Esportes	2013	Pública	Especialização	Continental
TNI25	Europa	Lituânia	F	Superior Incompleto	Educação	-	Pública	-	Mundial
TNI26	Europa	Lituânia	M	Superior completo	Engenharia	1986	Pública	Especialização	Mundial
TNI27	Europa	Rússia	M	Superior completo	Esportes, Legislação e Matemática	1986, 1998 e 2013	Pública	Mestrado	Mundial/Paralímpico
TNI28	Europa	Alemanha	M	Superior completo	Esportes	2008	Pública	Especialização	Mundial/Paralímpico
TNI29	Europa	Bélgica	M	Superior completo	Educação Física	1997	Pública	Mestrado	Mundial/Paralímpico
TNI30	Europa	Suécia	M	Superior Incompleto	Economia	-	Pública	-	Mundial/Paralímpico
TNI31	Ásia	Israel	F	Superior completo	Educação Física	1997	Privada	Especialização	Mundial/Paralímpico
TNI32	Ásia	Israel	M	Superior completo	Educação Física	2003	Pública	Mestrado	Continental
TNI33	Ásia	Israel	M	Superior completo	Educação Física	2004	Privada	Especialização	Mundial/Paralímpico
TNI34	Oceania	Austrália	M	Superior completo	Business e Marketing	2002	Privada	-	Mundial/Paralímpico
RESULTADO	18 do Continente Americano	9 Brasil	29 M 5 F	32 ESC 2 ESI	19 Educação Física		26 Universidades Públicas e 8 Privada	12 Especialização	18 competem mundial e paralimpiada

Fonte: elaborado pelo autor.

Ao interpretarmos os 34 Treinadores de Nível Internacional (TNI) encontramos: 18 do **Continente** Americano o que representa 52,5% dos TNI, o Continente Europeu foi representado por 12 (35%), o Asiático foi representando por 3 (8,5%) treinadores e a África e Oceania por 1 treinador cada (3%).

Relacionado ao **gênero**, constatamos que 29 TNI representando 85% são do masculino e 5 do feminino o que equivale a 15% representadas por Brasil, Canadá, Grécia, Israel e Lituânia.

Sobre os **contextos formais e as situações mediadas** de aprendizagem dos TNI identificamos: relacionado à **escolaridade**, 32 (94%) TNI apresentam ensino superior completo (o treinador da Rússia apresenta 3 graduações – Esportes, Legislação e Matemática) e 2 (6%) ensino superior incompleto. Sobre as **áreas** de formação dos TNI encontramos: 19 (56%) são formados em Educação Física, 8 (24%) em áreas afins como Esportes, Ciência do Movimento Humano, Metodologia do Treinamento Deportivo e Biomecânica, 3 (9%) são formados em Fisioterapia e Reabilitação e 1(3%) em Engenharia.

Relacionado às **instituições formadoras** verificamos que dos TNI, 26 (76,5%) realizaram sua graduação em instituições públicas, 2 (6%) não concluiu o curso) e 8 (23,5%) em universidades privadas. Sobre o **Ano de Formação** do curso superior, 15 (45%) TNI concluíram seu curso de graduação até os anos 2000, 5 (15%) entre os anos de 2001 a 2005, 3 (9%) entre 2006 a 2010, 7 (20%) concluíram no período de 2011 a 2015 e 2 (6%) após o ano de 2016.

Quanto aos cursos de **Pós-Graduação** identificamos que 1 (3%) TNI apresenta doutorado, 9 (26,5%) mestrado, 12 (35%) Especialização e 12 (35%) não apresentam nenhum curso de pós-graduação.

Experiência dos treinadores em relação a prática

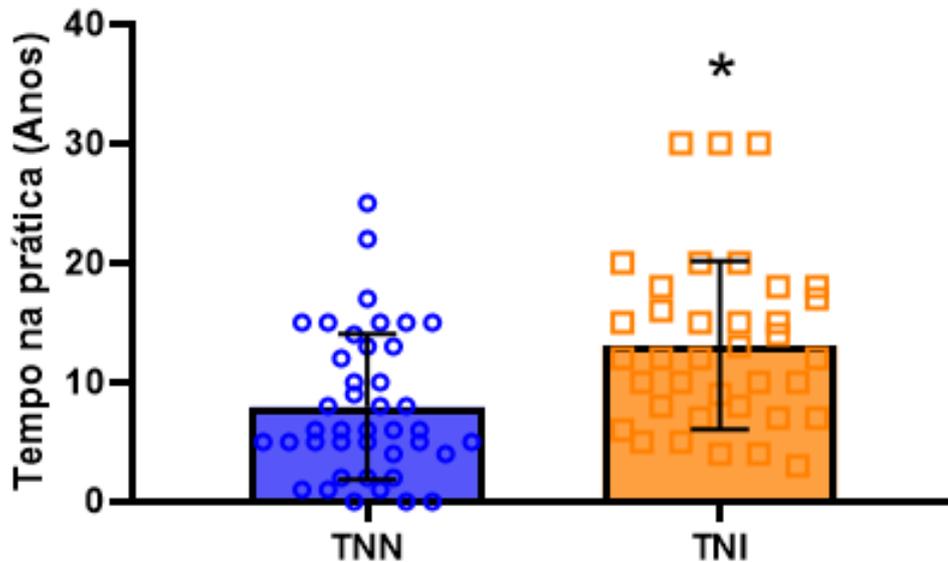


Gráfico 3 – Experiências dos treinadores

Em relação ao tempo de experiência, nota-se que os TNN têm uma média de 8 anos enquanto os TNI têm uma média de 13 anos. Como observamos nos dizeres de Trudel, Gilbert e Rodrigues (2006), quanto maior o número de experiências, faz com que as exigências sejam aumentadas e a progressão dos treinadores neste processo contínuo de recém-chegado ou iniciante até o *expert* ou inovador é a capacidade de usar "reflexão deliberada".

4.2.2 – CONTEXTOS INFORMAIS E SITUAÇÕES NÃO MEDIADAS DE APRENDIZAGEM DOS TREINADORES ESPORTIVOS DE GOALBALL

O contexto informal de aprendizagem caracteriza-se por experiências autodirigidas, experiências ao longo da vida, como atleta, com outros treinadores e as situações não mediadas são aquelas definidas pelo próprio autor, como experiências adquiridas, interação com outros treinadores, busca de conteúdo na internet, livros, entre outros.

Para associarmos os **contextos informais e situações não mediadas de aprendizagem** com a pesquisa *ex-post facto*, elaboramos questões abordando as experiências esportivas adquiridas dos TNN e TNI antes de serem treinadores esportivos ou áreas afins e questões associadas a funções exercidas em outras comissões técnicas antes de atuarem com o goalball.

Para as questões sobre as experiências adquiridas antes de serem treinadores esportivos encontramos:

A-) Na sua infância, adolescência ou idade adulta você praticou alguma modalidade esportiva de maneira formal? (com a presença do professor e/ou do treinador) e 2 perguntas auxiliares que foram: Quantos anos de prática? e Qual (is) modalidade(s) esportiva (s)?

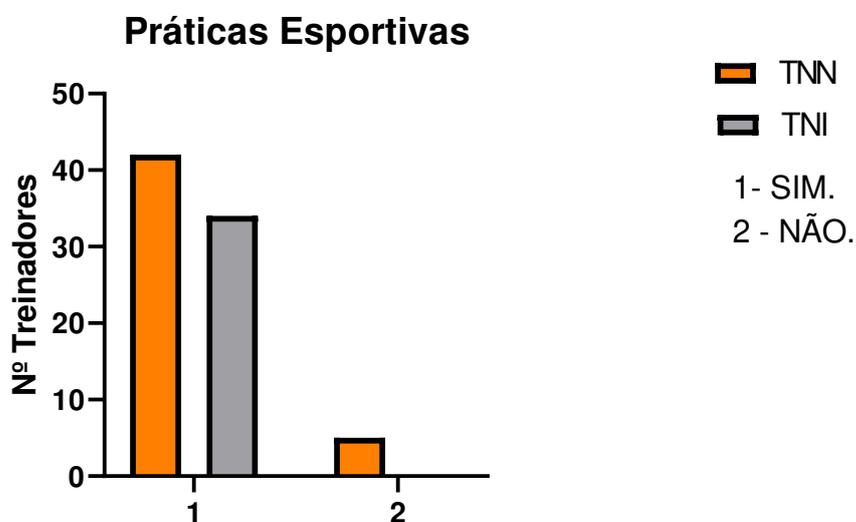


Gráfico 4 – Práticas esportivas

Para a primeira questão, 42 (89,5%) TNN já praticaram uma ou mais modalidades esportivas e 34 (100%) dos TNI também praticaram uma ou mais modalidades esportivas.

Relacionado aos anos de práticas, concluímos que os TNN apresentam maior incidência nos 10 primeiros anos de prática e os TNI mostram maior equilíbrio nos anos de práticas esportivas até se tornarem treinadores esportivos de goalball.

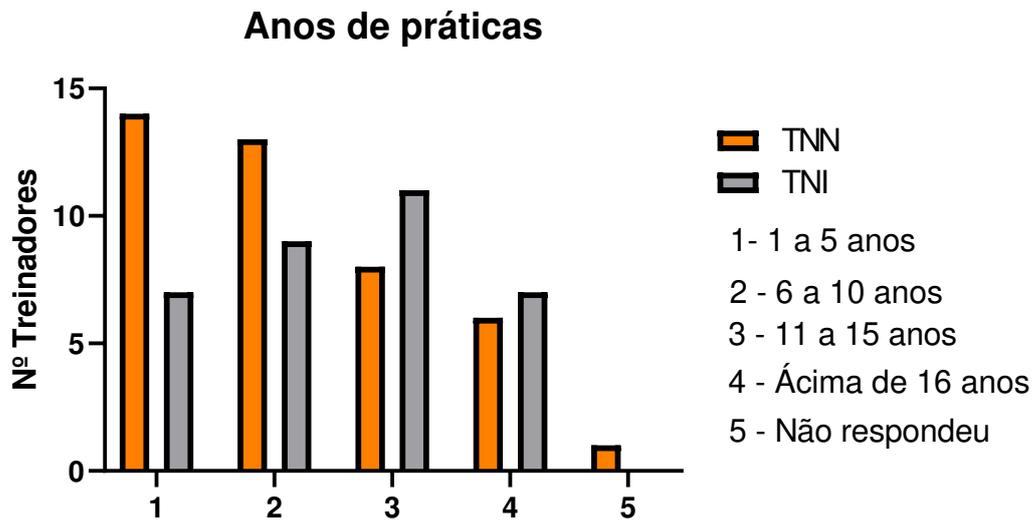


Gráfico 5 – Anos de práticas esportivas

Sobre as modalidades esportivas praticadas pelos TNN e TNI encontramos 16 esportes diferentes, sendo que alguns treinadores esportivos apresentaram mais de uma modalidade vivenciadas.

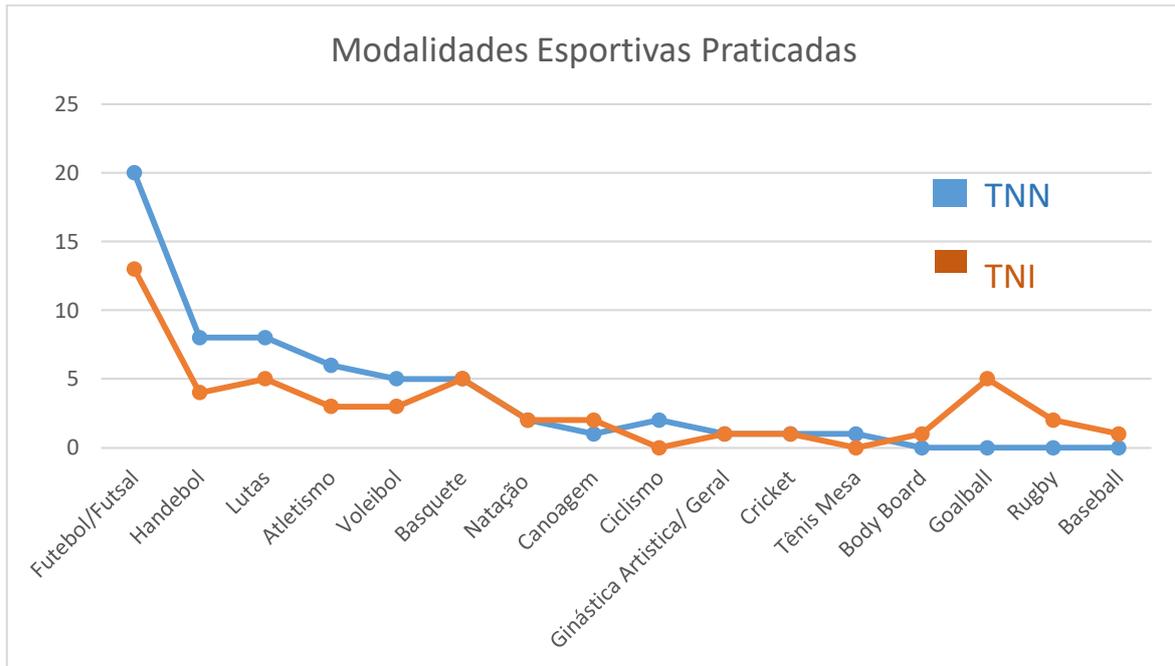


Gráfico 6 – Modalidades esportivas práticas

Em ambas as categorias, a modalidade esportiva mais praticada foi o futebol/futsal. Trata-se de esportes coletivos populares, praticados nos cinco continentes e com mais de 3 bilhões de adeptos. Outro dado bastante significativo encontrado foi que cinco TNI foram praticantes de goalball antes de se tornarem treinadores esportivos da modalidade, valorizando com isto a pessoa com deficiência no mercado de trabalho, principalmente na área da Educação Física e do esporte.

B-) Onde você iniciou essa prática esportiva?

Os resultados mostram que os TNN e TNI iniciaram suas práticas esportivas nos seguintes ambientes:

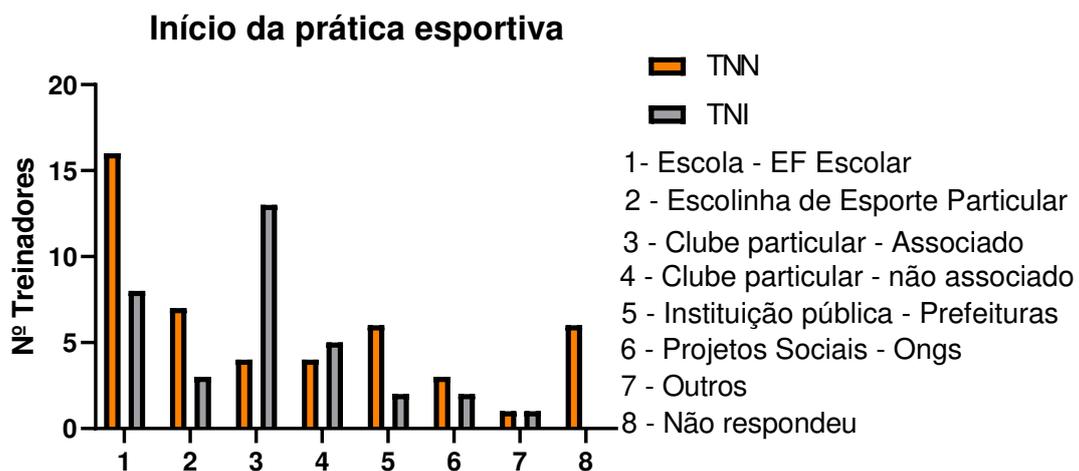


Gráfico 7 – Início da prática esportivas

Dos 47 TNN, 16 (34%) iniciaram suas práticas esportivas nas aulas de Educação Física escolar seguidos de 7 (15%) nas escolinhas de esporte particulares. Os 34 TNI, observamos que 13 (38%) iniciaram em clubes particulares como associados seguidos de 8 (23,5%) que iniciaram nas aulas de Educação Física escolar.

Estes dados nos mostram como as aulas de Educação Física são importantes na escola, fator este que fica evidente, quando analisamos que dos 81 treinadores esportivo, 24 (29,5%) iniciaram suas práticas esportivas nas aulas de Educação Física escolar e destes 13 (16%) são treinadores brasileiros, o que nos leva a refletir sobre a importância da Educação Física escolar no Brasil e a forma como estas aulas foram realizadas pelos seus respectivos professores, podendo estes ser motivadores para a profissão treinador esportivo.

C-) Qual nível de competição você disputou?

Observamos que 14 (30%) dos TNN disputaram competições de nível nacional e 9 (21%) estadual, no entanto nenhum TNN disputou competições internacionais como as continentais, mundiais e olímpicas ou paralímpicas. Já dos TNI 9 (26%) competiram em nível regional, mas 5 (14%) competiram em nível continental e 3 (9%) em nível mundial, olímpico ou paralímpico.

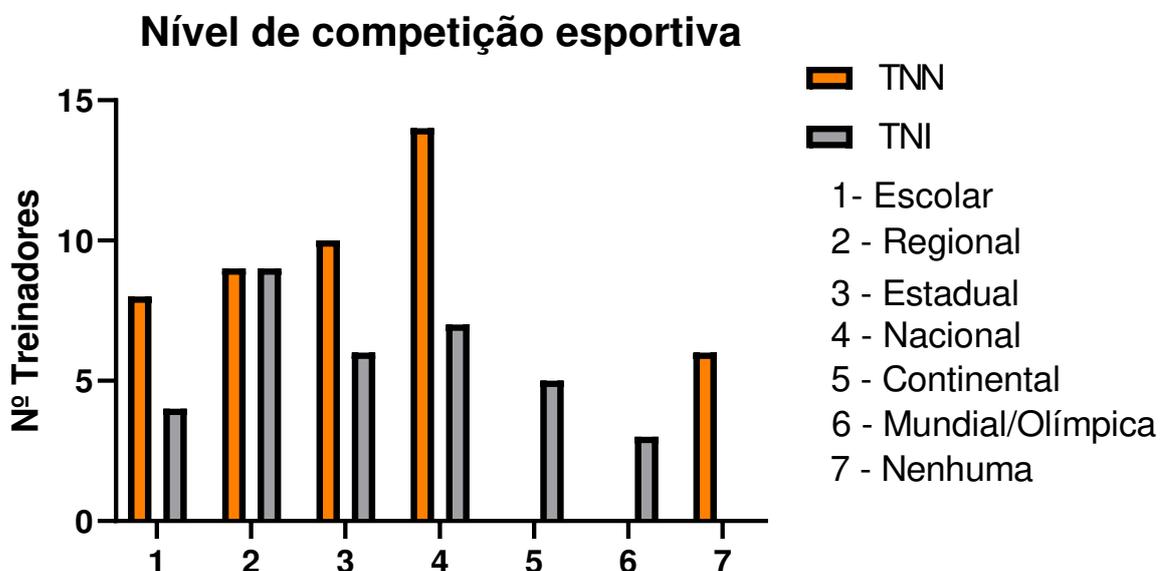


Gráfico 8 – Nível de competição disputada

Para as questões relacionadas à aprendizagem adquirida como treinador esportivo em outras comissões técnicas encontramos:

D-) Você atua ou atuou em alguma comissão técnica esportiva antes de trabalhar com o goalball?

Os 28 (59,5%) TNN responderam que atuam em outra comissão técnica; 19 (40,5%) relataram que só trabalham com o goalball; 18 (53%) dos TNI responderam que já integraram ou integram outra comissão técnica e 15 (44%) responderam que só atuaram com o goalball e 1(3%) não respondeu à questão.

Atuou/atua em outra comissão técnica

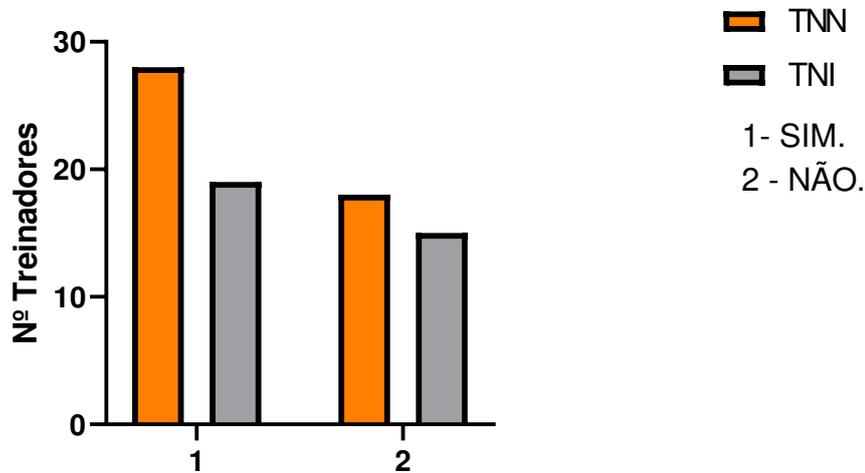


Gráfico 9 – Atuação em comissão técnica

Dentre as modalidades olímpicas de atuação encontramos: 9 (19%) TNN citaram o futebol/futsal a modalidade que mais atuaram, seguido por 4 (8,5%) treinadores que trabalharam com o atletismo. O basquete foi citado por 5 (15%) TNI seguido por 4 (12%) que relataram o futebol/futsal a modalidade esportiva trabalhada.

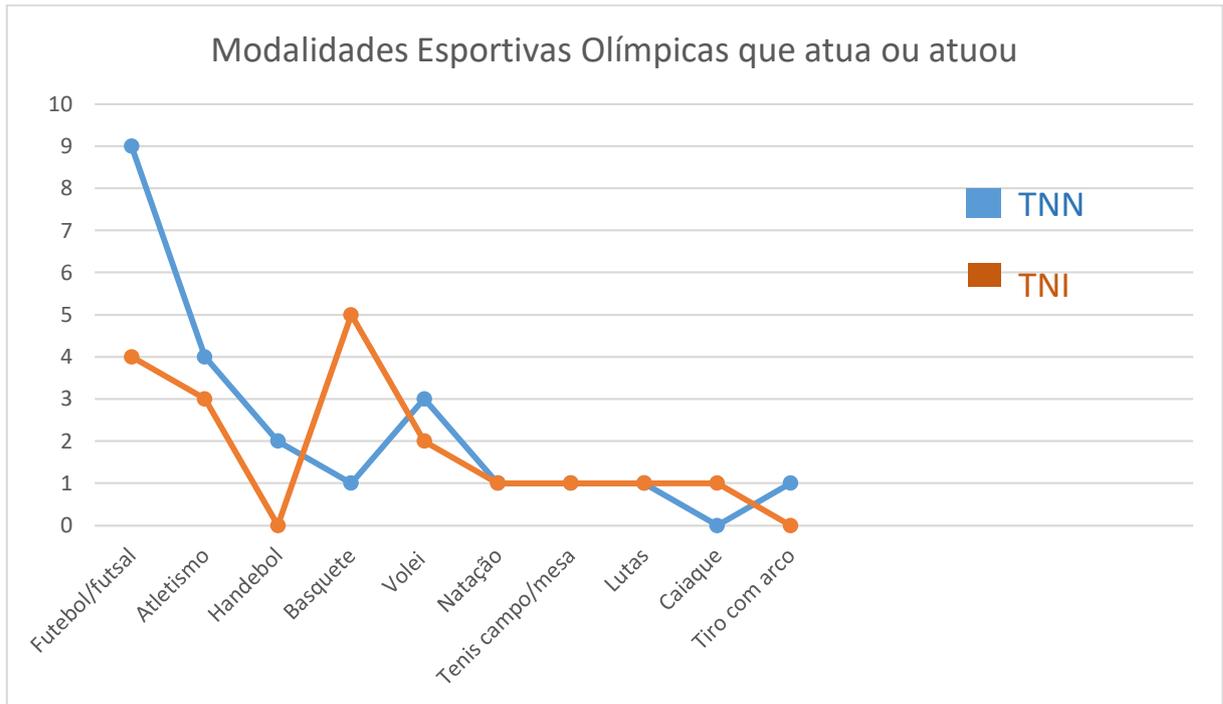


Gráfico 10 – Modalidades olímpicas de atuação

Ao relacionarmos a significância das experiências dos TNN e TNI com as modalidades olímpicas, observamos que os TNN apresentam mais vivências com as modalidades olímpicas, no entanto os TNI apresentam resultados significativos relacionado ao nível de competição em âmbito continental, mundial e olímpico/paraolímpico, como observamos no gráfico 11.

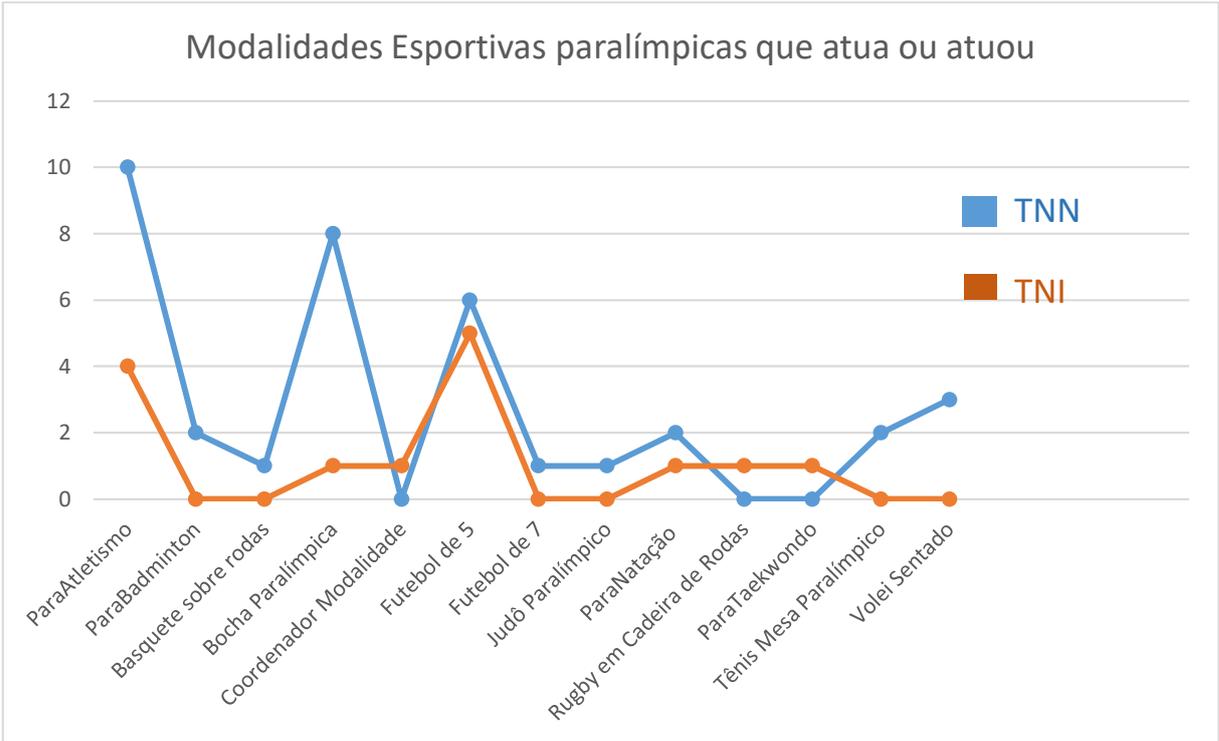


Gráfico 12 – Modalidade Paralímpicas de atuação

E-). Qual tempo de atuação?

Os dados mostram que 16 (34%) TNN e 11 (32%) TNI atuam ou atuaram em outra comissão técnica por mais de 25 meses.

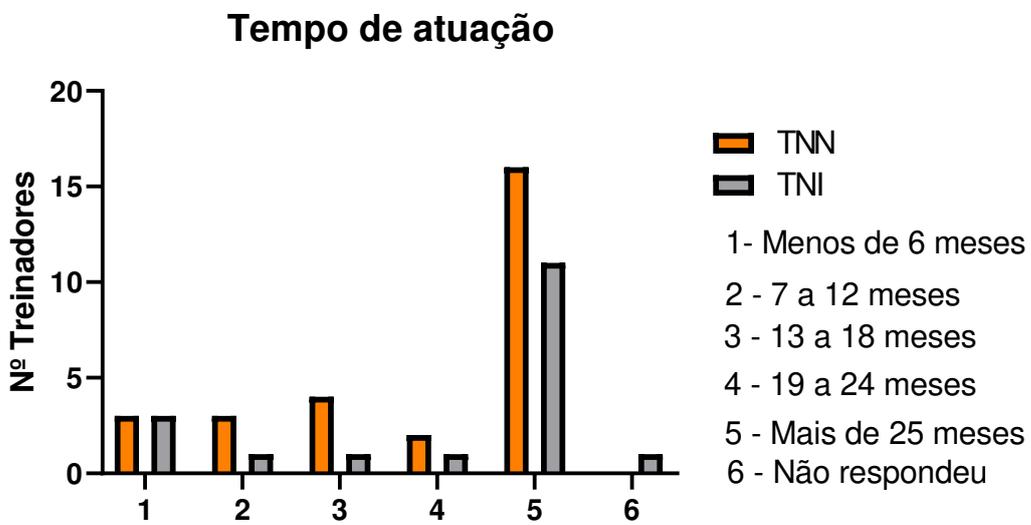


Gráfico 13 – Tempo de atuação nas modalidades

F-) Sua atuação é/ou foi como? ”

Área de atuação

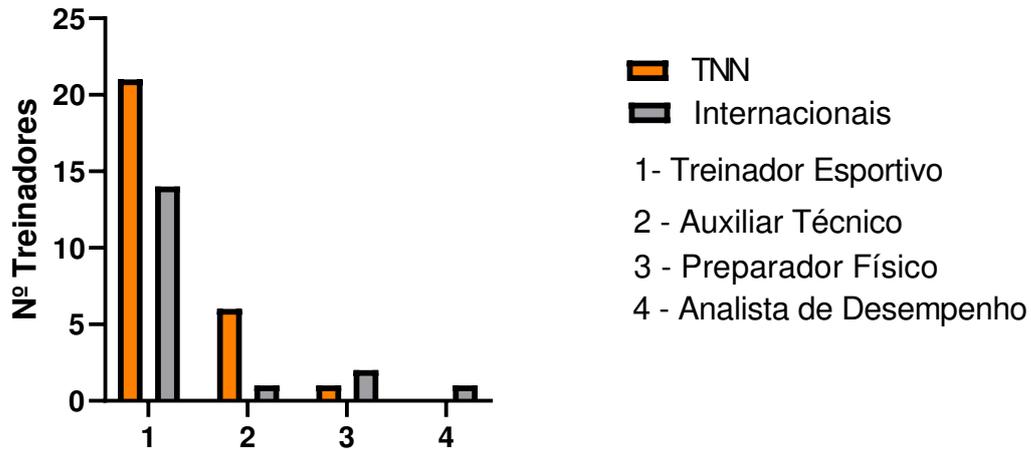


Gráfico 14 – Atuação profissional nas modalidades

Os resultados mostram que 21 (44,5%) TNN e 14 (41%) TNI atuaram ou atuam como treinadores esportivos na comissão técnica de outra modalidade esportiva olímpica ou paraolímpica, como observamos no gráfico 14.

Ao relacionarmos a significância das experiências dos TNN e TNI com as modalidades paralímpicas, observamos que os TNN apresentam mais vivências e variações com as modalidades paralímpicas, além de apresentarem significância no tempo de atuação na modalidade como observamos no gráfico 15.

Experiências com modalidades Paralímpicas

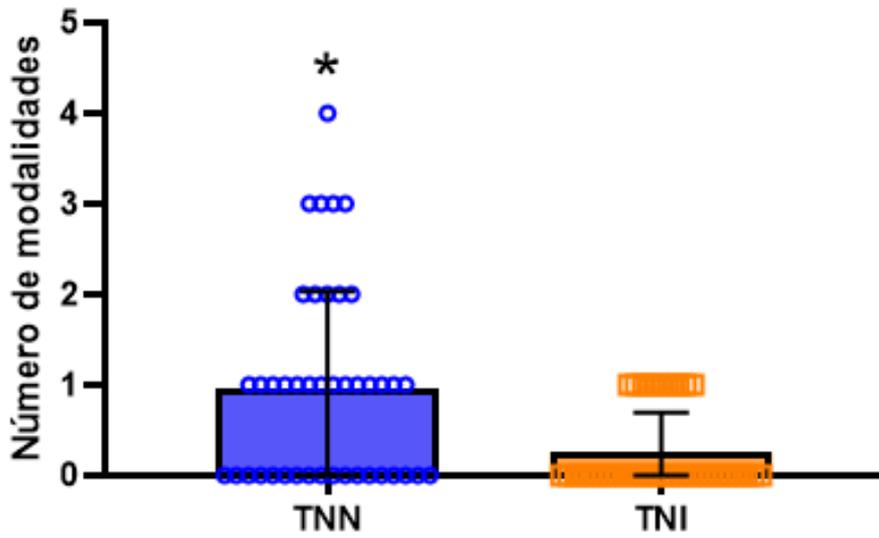


Gráfico 15 – Experiências profissional com modalidades paralímpicas

4.2.3 – CONTEXTOS NÃO FORMAIS E SITUAÇÕES INTERNAS DE APRENDIZAGEM DOS TREINADORES ESPORTIVOS DE GOALBALL

A partir deste momento, associaremos os **contextos não formais e situações internas de aprendizagem** dos TNN e TNI. Os contextos não formais de aprendizagem caracterizam-se por participação em oficinas, conferências, seminários e workshops com objetivo de aprendizagem específica da modalidade em questão e as situações internas de aprendizagem caracterizam-se pela reorganização das ideias do treinador esportivo e experiências adquiridas no ambiente de atuação.

Para isto elaboramos questões sobre a forma que conheceram o goalball, o ambiente ocupacional de trabalho e aprendizagens específicas relacionadas ao goalball dos TNN e TNI.

Relacionado ao conhecimento da modalidade, elaboramos seis questões, definidas como:

A-) Antes de iniciar como treinador esportivo de goalball, você conhecia o esporte paralímpico?

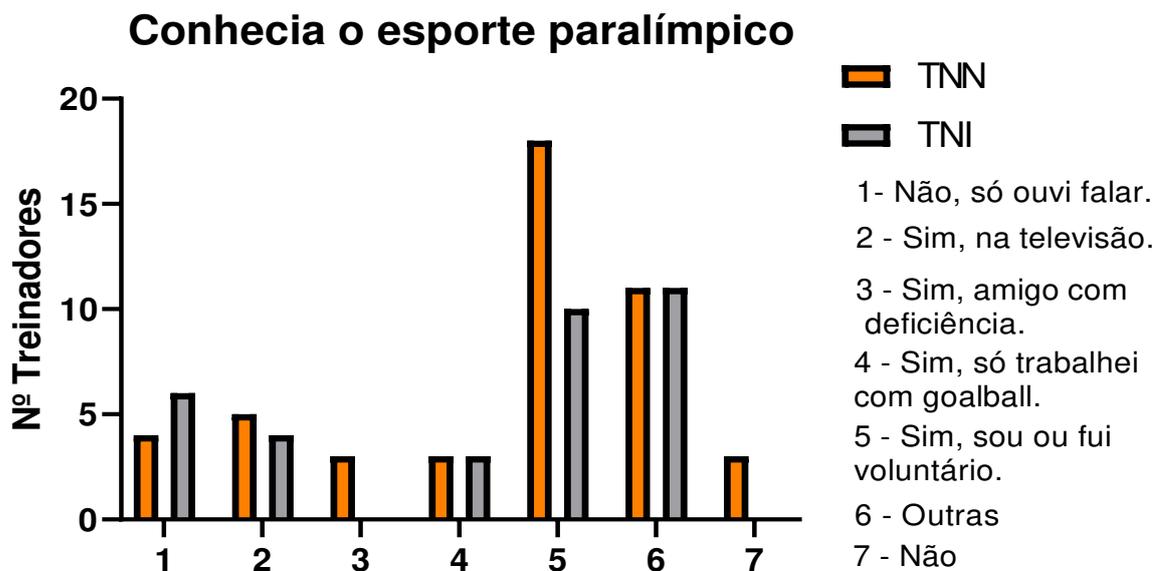


Gráfico 16 – Conhecia o esporte paralímpico

Constatamos que 18 (38%) dos TNN e 10 (29,5%) dos TNI conheciam o esporte paralímpico, justificando que são ou foram voluntários antes de serem

treinadores esportivos. Outro ponto a destacar é que em ambas as categorias, os treinadores esportivos atuaram como voluntários em eventos organizados pelas universidades ou iniciaram em outras modalidades esportivas para pessoas com deficiência.

B-). Você está trabalhando atualmente somente na área do esporte paralímpico?

Os dados mostram que 20 (42,5%) TNN e 15 (44%) TNI trabalham somente com o esporte paralímpico e 27 (57,5%) dos TNN e 19 (56%) dos TNI atuam em outras áreas.

Trabalha somente no esporte paralímpico

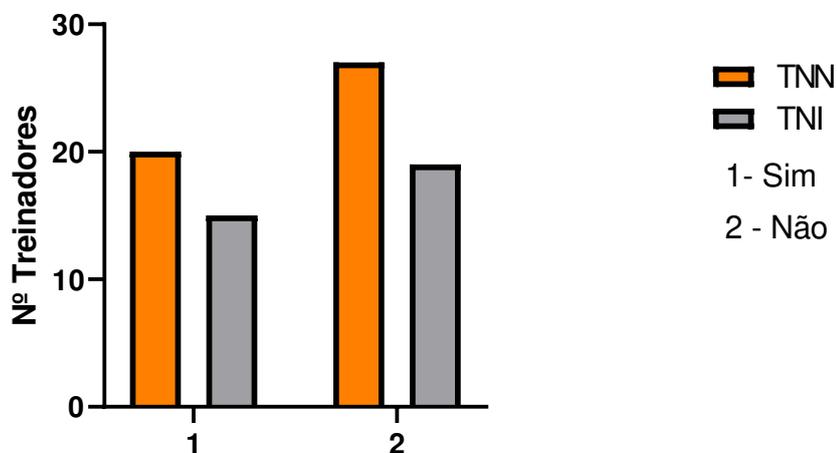


Gráfico 17 – Trabalha no esporte paralímpico

C-) Como você conheceu o goalball?

Os TNN que responderam ter conhecido o esporte na universidade, é representada por 14 (30%) dos treinadores, o mesmo número citado por TNN que conheceram por amizade com jogadores ou pessoas envolvidas com o esporte. Relacionado aos TNI, 15 (44%) deles conheceram a modalidade na universidade também e 9 (26,5%) conheceram de outras formas, mas não relataram.

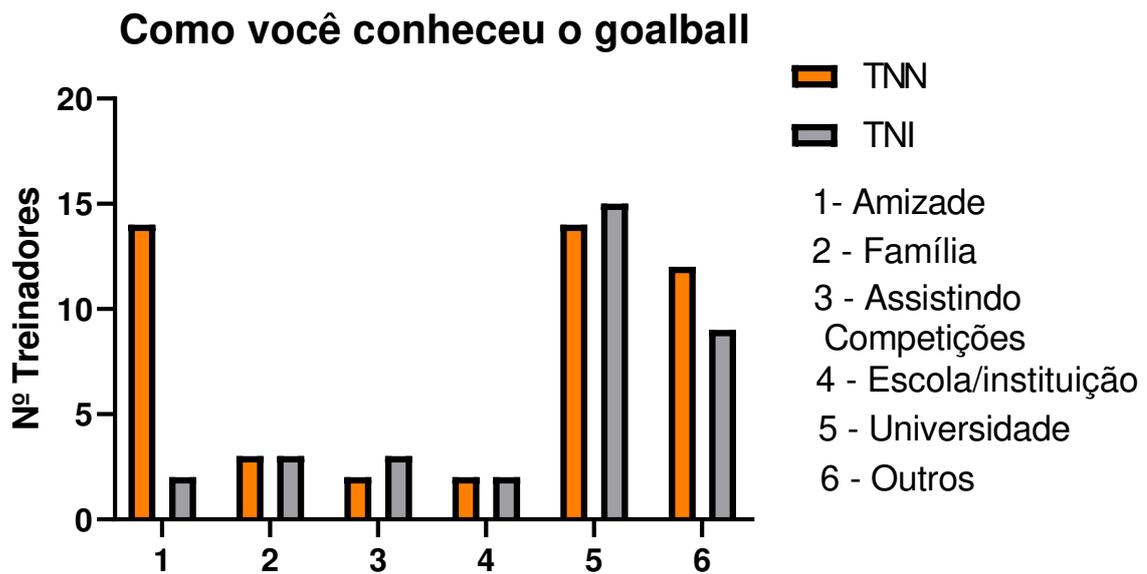


Gráfico 18 – Como conheceu o goalball

D-) Por que você iniciou como treinador/a de goalball?

Os resultados mostram que 23 (49%) dos TNN e 16 (47%) dos TNI iniciaram por gostarem do esporte para pessoas com deficiência e 13 (27,5%) dos TNN e 11 (32%) dos TNI responderam que foi por oportunidade de estágio ou emprego na área da Educação Física ou áreas afins. Vale destacar que quando os treinadores relatam “outros”, está ligado a projetos esportivos da instituição que trabalham ou à substituição do professor que atuava com a modalidade.

Por que iniciou como treinador de goalball

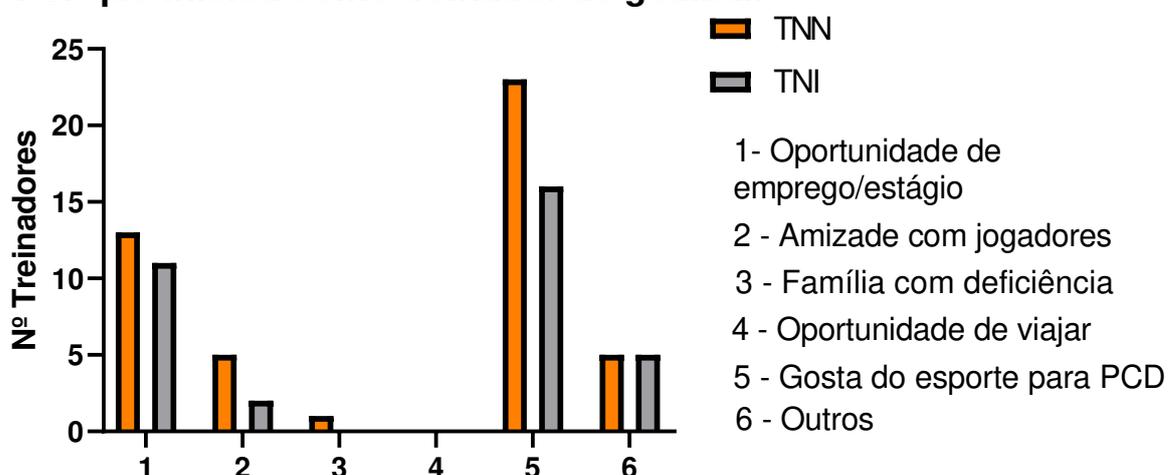


Gráfico 19 – Por que iniciou na modalidade

E-). Qual sua atuação com sua equipe de goalball?

Os resultados mostram que 39 (83%) TNN e 26 (76,5%) TNI atuam como treinadores esportivos de goalball, 6 (12,5%) TNN e 4 (11%) TNI como auxiliares dos treinadores. Das outras áreas de atuação encontramos 1 TNN que atua na preparação física e outro como coordenador da modalidade e 4 TNI atuam em áreas como preparação física e analista de desempenho, 1 atua somente com a iniciação esportiva da modalidade e 1 não especificou.

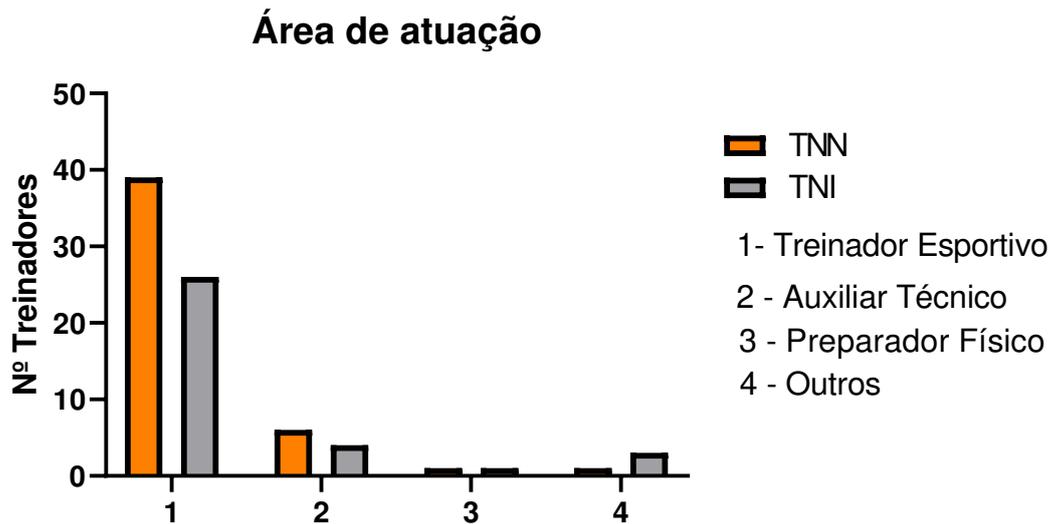


Gráfico 20 – Área de atuação

F-) Qual seu nível de competição?

Atuando como treinadores de goalball encontramos: 35 (74,5%) TNN disputaram competições de nível nacional, 11 (23,5%) estadual e 1 (2%) não respondeu. Já dos TNI, 18 (53%) participaram de campeonatos mundial e Jogos Paralímpicos, 8 (23,5%) somente de campeonatos mundiais e 8 (23,5%) de campeonatos continentais.

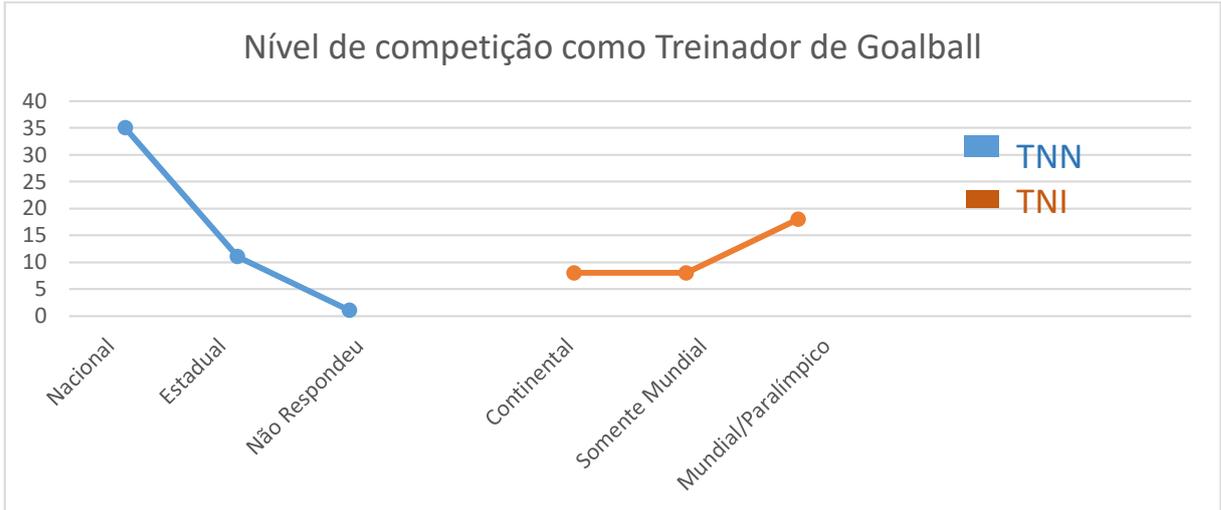


Gráfico 21 – Atuação profissional nas modalidades

Relacionado ao ambiente ocupacional de trabalho elaboramos duas questões definidas como:

G-) Qual é o tipo de instituição na qual você trabalha com o goalball?

Os dados mostram que 23 (49%) TNN trabalham em instituições para pessoas com deficiência visual, seguida por 10 (21%) treinadores que trabalham em clubes. Os TNI apresentam dados significativos de atuação nas suas respectivas federações e/ou confederações com 9 (26,5%) TNI e comitês paralímpicos de seu país, com 10 (30%) TNI.

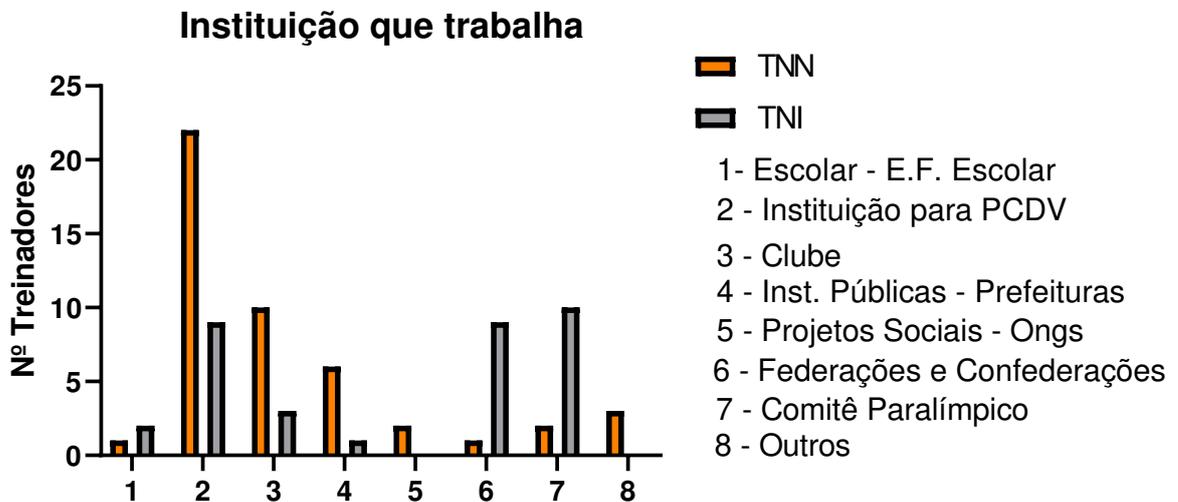


Gráfico 22 – Local de trabalho

H-) Você ganha alguma remuneração nesta instituição?

Observamos que 23 (49%) TNN e 24 (70,5%) TNI recebem um salário, mas precisam complementar com outras rendas, 14 (32%) TNN e 6 (17,5%) TNI são voluntários no local que trabalham e 9 (19%) TNN e 4 (12%) TNI recebem um salário que não permitem trabalhar em outro local.

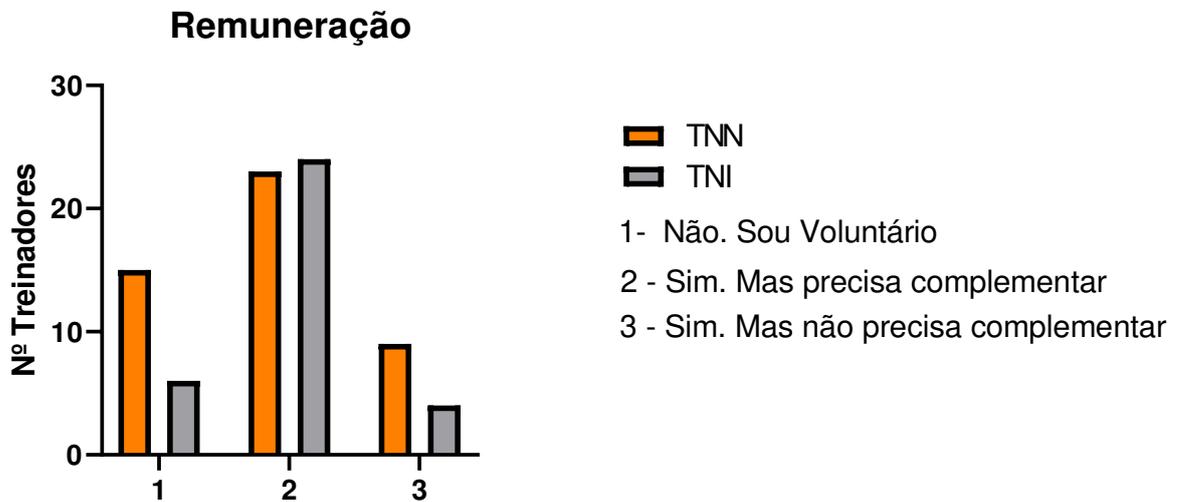


Gráfico 23 – Remuneração

Relacionado a aprendizagens específicas elaboramos uma questão definida como:

I- Você participou de algum curso de formação complementar?

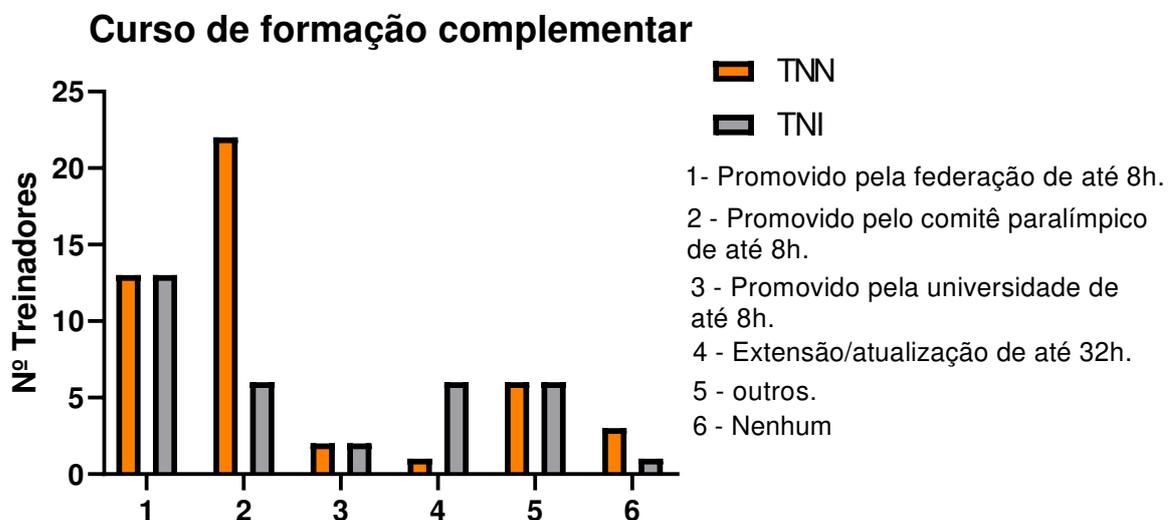


Gráfico 24 – Cursos complementares

Constatamos que os cursos específicos sobre goalball foram organizados na maioria das vezes pelas federações e confederações, citados por 13 (28%) TNN e também 13 (38%) TNI. Cursos desenvolvidos pelos comitês paralímpicos foram citados por 22 (47%) TNN e apenas 6 (18%) dos TNI. Vale destacar que apenas 1 TNN e 6 TNI citaram cursos de extensão organizados pelas universidades, considerado baixa incidência, reforçando a importância das universidades, realizarem atividades de extensão para profissionais que apresentam alguma graduação.

Para a última etapa do questionário, associamos os conhecimentos e competências dos treinadores esportivos, por meio da escala de Likert, avaliando a importância e o domínio na atuação profissional. A base referencial para a construção desta etapa foi o estudo de Quinaud *et al.*, (2018), que teve por objetivo estabelecer a validade de conteúdo do Questionário acerca dos Conhecimentos e Competências funcionais do Treinador esportivo (QCCT). A partir da validação do conteúdo, o QCCT mostra-se como uma importante ferramenta para a avaliação dos conhecimentos e competências dos treinadores esportivos, como observamos a seguir.

4.3 - CONHECIMENTO DO TREINADOR ESPORTIVO

Para a última etapa do questionário definida como “**Conhecimentos do Treinador Esportivo**”, dividimos em 2 momentos: a **importância atribuída** que está relacionado a quanto o treinador esportivo acha importante o conhecimento dos itens abaixo para atuação profissional e **domínio no treinamento**, que mostra o domínio que o treinador esportivo tem, na prática, sobre os itens citados abaixo.

Para o desenvolvimento do questionário, utilizamos a escala de Likert (1932) conforme os valores apresentados nas duas escalas a seguir:

Sem Importância	Pouco Importante	Importante	Importantíssimo	Muito Importante
1	2	3	4	5

Não Domino	Domino Pouco	Domino razoavelmente	Domino Bem	Domino Muito
1	2	3	4	5

Relacionado à **importância atribuída** na primeira etapa associada ao “**Conhecimentos do Treinador Esportivo**”, encontramos os seguintes resultados e a sua significância para as 21 questões aplicadas:

- 4.1 Causas da deficiência visual (cegueira ou baixa visão) do seu atleta?
- 4.2 Estratégias de ensino-aprendizagem para a pessoa com deficiência visual?
- 4.3 Planejamento do treino de goalball (objetivos, estruturação das tarefas e progressões de conteúdos).
- 4.4 Gestão do treino de goalball (tempo, espaço físico, equipamentos).
- 4.5 Intervenção pedagógica (instrução no treino, correção, orientação, organização das tarefas e progressões).
- 4.6 Avaliação dos aspectos técnico-táticos, físicos e psicológicos no contexto de uma unidade de treinamento esportivo.
- 4.7 Implementação e avaliação de programas de treinamento ao longo do ciclo de treinamento.
- 4.8 Formação e desenvolvimento de atletas de goalball a longo prazo (orientação e mobilidade, reabilitação, iniciação, especialização e aperfeiçoamento).
- 4.9 Legislação que regulamenta o sistema esportivo (regras e regulamentos das confederações específicas).
- 4.10 Contexto de atuação profissional (recreação, desenvolvimento, rendimento).
- 4.11 Organização de competições esportivas.

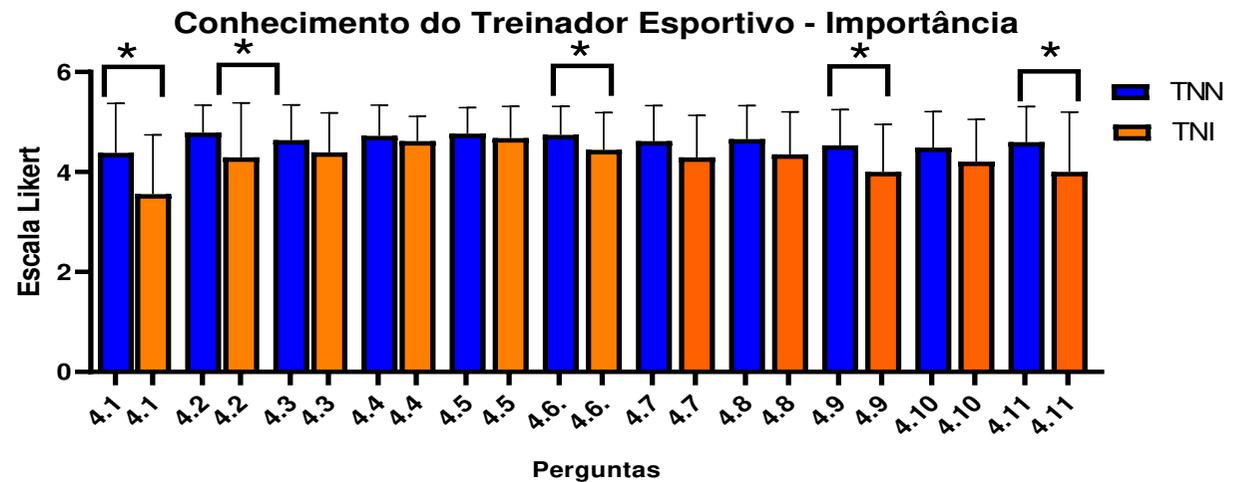


Gráfico 25 – Conhecimentos dos TE – Importância atribuída

- 4.12 Liderança e gestão dos atletas e comissão técnica.
- 4.13 Comunicação eficaz durante o treino.
- 4.14 Desenvolvimento profissional de treinadores.
- 4.15 Comunicação com outros atores do cenário esportivo (pais, mídias, árbitros).
- 4.16 Desenvolvimento de atitudes, valores, comportamentos e autonomia de atletas.
- 4.17 Estratégias pessoais para autoaprendizagem.
- 4.18 Reflexão na/sobre a própria prática.
- 4.19 A própria emoção e a emoção dos outros (atletas, pais, mídias, árbitros).
- 4.20 A própria filosofia de treino (princípios, valores, crenças).
- 4.21 Conscientização e criticidade da prática profissional.

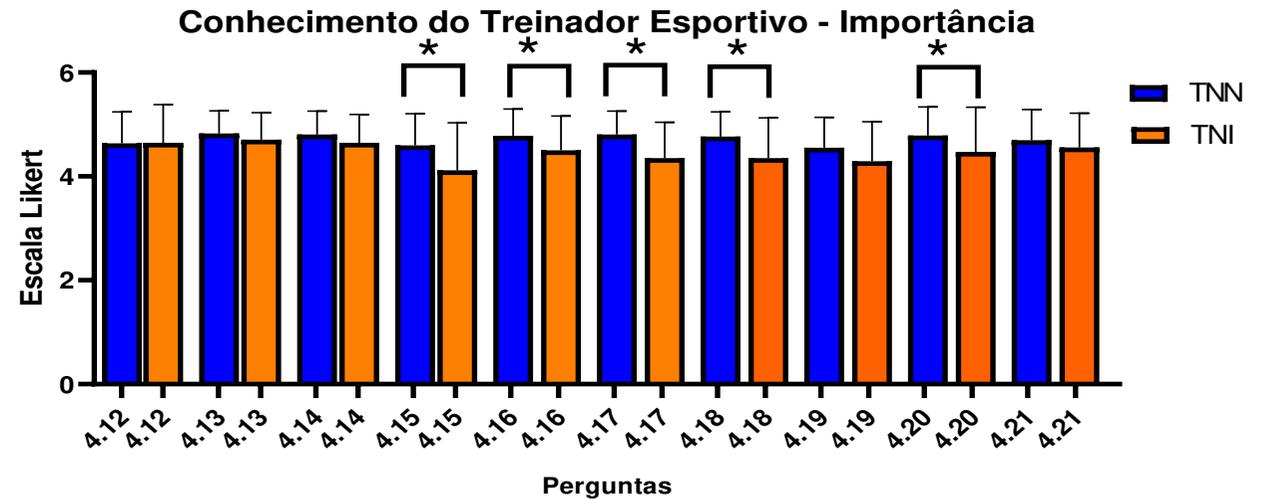


Gráfico 26 – Conhecimentos dos TE – Importância atribuída

Relacionado ao **domínio no treinamento** na primeira etapa associada ao “**Conhecimentos do Treinador Esportivo**”, encontramos os seguintes resultados e a sua significância para as 21 questões aplicadas:

- 4.1 Causas da deficiência visual (cegueira ou baixa visão) do seu atleta?
- 4.2 Estratégias de ensino-aprendizagem para a pessoa com deficiência visual?
- 4.3 Planejamento do treino de goalball (objetivos, estruturação das tarefas e progressões de conteúdos).
- 4.4 Gestão do treino de goalball (tempo, espaço físico, equipamentos).
- 4.5 Intervenção pedagógica (instrução no treino, correção, orientação, organização das tarefas e progressões).
- 4.6 Avaliação dos aspectos técnico-táticos, físicos e psicológicos no contexto de uma unidade de treinamento esportivo.
- 4.7 Implementação e avaliação de programas de treinamento ao longo do ciclo de treinamento.
- 4.8 Formação e desenvolvimento de atletas de goalball a longo prazo (orientação e mobilidade, reabilitação, iniciação, especialização e aperfeiçoamento).
- 4.9 Legislação que regulamenta o sistema esportivo (regras e regulamentos das confederações específicas).
- 4.10 Contexto de atuação profissional (recreação, desenvolvimento, rendimento).
- 4.11 Organização de competições esportivas.

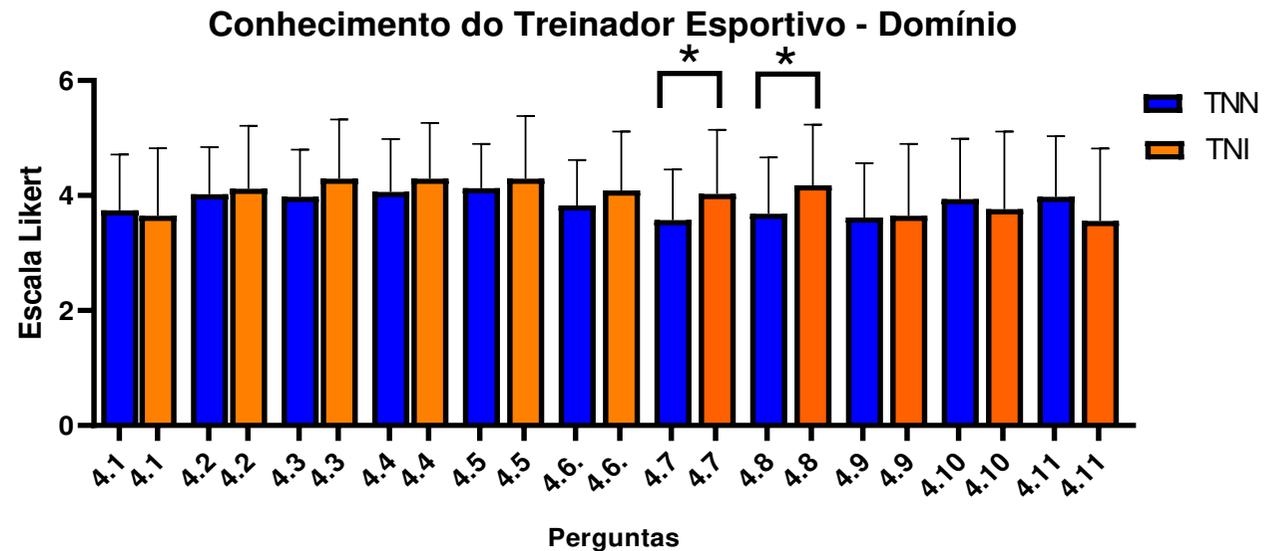


Gráfico 27 – Conhecimentos dos TE – Domínio atribuído

- 4.12 Liderança e gestão dos atletas e comissão técnica.
- 4.13 Comunicação eficaz durante o treino.
- 4.14 Desenvolvimento profissional de treinadores.
- 4.15 Comunicação com outros atores do cenário esportivo (pais, mídias, árbitros).
- 4.16 Desenvolvimento de atitudes, valores, comportamentos e autonomia de atletas.
- 4.17 Estratégias pessoais para autoaprendizagem.
- 4.18 Reflexão na/sobre a própria prática.
- 4.19 A própria emoção e a emoção dos outros (atletas, pais, mídias, árbitros).
- 4.20 A própria filosofia de treino (princípios, valores, crenças).
- 4.21 Conscientização e criticidade da prática profissional.

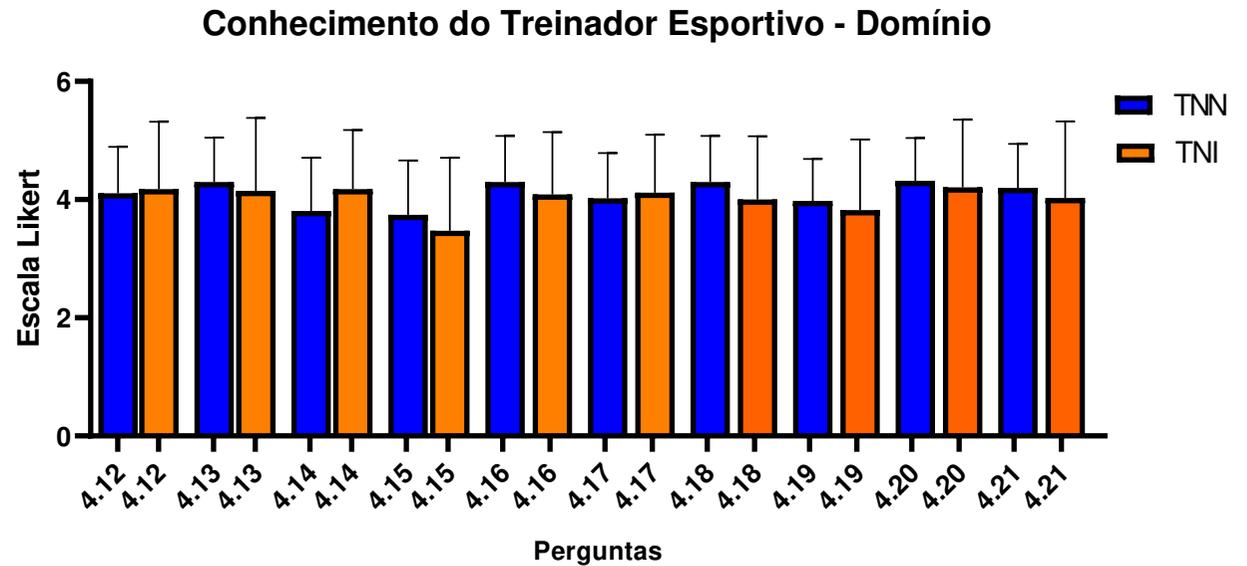


Gráfico 28 – Conhecimentos dos TE – Domínio atribuído

4.4. COMPETÊNCIAS FUNCIONAIS DOS TREINADORES ESPORTIVOS

4.4.1- Seguindo os padrões anteriores, mas agora relacionado as “**Competência Funcionais dos Treinadores Esportivos**”, também dividimos em 2 momentos: a **importância atribuída** está relacionada ao quanto o treinador esportivo acha importante o conhecimento dos itens abaixo para atuação profissional e **domínio no treinamento** está relacionado a quanto o treinador esportivo tem domínio na prática sobre os tópicos citados abaixo.

Para o desenvolvimento do questionário, utilizamos a escala de Likert (1932) conforme os valores apresentados nas duas escalas a seguir:

Sem Importância	Pouco Importante	Importante	Importantíssimo	Muito Importante
1	2	3	4	5

Não Domino	Domino Pouco	Domino razoavelmente	Domino Bem	Domino Muito
1	2	3	4	5

Relacionado à **importância atribuída** na segunda etapa associada à “**Competências funcionais do Treinador Esportivo**”, encontramos os seguintes resultados e a sua significância para as 23 questões aplicadas:

- 5.1 Compreender os diferentes contextos de prática esportiva.
- 5.2 Analisar os objetivos/necessidades dos atletas/praticantes.
- 5.3 Definir os objetivos do trabalho de acordo com o contexto de prática e os atletas/praticantes.
- 5.4 Preparar um ambiente seguro de treino.
- 5.5 Planejar a sessão de treino.
- 5.6 Definir critérios de desempenho de atletas/praticantes.
- 5.7 Liderar e influenciar.
- 5.8 Comunicar-se de maneira eficaz.
- 5.9 Gerir pessoas.
- 5.10 Conduzir atletas/praticantes em treino e competição
- 5.11 Capacidade de modificar estratégias.

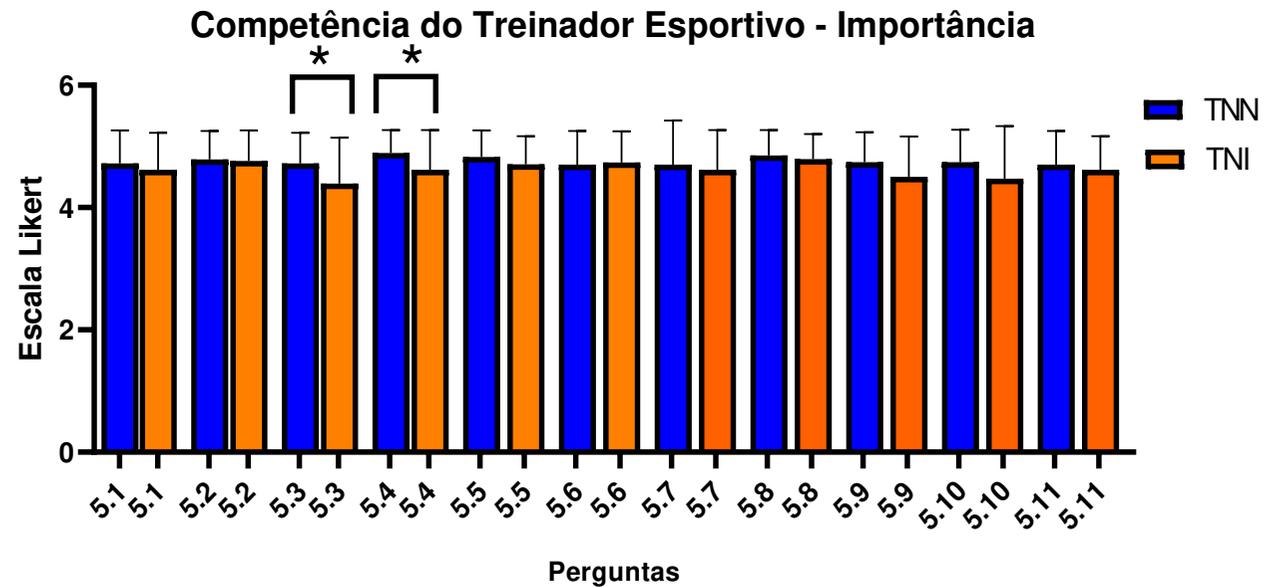


Gráfico 29 – Competência dos TE – Importância atribuída

- 5.12 Capacidade de modificar ações táticas.
- 5.13 Empregar diferentes metodologias de treino de acordo com o contexto de prática e os atletas/praticantes.
- 5.14 Organizar competições.
- 5.15 Avaliar o treino e a competição.
- 5.16 Analisar o desempenho de atletas/praticantes e equipes.
- 5.17 Fazer ajustamento no processo de treino e competição.
- 5.18 Desenvolver filosofia de trabalho.
- 5.19 Aprender de forma contínua.
- 5.20 Refletir e se auto avaliar.
- 5.21 Analisar as relações interpessoais.
- 5.22 Desenvolver autodeterminação nos atletas.
- 5.23 Lidar com as frustrações.

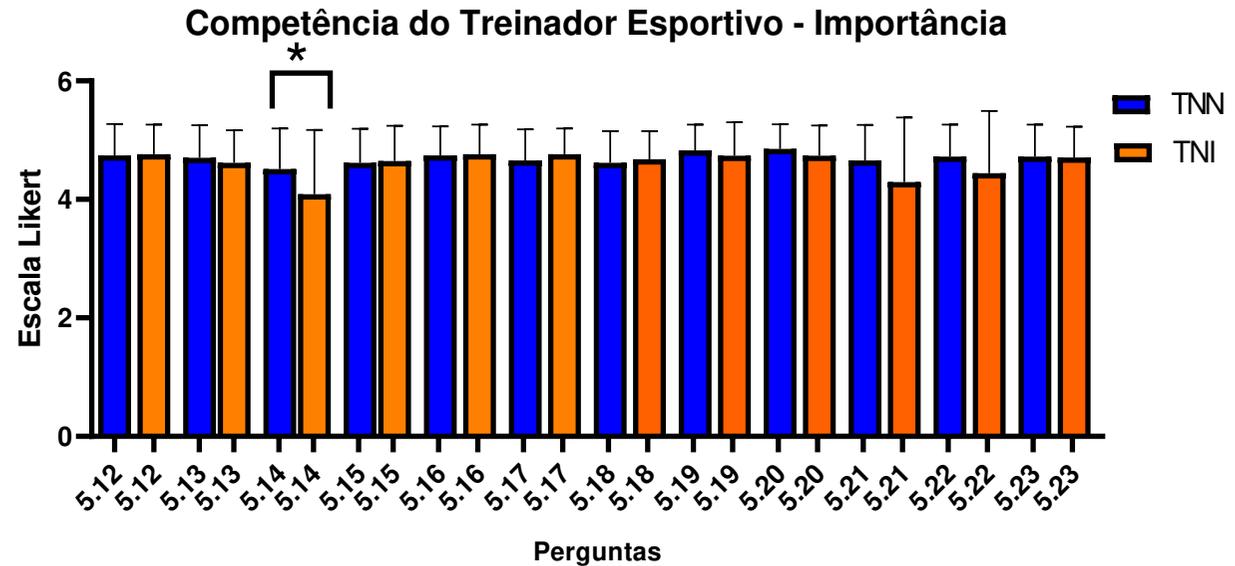


Gráfico 30 – Competência dos TE – Importância atribuída

Relacionado ao **domínio do treinador** na segunda etapa associada à “**Competências funcionais do Treinador Esportivo**”, encontramos os seguintes resultados e a sua significância para as 23 questões aplicadas:

- 5.1 Compreender os diferentes contextos de prática esportiva.
- 5.2 Analisar os objetivos/necessidades dos atletas/praticantes.
- 5.3 Definir os objetivos do trabalho de acordo com o contexto de prática e os atletas/praticantes.
- 5.4 Preparar um ambiente seguro de treino.
- 5.5 Planejar a sessão de treino.
- 5.6 Definir critérios de desempenho de atletas/praticantes.
- 5.7 Liderar e influenciar.
- 5.8 Comunicar-se de maneira eficaz.
- 5.9 Gerir pessoas.
- 5.10 Conduzir atletas/praticantes em treino e competição
- 5.11 Capacidade de modificar estratégias.

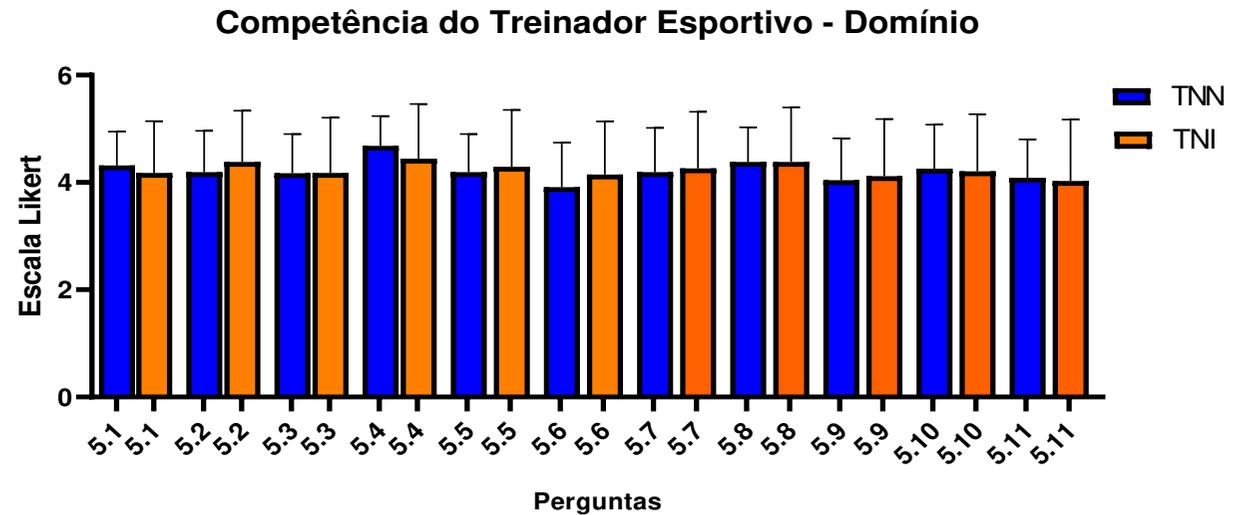


Gráfico 31 – Competência dos TE – Domínio atribuído

- 5.12 Capacidade de modificar ações táticas.
- 5.13 Empregar diferentes metodologias de treino de acordo com o contexto de prática e os atletas/praticantes.
- 5.14 Organizar competições.
- 5.15 Avaliar o treino e a competição.
- 5.16 Analisar o desempenho de atletas/praticantes e equipes.
- 5.17 Fazer ajustamento no processo de treino e competição.
- 5.18 Desenvolver filosofia de trabalho.
- 5.19 Aprender de forma contínua.
- 5.20 Refletir e se auto avaliar.
- 5.21 Analisar as relações interpessoais.
- 5.22 Desenvolver autodeterminação nos atletas.
- 5.23 Lidar com as frustrações.

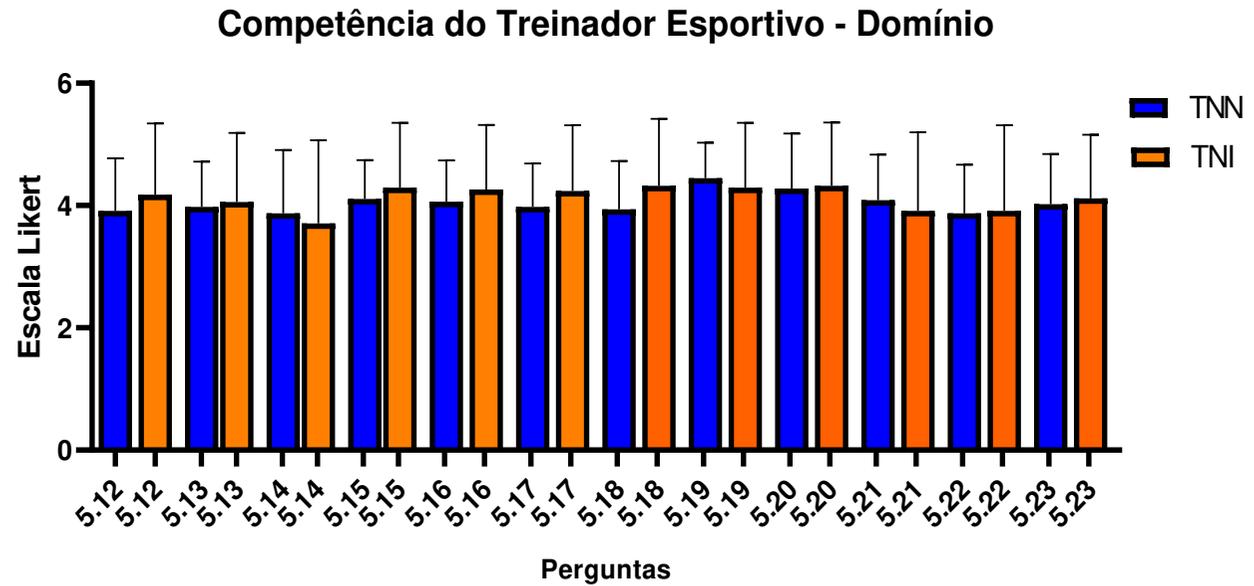


Gráfico 32 – Competência dos TE – Domínio atribuído

5 - DISCUSSÕES

Neste tópico, realizamos as discussões do estudo atrelando os resultados encontrados com o referencial teórico. Nesta abordagem proposta, as discussões foram construídas de forma integrada observando-se os resultados encontrados na pesquisa com os treinadores de nível nacional e internacional participantes do estudo.

Reafirmamos que amostragem da pesquisa foi composta por 81 treinadores esportivos de goalball, um número considerável, lembrando que 41 treinadores são do Brasil pertencentes a 14 estados brasileiros e 40 treinadores são de outros países, representantes de 5 continentes que desenvolvem a modalidade em nível internacional.

Vale destacar que os treinadores do continente americano e europeu se apresentam em maior número pela facilidade em acessá-los, já que as principais competições do ciclo paralímpico, em 2016-2020, aconteceram nesses dois continentes, onde o pesquisador atuou como treinador da seleção brasileira de gooball, e também por fazer parte do programa da Fundação Agitos, que proporcionou ministrar diversos cursos, palestras em diferentes países da América Central e do Sul. Dessa forma, o acesso e contato com os treinadores de diferentes regiões geográficas do país e do mundo foi aspecto relevante para o alcance da presente investigação³.

A Fundação Agitos, em parceria com os Comitês Paralímpicos Nacionais ou Associações Nacionais, sediado nos Estados Unidos. É um programa responsável por desenvolver cursos de capacitação para formação profissional, implantação de esportes Paralímpicos nas Américas do Norte, Central e Sul e de projetos de desenvolvimento das modalidades esportivas, assim como ações na área educacional como o paradesporto no ambiente escolar (AGITOS FOUNDATION, 2016)⁴.

³ Reafirmamos o que consta na página 63, em que o pesquisador do presente estudo está na condição de treinador principal da seleção brasileira de goalball e isto facilitou o acesso aos treinadores pesquisados, viabilizando os objetivos desta tese. O alcance dos TNN e TNI constitui uma amostragem única em estudos desta natureza, e a ausência de profissionais que desenvolvem o goalball e participam de torneios internacionais dos países do continente asiático como Japão e China, se deu pela dificuldade de acesso e do idioma da língua inglesa.

⁴ www.paralympic.org/agitos-foundation

Relacionado ao gênero, encontramos a predominância do masculino com 76,5% dos TNN e 85%TNI. O Comitê Olímpico Internacional relata que a equidade de gênero é um componente crítico da administração esportiva e apoia o aumento de mulheres inseridas no sistema esportivo (COI, 2014).

De um total de 259 federações esportivas nacionais com 22 modalidades esportivas diferentes, 71,4% não apresentam mulheres cadastradas como treinadoras esportivas (FERREIRA *et al.*, 2013).

O esporte é uma instituição masculina, não só em números, mas também por apresentarem valores e normas de comportamento que promovem e naturalizam a ideia de superioridade, tanto nos espaços físicos destinados aos esportes (campos, quadras, pistas, entre outros) como nas hierarquias organizacionais. Por meio do esporte, os homens reafirmam os padrões de privilégio e a subordinação das mulheres que existe fora da realidade esportiva (WHITSON, 1990).

No contexto geral, as mulheres estão mais propensas a serem treinadoras de modalidades esportivas que possuem menor prestígio e status para os homens, como os individuais e os femininos (KAMPHOFF *et al.*, 2010). Limitar as mulheres a serem treinadoras apenas de esportes tradicionalmente femininos, pode ser que isso consista numa estratégia de minimizá-las e com isto manter a hegemonia masculina (READE *et al.*, 2009).

Estas reflexões teóricas, nos remetem a acreditar que o esporte para pessoas com deficiência e o paralímpico, por proporcionarem oportunidades para todos, é um caminho para potencializar o aumento de mulheres no sistema esportivo, nas funções de treinadoras, auxiliares, fisiologistas, preparação física e também em setores auxiliares aos esportes, como nutrição, psicologia e fisioterapia. Além disto, muitas vezes as atletas com deficiência necessitam de suportes para seus cuidados pessoais, sendo conveniente que tenha mulheres nas comissões técnicas para auxiliá-las.

Analisando os **contextos formais e situações mediadas de aprendizagem**, observamos um valor significativo de treinadores graduados em Educação Física ou áreas afins. Isso mostra a importância da área para o desenvolvimento do esporte e a aprendizagem adquirida por meio do ensino formal,

que é multifacetado, mas, tornar este treinador mais preparado para suas ações, que atrelada às não formais e informais fazem um profissional qualificado para a modalidade esportiva.

Especificamente sobre os TNN, são graduados em sua grande maioria, já que no Brasil, país em que a profissão de Educação Física é regulamentada, em cumprimento ao que determina a Lei Federal nº 9696, de 1º de setembro de 1998 e o Conselho Federal de Educação Física - CONFEF, tem desenvolvido significativas ações na perspectiva do reconhecimento legal, da organização e da valorização social da Profissão Educação Física (CONFEF, 2001).

A Lei nº 9696/98, que regulamentou essa profissão, é prerrogativa do profissional graduado em Curso Superior de Educação Física (Licenciatura ou Bacharelado), com registro no Sistema CONFEF/CREFs. Portanto, trata-se de um campo profissional legalmente organizado, integrado a área da saúde e da educação (CONFEF, 2001).

No Parecer CNE/CES 0058/2004 e na Resolução CNE/CES 7/2004, diferentemente dos documentos anteriores, são contemplados a Educação Física especial na formação dos professores de Educação Física, fazendo parte do grupo das disciplinas técnicas na graduação (BRASIL, 2009).

Portanto, cursos de graduação em Educação Física no Brasil apresentam em sua grade curricular disciplinas específicas abordando a atividade motora e o esporte para pessoas com deficiência.

Nos outros países analisados, não encontramos nenhum que apresente uma regulamentação específica para a profissão, mas observamos um número significativo de treinadores com graduação em Educação Física ou áreas afins, conforme observamos no quadro 2 das páginas 71 a 73 e quadro 3 das páginas 75 e 76 desta tese. Por não apresentarem nenhuma regulamentação para a área, qualquer pessoa pode atuar como treinador esportivo e geralmente, as Federações Esportivas e as Organizações Nacionais de Esporte têm sido responsáveis pela formação destes treinadores em diversos países (ICCE, 2013). Nestes programas de formação, os treinadores são certificados para atuar em diferentes contextos esportivos como: participação, lazer, educação, saúde e rendimento (CÔTÉ; GILBERT, 2009).

Como exemplo, citamos o Canadá, onde a Associação de Treinadores do Canadá (*Coaching Association of Canadá – CAC*) é a entidade responsável pela formação formal de treinadores esportivos, fornecendo as certificações necessárias para o treinador exercer sua profissão (WERTHNER *et al.*, 2012).

O ensino superior é um importante momento para a formação destes treinadores esportivos, pois possibilita conhecimento específico da Educação Física ou áreas afins, especialmente por proporcionar um elevado corpo de conhecimentos, recursos e possibilidades para impulsionar a aprendizagem destes profissionais (BANACK *et al.*, 2012; DICKENS, 2009; JONES *et al.*, 2012).

Diante desta discussão, o caso brasileiro, por apresentar uma regulamentação com regras e obrigatoriedades para a profissão, apresenta característica própria e específica, talvez única, para atuação no campo da Educação Física, com a perspectiva hipotética de cursos de graduação em Educação Física promoverão conhecimentos necessários, porém não específicos, para atuação de profissionais formados no campo do treinamento esportivo.

Disciplinas que proporcionam os conhecimentos básicos para formação profissional em Educação Física, além de outras disciplinas que complementam a formação profissional, devem formar a base para estes futuros treinadores atuem somadas a importante complementação do conhecimento não formal e o informal, aspectos que se fazem necessários para se tornar um treinador qualificado e excelência.

Observamos que os cursos de graduação, por serem generalistas, há um número significativo de TNN que realizaram pós-graduação nível *latu sensu* (especialização) na área da Educação Física e do esporte para pessoas com deficiência, com o intuito de estar mais preparado para atuar com este público. Já os TNI apresentam resultados significativos na pós-graduação nível *stricto sensu*, mestrado e doutorado, já que muitos países não apresentam cursos *latu sensu* na sua formação complementar.

Destacamos que 7 TNN, destes 4 possuem mestrado (3 brasileiros e 1 chileno) e 3 brasileiros possuem doutorados. Já dos 9 TNI, identificamos que 8

possuem mestrados (2 brasileiros e 6 estrangeiros) e 1 treinador da Grécia possui doutorado.

Diante dos dados encontrados, sugerimos que políticas de desenvolvimento dos cursos de pós-graduação nível *stricto sensu* em universidades públicas e privadas sejam aumentados, e estes são necessários para a complementação e formação de treinadores do esporte paralímpico.

Botomé (1998) afirma que para o desenvolvimento de um país é necessário a otimização dos seus processos de produção do conhecimento e de maximização do acesso ao conhecimento disponível para sua população. Os estudos de Fonseca e Fonseca (2016) relata que a proposta destes cursos é ir além da dimensão formativa do educando, buscando preparar o indivíduo para o exercício da cidadania, que transcende o limite do campo profissional, o que complementa nossos achados na tese.

Diante destas reflexões teóricas, destacamos que estes cursos vão perdurar ao longo da vida, e não se restringem apenas à busca de preparação direta para o trabalho ou para ascensão na carreira, como costumeiramente é relatado pelo senso comum.

Relacionado aos **contextos informais e situações não mediadas de aprendizagem** com a pesquisa *ex-post facto*, os dados mostram que a prática esportiva esteve presente na vida de 42 (89,5%) TNN e 34 (100%) TNI como observamos no gráfico 04 da página 79 desta tese.

Estes dados se mostram bastante significativos, já que estas práticas esportivas realizadas e os relacionamentos interpessoais podem ter influenciado na carreira profissional destes treinadores esportivos. O sucesso dos treinadores esportivos depende do conhecimento interpessoal, já que as interações regularmente são individuais ou coletivas, com os atletas, membros da comissão técnica, dirigentes, pais, entre outros (MILISTETD *et al.*, 2017). As relações interpessoais, treinador - atleta, podem ser determinantes para este atleta se tornar um treinador esportivo, já que os relacionamentos entre os pares, pode ter deixado marcas positivas e conseqüentemente estimulado estes treinadores para a profissão.

Treinadores esportivos necessitam desenvolver maneiras mais eficazes e adequadas de comunicação com todos os envolvidos neste processo de desenvolvimento esportivo, tendo maiores capacidades de auxiliar seus atletas a partir das especificidades como faixas etárias, níveis competitivos, significados da prática esportiva e o contexto social particular (NELSON *et al.*, 2006; WERTHNER *et al.*, 2009).

Relacionado às práticas esportivas vivenciadas pelos treinadores esportivos, observamos no gráfico 6 da página 81 que os esportes coletivos foram os mais citados e o futebol a modalidade mais praticada entre eles. Trata-se da modalidade esportiva mais popular e praticada no mundo (FIFA, 2015).

Estes dados podem ser discutidos pelo viés pedagógico, cultural e pelas políticas públicas destinadas ao esporte. Pelo viés pedagógico, o esporte precisa passar por transformações, com novas abordagens de ensino e desenvolvimento, no entanto, ainda estamos enraizados em uma sociedade competitiva e de performance esportiva, em que a técnica esportiva prevalece. Muitos profissionais da área estão embasados no ensino tradicional ou tecnicista, e o esporte e a sociedade atual requerem o esporte visto em sua totalidade de expressões humanas (SADI, 2004).

Treinador esportivo precisa enxergar o esporte para além das quadras, campos, o esporte precisa deixar de ser objetivo final e passar a ser instrumento de educação, inclusive no esporte de rendimento, para que os princípios utilizados pelos treinadores esportivos sejam levados para a vida, independentemente do nível com o qual praticou a modalidade.

Para o treinador do esporte paralímpico, isto vai além, pois deve desempenhar um papel integral, com objetivo de desenvolver as pessoas e a sociedade, com valores atrelados a inclusão, igualdade e respeito (FUNDED, 2019).

A Pedagogia do Esporte, vem ao encontro da proposta, em que o profissional de Educação Física não pode reduzir o esporte apenas a metodologias de ensino, limitando o esporte e reduzindo-o a uma prática singular e antiga. Ao contrário, o esporte deve ser ensinado de forma ampla, transformando-o em facilitadores no processo de educação e formação de crianças e jovens (PAES; BALBINO, 2009).

O ato pedagógico do esporte deve ir para além dos aspectos estratégicos, físicos, técnico e táticos, pois trata-se de um componente cultural da modalidade, desenvolvido ao longo da história, mas o esporte deve ser entendido como um meio para levá-lo a ser melhor, que seja um ambiente para construção de valores que o conduzirão para toda a vida (SCAGLIA, 1999).

Ao abordarmos o conceito de cultura esportiva, iniciamos em uma perspectiva restrita à dimensão descritiva e simbólica do esporte, e vamos para uma perspectiva que considera as suas dimensões estruturais, sociais e históricas, no qual a concepção do esporte como instituição social, que possui símbolos e códigos próprios, passa para um entendimento que abrange os modos de organização política, econômica e comercial do fenômeno esportivo na atualidade. Além disso, essa concepção considera a variação das interpretações e das significâncias que configuram as representações acerca do esporte e das práticas esportivas de diferentes grupos sociais em diferentes períodos históricos e na contemporaneidade (MOREIRA *et al.*, 2016).

Relacionado às políticas públicas associadas ao esporte, encontramos carência de ações que promovam o acesso ao esporte, como a criação de espaços públicos seguros para as práticas esportivas, quanto pela ausência de programas de acesso e incentivo ao esporte (PNDU, 2017).

A carência de profundidade e continuidade no fomento do esporte, em projetos socioeducativos, leva à desistência, fazendo com que o esporte deixe de estimular valores que podem contribuir para a formação do caráter e da identidade social (ZALUAR, 1994).

O trabalho esportivo na área social, pode ser fonte de frustração, já que poucos conseguirão chegar a alta *performance*, mesmo estes não sendo o objetivo de projetos esportivos sociais. A proposta de desafiá-los a se desenvolverem, a jogar cada vez melhor, buscar vitórias e lidar positivamente com as derrotas, poderá levá-los a entender as frustrações como fenômeno natural e os levará à superação e crescimento (HIRAMA; MONTAGNER, 2012).

A retomada dessas reflexões teóricas sobre a pedagogia do esporte, cultura esportiva e políticas públicas destinadas ao esporte aconteceram devido os

TNN e TNI relataram que o início das práticas esportivas aconteceram em diferentes cenários como observamos no gráfico 7 da página 81, com isto o ensinar com olhar pedagógico, entender a cultura esportiva e as políticas públicas destinadas ao esporte de cada país, independentemente do nível que se vá atuar profissionalmente, faz parte do contexto profissional deste personagem.

Outro dado de grande importância a destacar, são 5 TNI serem ex atletas praticantes de goalball como observamos no gráfico 6 da página 81. Este dado se mostra relevante, já que são poucos atletas que se preocupam com pós carreira esportiva.

Schinke *et al.*, (1995) ao estudar os estágios de carreira de treinadores internacionais de basquete, encontraram 7 etapas cronológicas de desenvolvimento, iniciando como atleta e chegando a treinador esportivo de elite, sendo estes: iniciação esportiva, esporte de elite, esporte de elite internacional, treinador de novatos, treinador de atletas em desenvolvimento, treinador de elite nacional e treinador internacional.

Os mesmos autores relatam que treinadores olímpicos progredem gradualmente até chegarem aos mais altos níveis do esporte. Já os treinadores do esporte para pessoas com deficiência muitas vezes ascendem rápida e diretamente, pois podem ser um ex atleta (com deficiência) ou treinador de desenvolvimento / recreação (sem uma deficiência) para cargos de técnico de seleção (McMASTER, *et al.*, 2012).

Tornar-se treinador, está diretamente vinculado ao percurso de vida destes indivíduos, mostrando revelar episódios, decisões dotadas de significados e informações importantes para construção e desenvolvimento do treinador esportivo (BRASIL, Z. *et al.*, 2015; JONES; ARMOUR; POTRAC, 2004).

Corroborando com os autores, construir uma carreira de treinador esportivo com deficiência pode estar atrelado ao contexto histórico de vida, como observamos no gráfico 6 da página 81. Ter o domínio não formal de uma modalidade pode contribuir para o pós-carreira. Isto justifica-se também, por estes treinadores não perderem vínculos com a modalidade esportiva que praticaram.

Em continuidade a este tema, um importante registro é o projeto coordenado pelo CPB (2019), que trata de estruturar o processo de formação do atleta chegando até a fase pós carreira, e atualmente compreendendo a necessidade do atleta paralímpico vivenciar três etapas ao longo da carreira:

(A) Pré transição - é o momento em que está associado a iniciação esportiva formal ou informal, é neste momento que vão acontecendo as experiências esportivas, sendo necessário suporte para o desenvolvimento esportivo;

(B) Transição – etapa em que ocorre a retirada do ambiente esportivo, muitas das vezes causadas pela perda de rendimento esportivo e por lesões associadas ao esporte;

(C) Pós transição – momento em que se preocupa com o seu novo papel fora do ambiente esportivo associada a novos desafios no seu curso de vida (nova atividade, família, etc.).

Para o atleta paralímpico, é fundamental lidar com novas situações e ocupações. Muitos acabam ocupando posições de gestão dentro das instituições para pessoas com deficiência com objetivo de manter suas relações com o esporte (HAIACHI *et al.*, 2016; WHEELER *et al.*, 1996).

No Brasil, não encontramos nenhum treinador esportivo com deficiência, ou seja, poucas pessoas com deficiência acabam buscando a área da Educação Física e atuando como treinadores esportivos, sendo ex atletas da modalidade ou não. No entanto, 5 TNI, como mostra o gráfico 5 da página 81, são ex atletas de goalball e atuam como treinadores, inclusive de seleções nacionais. É um número ainda incipiente.

Este fato, pode ser em decorrência da ausência de treinadores para atuarem com a modalidade e também em decorrência dos países internacionais não terem uma regulamentação para a profissão, e conseqüentemente, mesmo em nível internacional pouquíssimos ex atletas migram para o pós carreira na função de treinadores de modalidades paralímpicas.

Atualmente, algumas barreiras para o recrutamento de treinadores para o esporte para pessoas com deficiência estão gradativamente sendo diminuídas,

principalmente pelo fato de vários treinadores de elite de atletismo olímpico estarem migrando para o esporte paralímpico nos últimos 5 anos (WAREHAM *et al.*, 2018).

Percebemos que isto está ocorrendo devido os treinadores do esporte olímpico estarem se conscientizando sobre o esporte paralímpico e enxergando potenciais nos atletas com deficiência como observamos no gráfico 10 da página 84 desta tese. Este gráfico revela que vários treinadores esportivos migraram do esporte olímpico, no entanto, muitos não ingressaram diretamente no goalball, ou seja, atuam ou atuaram em outras modalidades paralímpicas até chegarem no goalball como observamos no gráfico 10 da página 84 desta tese.

Embora tenhamos uma evolução no recrutamento de treinadores, e estes terem elevado o status de seus respectivos atletas, não significa dizer que são os mais qualificados para a função, já que apresentam efeitos do estigma e da discriminação, devido às influências sociais. Além disto, possuem na maioria das vezes uma visão biomédica de que o esporte para pessoas com deficiência deve ter o viés terapêutico e não de rendimento esportivo (LEGG; STEADWARD, 2011).

Identificamos no gráfico 16 da página 88 desta tese que 18 (38%) dos TNN e 10 (29,5%) dos TNI conheciam o esporte paralímpico e foram voluntários antes de serem treinadores esportivos. Isto caracteriza como um meio não formal de aprendizagem da modalidade. Corroborando com nossos achados, o estudo de Fecundo *et al.* (2013) relata que uma das formas de potencializar o aprendizado relacionadas às situações informais de aprendizagem são os estágios realizados na área de Educação Física e do esporte adaptado, pois propicia o contato com atleta, familiares e outros profissionais envolvidos no esporte para pessoa com deficiência (FECUNDO *et al.*, 2019).

Complementamos relatando que os achados da pesquisa são tímidos, mas estágios voltados para a área de Educação Física e esportes adaptados, propiciam quebras de paradigmas, pois os estudantes passam a ver a pessoa com deficiência pelos seus potenciais e não pelas limitações, com isto despertam interesse e perspectivas para uma área em constante crescimento.

Observamos que 28 (59,5%) TNN responderam que atuam em outra comissão técnica e 18 (53%) dos TNI responderam que já integraram ou integram

outra comissão técnica. Estas oportunidades esportivas possibilitam ao treinador esportivo novas aprendizagens que podem agregar e possibilitar um vasto repertório de conhecimento, conseqüentemente elevar a qualidade e o nível da prática conforme apresentado também nos estudos de Mallett *et al.*, (2009) e Ibáñez *et al.*, (2013).

As aprendizagens associadas aos esportes não se iniciam exclusivamente no ensino formal, mas ocorrem em oportunidades e vivências contínuas ao longo das etapas da vida (IBÁÑEZ *et al.*, 2013).

Corroborando com o autor, experiências anteriores agregadas a uma filosofia de trabalho criada, desenvolvida e aprimorada pelo treinador esportivo o tornam *expert* na modalidade e com isto o mesmo vai construindo sua história pessoal no esporte. No entanto, o goalball é uma modalidade que está em evolução, com poucos referenciais teóricos e competições para o desenvolvimento profissional, e experiências em outras modalidades esportivas se tornam enriquecedoras para o treinador esportivo da modalidade.

Sobre os **contextos não formais e as situações internas de aprendizagem** dos treinadores esportivos de goalball, identificamos que nesta modalidade esportiva os cursos de formação para profissionais da área são organizados com maior frequência pelas federações e comitês nacionais como observamos nos gráficos 24 da página 93. Identificamos que os cursos específicos sobre goalball foram organizados na maioria das vezes pelas federações e confederações, citados por 13 (28%) TNN e também 13 (38%) TNI. Cursos desenvolvidos pelos comitês paralímpicos foram apontados por 22 (47%) TNN e apenas 6 (18%) dos TNI. Vale destacar que apenas 1 TNN e 6 TNI mencionaram cursos de extensão organizados pelas universidades, que por serem generalistas, acabam desenvolvendo poucos cursos específicos para modalidades paralímpicas.

Corroborando com os achados, Erickson *et al.*, (2008) e Trudel e Gilbert (2006) relatam que estes programas de formação de treinadores objetivam a aprofundamento do conhecimento e a aplicabilidade em seu ambiente de trabalho, e Sfard (1998), nesse tema, descreve que estes programas devem se direcionar também para uma progressiva aprendizagem participativa.

No Brasil, o Comitê Paralímpico Brasileiro desenvolve o programa de “Educação Paralímpica”, com objetivo de planejar e desenvolver cursos para formação continuada por meio de aprimoramento técnico, classificadores, árbitros e outros profissionais que desenvolvem o esporte paralímpico.

Os cursos apresentam duas vertentes. A primeira denominada "Movimento Paralímpico: Fundamentos Básicos do Esporte", ocorre por meio do ensino à distância, e uma parceria entre o Comitê Paralímpico Brasileiro e a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e tem por objetivo multiplicar profissionais, em nível escolar, que irão atuar ou auxiliar no esporte paralímpico. Até outubro de 2019 tinha capacitado aproximadamente 16 mil profissionais e tem como meta 100 mil até o ano de 2025 (CPB, 2019). No mês de outubro de 2020, foram incorporados a este programa as modalidades goalball, futebol de 5 (cegos) e judô paralímpico.

A segunda são os cursos de habilitação técnica para treinadores esportivos, nas modalidades Para-Atletismo, Para-Natação e Para-Halterofilismo. Os cursos são complementados com horas de atividades práticas comprovadas sendo: habilitação técnica nível I (100 horas), nível II (300 horas) e os cursos de Nível III (380 horas) de atuação prática, que podem ser realizadas em espaços pertencentes a parceiros da instituição credenciada (CPB, 2019).

Este segundo modelo de capacitação em que o especialista desenvolve conteúdos e informações especializadas das modalidades esportivas citadas para os alunos, e estes adquirem e aplicam em seu ambiente de atuação ou compartilham com outros, denominado de aprendizagem participativa, vai ao encontro da ideia de formação continuada de Sfard (1998). Portanto, o processo de aprendizagem ocorre durante a prática cotidiana e pela interação com outras pessoas, ocorrendo um envolvimento ativo com o contexto do treinador (ERICKSON *et al.*, 2008; TRUDEL; GILBERT, 2006; WRIGHT; TRUDEL; CULVER, 2007).

Diante do contexto não formal de aprendizagem, as situações internas estão relacionadas ao treinador esportivo reorganizar suas ideias, que são adquiridas em experiências vivenciadas, em que o treinador esportivo passa a refletir acerca de informações oriundas das experiências adquiridas no ambiente de ocupação.

Para o treinador esportivo de goalball, as situações internas de aprendizagem são constantes, já que o contexto formal de aprendizagem passa por vivências da modalidade, ocorrendo muito pouca prática reflexiva. No contexto informal as práticas reflexivas são mais presentes, devido aos treinadores da modalidade associarem os conhecimentos adquiridos ao longo da vida, relações com outros treinadores e realizarem suas próprias análises e reflexões, transferindo aprendizados significativos para suas metodologias utilizadas como treinador da modalidade.

Destacamos que experiências adquiridas em competições e cursos não são frequentes no goalball, e quando ocorrem, treinadores esportivos precisam aproveitar para captar o máximo de informações e aprendizagens possíveis, e conseqüentemente reorganizar suas ideias para tornarem-se mais completos. Destacamos que as práticas não formais e situações internas de aprendizagem, são bastante relevantes para formação dos treinadores esportivos, no entanto, é necessário avaliar o tamanho do impacto destas práticas no seu cotidiano, conforme observamos nos estudos de Nelson, Cushion e Potrac (2006).

Para a última etapa do questionário, investigamos os **conhecimentos e competências funcionais** dos treinadores esportivos de goalball. Para isto, dividimos cada item em dois momentos associados à **importância atribuída** que está relacionado ao quanto o treinador esportivo acha importante o conhecimento dos itens elencados para atuação profissional e **domínio no treinamento** que está relacionado a quanto o treinador esportivo tem domínio sobre os tópicos questionados.

Para a discussão destes itens, selecionamos apenas os tópicos que apresentaram significância nas análises dos dados. Relacionado aos **conhecimentos dos treinadores esportivos**, a **importância atribuída** apresentou significância em 10 tópicos, destacados a seguir:

Quadro 5 - Conhecimentos dos treinadores esportivos - importância atribuída

1º	4.1 - Causas da deficiência visual (cegueira ou baixa visão) do seu atleta?
2º	4.2 - Estratégias de ensino-aprendizagem para a pessoa com deficiência visual?
3º	4.6 - Avaliação dos aspectos técnico-táticos, físicos e psicológicos no contexto de uma unidade de treinamento esportivo.

4º	4.9 - Legislação que regulamenta o sistema esportivo (regras e regulamentos das confederações específicas)
5º	4.11 - Organização de competições esportivas
6º	4.15 - Comunicação com outros atores do cenário esportivo (pais, mídias, árbitros).
7º	4.16 - Desenvolvimento de atitudes, valores, comportamentos e autonomia de atletas.
8º	4.17 - Estratégias pessoais para autoaprendizagem
9º	4.18 - Reflexão na/sobre a própria prática.
10º	4.20 - A própria filosofia de treino (princípios, valores, crenças).

Fonte: elaborado pelo autor

✓ **1º tópico de demonstração de significância: 4.1 - Causas da deficiência visual (cegueira ou baixa visão) do seu atleta?**

Observamos no gráfico 25 da página 96, que este item se mostra bastante significativo para os TNN e TNI, já que a visão é considerada a fonte primária para a compreensão do mundo, nos motiva para a exploração de objetos e o desenvolvimento motor acaba se restringindo nas crianças cegas pela falta de movimentação ou motivação pelo deslocar-se no espaço (LIEBERMAN, 2005; MAUERBERG DE CASTRO, 2005).

Aproximadamente 20% das crianças em idade escolar apresentam distúrbios oculares de causas variadas, vinculadas a fatores biológicos, sociais e ambientais. Das causas da cegueira, o glaucoma congênito, a catarata congênita, a cicatriz de retinocoroidite são as mais presentes e as associadas a diagnósticos secundários, que levaram a cegueira, o descolamento de retina aparece em primeiro lugar (COUTO JUNIOR; OLIVEIRA, 2016).

Por ser uma modalidade de impacto, como citamos no marco teórico do goalball, não são todas as pessoas que apresentam a deficiência visual que estão aptas para praticá-lo, já que pessoas que apresentam baixa visão por patologias que podem ser ainda mais prejudicadas com o impacto da bola ou de algum companheiro como por exemplo o descolamento de retina, podendo leva-lás à cegueira, ou seja, o indivíduo perderia o resíduo visual que possui.

É importante que os treinadores conheçam as patologias visuais de seus atletas e identifique se podem ou não praticar o goalball. Além disto, a modalidade

apresenta uma classificação esportiva (B1, B2 e B3) permitindo que joguem atletas com baixa visão, mas devem se enquadrar nos critérios de classificação esportiva para disputar competições geridas por uma entidade oficial como observamos no marco teórico do goalball.

✓ **2º tópico de demonstração de significância: 4.2 - Estratégias de ensino-aprendizagem para a pessoa com deficiência visual?**

Identificamos no gráfico 25 da página 96 que este tópico se mostrou significativo para os TNN e TNI devido a modalidade apresentar pessoas com baixa visão e cegueira. Para o jogo de goalball, todos devem utilizar a venda para que se igualem, ou seja, estejam em situação de cegueira.

Diante desta situação, estratégias de ensino-aprendizagem para pessoas com deficiência visual são fundamentais para potencializar estes indivíduos, assim, estratégias são ações que acontecem no momento do ensino ou da avaliação do aluno, sendo necessário planejar previamente, levando em consideração as características da deficiência, os potenciais do aluno, os objetivos pretendidos e a complexidade da atividade. No entanto, a estratégia não se limita apenas ao planejado, ela é flexível caso o professor identifique que não está adequada para o aluno, sendo necessário que elabore mais de uma estratégia para potencializar este praticante.

Lieberman e Houston-Wilson (2009) sugerem quatro adaptações que também se configuram como estratégias para alunos com deficiência visual, sendo elas: modificação nos equipamentos; modificação nas regras; modificação no ambiente e modificação na instrução.

Oliveira Filho e Almeida (2005) descrevem alguns sistemas de informação para a pessoa com deficiência visual, que devem respeitar o nível de complexidade da informação e de desenvolvimento do aluno como verificamos na figura 22:

Fig. 22 – Sistema de Informações para PCDV

Estímulos	Informações			
Auditivos	Verbal - explicativo		Sinalética	
Táteis	Direto	Professor ---- Aluno	Indireto	Primário
		Aluno ---- Professor		Secundário
Visuais				
Interação dos estímulos e a recepção pelo indivíduo	Foco de atenção			
	Nível de desenvolvimento motor		Exigência da atividade	
	Nível de Complexidade			
Relacionando ao nível de desenvolvimento do indivíduo				

Fonte: OLIVEIRA FILHO; ALMEIDA (2005)

Para o goalball a importância de conhecer e utilizar os sistemas auditivos como receber estímulos sonoras da bola, dos atletas e dos treinadores e informações táteis como orientação espacial na quadra, contato com a bola e adversários são necessárias, e conforme o processo maturacional destes atletas, mais complexos serão as estratégias utilizadas pelos treinadores esportivos.

- ✓ **3º tópico de demonstração de significância: 4.6 - Avaliação dos aspectos técnico-táticos, físicos e psicológicos no contexto de uma unidade de treinamento esportivo.**

Observamos a importância atribuída no gráfico 25 da página 96 a este tópico pelos TNN e TNI. Algumas reflexões teóricas serão relatadas como Scaglia *et al.*, (2015) descrevem na avaliação dos aspectos inerentes ao jogo. Para os autores o treinador esportivo deve compreender o processo organizacional da modalidade envolvida, com o propósito de que suas intervenções possam provocar e potencializar a aprendizagem intencional dos seus jogadores.

Porta, Zamberlan e Perozzo (2010) relatam que as avaliações podem estar associadas aos: (A) aspectos técnico-táticos por meio das análises de desempenho, (B) às capacidades físicas por meio de testes fisiológicos e (C) avaliações psicológicas por meio de testes psicológicos.

Para as avaliações dos (A) aspectos técnico-táticos por meio das análises de desempenho, podemos ter auxílio de um analista de desempenho por meio de ferramentas tecnológicas como os sistemas de Scout técnico, que são sistemas transacionais que exigem mais de um operador para capturar todas as informações de desempenho na partida e estas são gravadas e analisadas para mudanças táticas no decorrer do treino ou jogo (PORTA; ZAMBERLAN; PEROZZO, 2010).

Os dados coletados ajudam a identificar aspectos que uma pessoa não conseguiria verificar no cotidiano do treinamento (RAIMANN, 2008). Todas as informações obtidas por sistemas da informação podem ser utilizadas como método avaliativo de performance durante competições e treinamento (O'BRIEN, 2004). Para isto, o *scout* pode ser utilizado como metodologia que processa informações sobre determinada equipe durante as partidas, como número de passes, faltas, desarmes, ou seja, recolhe dados de vários acontecimentos relacionados ao jogo (GARGANTA, 2009).

Corroborando com os estudos, destacamos os estudos de mestrado de Trapp (2017) que desenvolveu um sistema de análise de desempenho para o jogo de goalball, sendo aprimorado e utilizado na seleção brasileira masculina de goalball nos treinamentos e competições da modalidade, e o estudo de Morato *et al.*, (2017) que desenvolveram e avaliaram um sistema de observação para análise do jogo no goalball.

Relacionado às (B) capacidades físicas, as avaliações podem ser executadas por meio de testes diretos e indiretos. Os testes diretos são testes invasivos como por exemplo análise de lactato sanguíneo, observados nos estudos de Alves *et al.*, (2018) e os testes indiretos são avaliações das capacidades físicas (força, resistência, agilidade, flexibilidade, coordenação motora) como os trabalhos desenvolvidos por Gamero *et al.*, (2016) e Molik *et al.*, (2015), que analisaram a potência de membros superiores e inferiores. Outros estudos de referência são os de Gulick (2011) que

verificou a capacidade aeróbia e Claudino, Dias e Tosim (2012) que analisaram a agilidade de jogadores de goalball.

Sobre as (C) avaliações psicológicas por meio de testes psicológicos, destacamos que o estudo de Samulski e Noce (2002) que avaliou perfil psicológico de atletas paralímpicos brasileiros e o estudo de Pagani (2012) que fez uma análise motivacional de atletas do paradesporto de nível nacional. Vale destacar que a psicologia do esporte, que tem por objetivo analisar cientificamente a interferência dos fatores psicológicos na performance do atleta, é indispensável a descrição, a explicação e o prognóstico de comportamentos, com a finalidade de aplicar e desenvolver programas de intervenção que visam o melhor rendimento e bem-estar dos atletas (BUENO; BONIFÁCIO, 2007).

Destacamos que a importância atribuída a este tópico é que os treinadores esportivos acreditam que os modelos de avaliação são fundamentais, complementares e importantes para o treinamento esportivo. Para além da avaliação objetiva, fartamente encontrados estudos científicos consistentes e atualizados, o treinador tem que ter a sensibilidade para avaliar os atletas e equipes subjetivamente, com evoluções nos desempenhos individuais e coletivos em cada unidade de treinamento. Este processo subjetivo de análise de rendimento vai evoluindo conforme o nível de competição em que os treinados estão atuando e com isto melhorando suas situações internas de aprendizagem.

✓ **4º tópico de demonstração de significância: 4.9 - Legislação que regulamenta o sistema esportivo (regras e regulamentos das confederações específicas)**

Identificamos a importância atribuída a este tópico no gráfico 25 da página 96. Atualmente, a prática esportiva é um direito social e, portanto, sua legitimidade⁴ é

⁵ Legislação sobre Esporte (2017, p. 21) o Art. 217. É dever do Estado fomentar práticas desportivas formais e não formais, como direito de cada um, observados: I – a autonomia das entidades desportivas dirigentes e associações, quanto a sua organização e funcionamento; II – a destinação de recursos públicos para a promoção prioritária do desporto educacional e, em casos específicos, para a do desporto de alto rendimento; III – o tratamento diferenciado para o desporto profissional e o não profissional; IV – a proteção e o incentivo às manifestações desportivas de criação nacional. § 1º O Poder Judiciário só admitirá ações relativas à disciplina e às competições desportivas após esgotarem-se as instâncias da Justiça Desportiva, regulada em lei. § 2º A Justiça Desportiva terá o prazo máximo

garantida pela consagração de seus propósitos e objetivos no espírito das leis. Concordamos com o posicionamento teórico de Vargas (2018) quando afirma que o esporte é democrático, humanizado, busca a tolerância às diferenças para sua continuidade natural e lógica e constitui elemento vital do processo civilizatório.

O esporte é regulamentado, e as federações e confederações devem apresentar suas competições dentro das leis federativas de seus respectivos países. No Brasil, diferentes legislações esportivas administram o esporte nacional.

No caso do estudo central desta tese, é gerido e administrado pela CBDV, trata-se de uma entidade sem fins lucrativos que busca fomentar os esportes futebol de cinco, goalball e judô conforme relatado no marco teórico “Desenvolvimento profissional dos treinadores esportivos: do esporte adaptado e seus primeiros orientadores técnicos aos tempos atuais do esporte paraolímpico”.

Relacionado às competências e objetivos do esporte para pessoas com deficiência visual no Brasil, a CBDV (2020, p.3-4) tem por objetivo:

- ✓ I–DAS COMPETÊNCIAS: Art. 17. Compete à CBDV, observadas as disposições deste Estatuto, dos regulamentos específicos, do Estatuto da IBSA, das normas, regulamentos e regras internacionais e da legislação brasileira aplicável: I–Normatizar, regulamentar, organizar, dirigir e fiscalizar o segmento esportivo paraolímpico das pessoas com deficiência visual, em todas as suas manifestações; II–Estabelecer a política e o planejamento estratégico do segmento esportivo paraolímpico das pessoas com deficiência visual; III–Representar o segmento esportivo paraolímpico brasileiro das pessoas com deficiência visual como interlocutor oficial junto às autoridades governamentais brasileiras, de outros países e junto a IBSA- Representar o Brasil nas competições esportivas internacionais organizadas pela IBSA, ou aquelas sancionadas por esta, das modalidades definidas como esporte pela IBSA, de administração da mesma, viabilizando a participação das equipes nacionais; Representar o Brasil em eventos político-administrativos, técnico-científicos e outros organizados pela IBSA, viabilizando a participação de dirigentes, técnicos, atletas e profissionais brasileiros a ela vinculados.

de 60 (sessenta) dias, contados da instauração do processo, para proferir decisão final. § 3º O poder público incentivará o lazer, como forma de promoção social. [...].

- ✓ DOS OBJETIVOS INSTITUCIONAIS: Art. 18. A CBDV tem, de acordo com suas finalidades e competências, dentre outros, por objetivos, promover e apoiar: I–As ações que deem oportunidades ao envolvimento e o desenvolvimento de pessoas com deficiência visual, em especial: a) na participação em competições de alto-rendimento; b) na inclusão, reabilitação e socialização destas, por meio do esporte; c) na organização e participação em competições do esporte escolar e universitário (CBDV, 2020, p.3-4).

Constatamos que a importância atribuída a este tópico, é pelo fato que muitos treinadores em suas respectivas instituições exercerem funções extra quadra, ou seja, gerenciam toda estrutura esportiva da instituição, fazendo com que procurem compreender as legislações que regulamentam o sistema esportivo de seu respectivo país.

- ✓ **5º tópico de demonstração de significância: 4.11 - Organização de competições esportivas**

Atualmente, os Jogos Paralímpicos estão entre os maiores eventos esportivos do mundo, partindo de 400 atletas de 23 países nos I Jogos Paralímpicos em 1960 e nos Jogos Paralímpicos Rio 2016 termos a marca histórica de 4.328 atletas, 160 países em 22 modalidades esportivas (IPC, 2016). O aumento do número de modalidades esportivas, de participantes, e até da inserção midiática tem mostrado que todas as pessoas que estão envolvidas neste cenário estão buscando uma nova concepção, a do rendimento esportivo. Um dos componentes para que esta evolução aconteça é a organização de competições de nível nacional e internacional com maior frequência e qualidade, sendo este mais um tópico de significância identificado no gráfico 25 da página 96.

A gestão do esporte está cada mais inserida no esporte paralímpico e os conhecimentos da administração e da gestão, atrelado as áreas de natureza multidisciplinar como a economia, políticas públicas e organização do sistema esportivo, legislação esportiva, contabilidade, ética, gestão de eventos e gestão de espaços esportivos sejam modernizados (MATTAR, 2013).

Corroborando com nossos achados, o estudo de Barros *et al.*, (2020) descreve que no Brasil o aumento de participação de atletas em competições

nacionais, e maior número de participação em campeonatos internacionais são alguns dos responsáveis pelo desenvolvimento do goalball. Atualmente, a CBDV realiza 5 torneios regionais e 3 nacionais, contando com aproximadamente 450 atletas envolvidos (CBDV, 2019).

Constatamos que o aumento no número de competições seja um fator determinante para o desenvolvimento de uma modalidade esportiva. No goalball ocorrem poucas competições, e o desafio para um país como o Brasil é o de promover eventos internos de qualidade, conseqüentemente poderá descobrir jovens atletas e melhor qualificar suas equipes para representar a nação em competições internacionais.

De Bosscher e colaboradores (2006) destacam que participação em competições nacionais e internacionais, faz parte dos nove pilares de desenvolvimento do esporte conforme o consórcio SPLISS (Sports Policy factors Leading to International Sporting Success – Fatores de Política de Esporte que Levam ao Sucesso Esportivo Internacional). Trata-se de um estudo iniciado em 2002, com pesquisadores de diferentes países que buscam entender os pilares que estruturam o esporte de alto rendimento e em que medida os países têm tais pilares estruturados (ANTONELLI, 2020). Autores como Radke e DollTepper (2014), Patatas, De Bosscher e Legg (2018) e Da Mata (2019) citam o modelo SPLISS como proposta utilizada para entender e avaliar o esporte paralímpico também.

Portanto, a importância atribuída aos treinadores esportivos a este tópico, está diretamente relacionada ao desenvolvimento da modalidade, já que o esporte com competições organizadas proporciona qualidade para os atletas e comissões técnicas e isso, conseqüentemente, chamará a atenção dos telespectadores, mídia e patrocinadores para o esporte.

✓ **6º tópico de demonstração de significância: 4.15 - Comunicação com outros atores do cenário esportivo (pais, mídias, árbitros).**

Identificamos a importância atribuída a este tópico pelos TNN e TNI no gráfico 26 da página 97, em que os atores do cenário esportivo, dependendo do nível que o fenômeno esporte é disputado, seja pelas manifestações tradicionais ou as

novas, diferentes significados são atribuídos a eles. É preciso analisar o ambiente da prática, identificar se é para o ensino formal (escola) ou não formal (clubes, associações, escolinhas de esportes) e a partir disto verificar os personagens que contextualizam este cenário, como os pais, mídia e árbitros (PAES; BALBINO, 2005; TANI; BENTO; PETERSEN, 2006).

Corroborando com os achados do estudo, Coakley (1998) descreve dois eixos paradoxais sobre o fenômeno esportivo. O primeiro relacionado à *performance* esportiva, buscado evolução nas capacidades físicas, resultados em competições e hierarquia entre os competidores; o segundo relacionado ao prazer e participação, envolve o divertimento, inclusão, experiências, relações interpessoais, e também pode incluir a competição.

Assim, quando o atleta se envolve com a competição, os treinadores esportivos têm que compreender o nível de exigência e em qual eixo este atleta está envolvido, conhecer sobre o processo de crescimento e desenvolvimento, e caso possua alguma deficiência, estes podem ser jovens atletas ou atletas jovens, que vão apresentar diferentes características biopsicomotoras.

Vale destacar que toda prática esportiva é permeada por ações adultas como pais, treinadores, árbitros, dirigentes que sofrem interferência de alguma forma (KORSAKAS, 2002) e a família é bastante importante neste processo educacional, exercendo um papel hierárquico e influenciando em vários momentos da vida, inclusive no esportivo (MONTAGNER, 1993).

O esporte de competição deve encorajar a voz e a atuação positiva no e do grupo. As habilidades motoras e esportivas não devem ser as únicas marcas do indivíduo, mas também seu posicionamento frente à equipe, suas conquistas e derrotas, o respeito às diferentes habilidades dos companheiros e a defesa de seus pontos de vista. Todas essas habilidades devem ser exploradas pelo treinador esportivo junto ao seu atleta (MONTAGNER, 1993).

A importância atribuída a este tópico está nos atores deste cenário esportivo que são as pessoas com deficiência, já que muitos acabam sendo ignorados e calados no dia a dia, pois a deficiência ainda é vista como um problema pela sociedade. Portanto, o treinador esportivo pode trazer inúmeras contribuições para

seus praticantes, e a busca pela interação com os atores que fazem parte deste cenário é necessária, a fim de criar um ambiente harmonioso e educativo para todos.

✓ **7º tópico de demonstração de significância: 4.16 - Desenvolvimento de atitudes, valores, comportamentos e autonomia de atletas.**

O esporte contemporâneo deve estimular o desenvolvimento de atitudes, valores, comportamentos e autonomia do atleta, e o treinador esportivo é uma das peças fundamentais para desenvolver isto. Observamos a significância deste tópico no gráfico 26 da página 97 citado pelos TNN e TNI.

As condutas de um treinador esportivo podem gerar influências positivas ou negativas em uma equipe ou em um atleta, fazendo com que o esporte seja conduzido tanto para o bem como para o mal.

Recorrendo à literatura, Sanmartín (1995) e Portet (2007) relatam que a partir da prática esportiva, valores como superação, perseverança, cooperação, respeito são desenvolvidos e estão diretamente relacionados ao caráter do praticante, que vão ser levados para o contínuo de vida e o esporte contemporâneo não pode esquecer os princípios do olimpismo, que tem como filosofia a busca pela paz, o aprimoramento físico e psicológico, a não discriminação entre homens e mulheres, ou seja, um ambiente equilibrado e harmonioso.

Ao analisarmos o esporte de alta *performance*, midiático, valores como igualdade, disciplina, esforço, perseverança, trabalho em equipe, busca pela excelência, autonomia pessoal, globalização, igualdade, multiculturalismo, alegria, bom humor, auto aceitação e justiça social, são pouco transmitidos aos futuros atletas (VOLTAS, 2006).

Existe uma difícil conexão entre o esporte de base e o esporte de alto rendimento, já que os valores podem ser os mesmos, mas não podemos presumir que os treinadores esportivos os transmitam durante os primeiros anos de aprendizagem de práticas esportivas (PORTET, 2007).

A importância atribuída pelos TNN e TNI a este tópico está diretamente associada ao treinador esportivo, que pode contribuir com o desenvolvimento humano

de seus atletas para além do cenário esportivo, e os valores olímpicos devam ser empregados, por meio de condutas exemplares, explanações que proporcionem criticidades, autonomia, reações atitudinais como ética, respeito ao próximo, entre outras que podem tornar este atleta mais completo, ou seja, pessoas com atitudes corretas independentemente do nível esportivo em que vá atuar.

✓ **8º tópico de demonstração de significância: 4.17 - Estratégias pessoais para autoaprendizagem**

Identificamos a importância atribuída no gráfico 26 da página 97 pelos TNN e TNI que as estratégias pessoais para autoaprendizagem estão diretamente relacionadas às situações internas de aprendizagem.

Retomando as reflexões teóricas, as situações internas de aprendizagem estão relacionadas a auto-organização de suas estruturas cognitivas a partir do conhecimento adquirido em diferentes experiências (WERTHNER; TRUDEL, 2006).

Vale destacar que treinadores de atletas com deficiência, muitos foram trabalhar com este público a partir do momento que eles foram incorporados em suas equipes de atletas sem deficiência, e tinham a visão de que o esporte para pessoas com deficiência não é caracterizado como esporte de alto rendimento (WAREHAM *et al.*, 2018).

Os mesmos autores relatam que as preocupações iniciais dos treinadores esportivos foram a falta de interação entre pessoas com e sem deficiência, ausência de conhecimento da deficiência e o medo do desconhecido, fazendo com que gerasse uma enorme curva de aprendizado. As preocupações se tornam experiências positivas, com desafios causados por fatores externos e muitas das vezes sistêmicos, preconceituosos, no entanto, as práticas reflexivas pela falta de conhecimento e experiências do treinador eram fatores de impacto impostos pela sociedade, e com as experiências práticas, foram se transformando em realidade.

Para formar treinadores *experts* do esporte é preciso passar por algumas etapas. O treinador iniciante é um aprendiz dependente e as situações mediadas de aprendizagem contribuem bastante nesta etapa. O treinador competente apresenta capacidade de planejar e conduzir o treinamento e as situações não mediadas de

aprendizagem trazem informações relevantes para suas práticas. Os treinadores proficientes e *experts* possuem características que se coadunam, apresentam conhecimento elevado e competência profissional e relatam que há vários caminhos que conduzem ao êxito profissional, mas, se diferenciam na capacidade de aprendizagem interna com estratégias de reflexão e pensamentos críticos na maioria das experiências mediadas e não mediadas que vivenciam (TRUDEL; GILBERT, 2013).

Destacamos que a importância atribuída a este tópico, ao analisarmos os descritos anteriores, é que os treinadores de goalball e suas especificidades, passam por todas estas etapas de aprendizagem. Ao atingirem o nível de treinadores proficientes e *experts*, as estratégias internas de aprendizagem, práticas reflexivas, pensamento crítico se tornem mais presentes e uma das estratégias para complementar suas reflexões é a busca por metodologias de treinamento. Uma estratégia potencial é a procura por conteúdos dos mais variados, que estão sendo utilizados em outras modalidades esportivas e podem ser reorganizadas e conseqüentemente adaptados para o goalball.

✓ **9º tópico de demonstração de significância: 4.18 - Reflexões na/sobre a própria prática.**

Este tópico apresenta significância pelos TNN e TNI e vai ao encontro do tópico anterior, quando discutimos as situações internas de aprendizagem, a partir do momento que o treinador esportivo vai evoluindo nas suas práticas deliberadas, partindo do treinador iniciante e atingindo o nível de *expert*, faz com que suas práticas profissionais se tornem mais criteriosas como encontramos nos estudos de Werthner e Trudel (2006), citados na página 35 e observado no gráfico 26 da página 97.

Treinar atletas com deficiência apresenta vários desafios, pois passa pela conscientização de que muitas das vezes políticas de exclusão e discriminação vão acontecer, o entendimento, a compreensão e a representatividade do corpo deficiente estarão presentes e os desafios para criar metodologias de treinamento de atletas paralímpicos de elite serão cada vez mais requisitadas (BUSH; SILK, 2012).

Treinadores do esporte paralímpico se tornam criativos nas suas práticas, já que as adaptações realizadas para potencializar as pessoas com deficiência são bastante frequentes nos seus treinamentos. No entanto, são adaptações que levam à reflexão, à conscientização e à criticidade, para não se tornarem obsoletas.

Além disto, treinadores do esporte paralímpico, muitas das vezes são obrigados a desempenhar outras funções, e não somente potencializar o atleta com deficiência. A importância atribuída a este item pelos treinadores esportivos, está associada à constante evolução do esporte paralímpico, ao avanço das exigências científicas e das metodologias de treinamento, sem ainda deixar de contribuir com os aspectos básicos e solicitados aos treinadores para além do ambiente da quadra, dentre algumas tarefas atuar na logística das competições, no transporte, no cotidiano e local dos treinamentos, dentre outros.

✓ **10º tópico de demonstração de significância: 4.20 - A própria filosofia de treino (princípios, valores, crenças).**

Este tópico se mostra muito significativo, como observamos no gráfico 26 da página 97 e citado pelos TNN e TNI, já que a partir do momento que o nível de exigência vai aumentando, e o treinador vai atingindo o nível de *expert*, os seus princípios, valores e crenças vão se fortalecendo dentro da equipe e da proposta de trabalho.

Corroborando com os achados da pesquisa, recorreremos às reflexões teóricas de Marteus (1990) que descreve a construção de uma filosofia de treino emerge da forma como vai influenciar, ensinar e modelar seus atletas, já que seus objetivos e valores devem ser significativos a nível pessoal, senão se tornam propósitos obsoletos.

Hardman e Jones (2013) complementam que uma filosofia do treinador deve estar pautada em 4 conceitos filosóficos que são: axiologia (o que o treinador esportivo valoriza), ética (juízo sobre o que é moral e imoral), ontologia (sentido que atribui ao processo de treino) e, fenomenologia (reflexões sobre as experiências de ser treinador).

Identificar o por que ser treinador, seus objetivos e valores que orientam a sua atuação e a partir deste ponto criar estratégias de treinamento e competições que irão incorporar estes princípios filosóficos são itens observamos no estudo de Gilbert (2017).

Complementamos os dizeres do autor acima, associando a filosofia de treinamento as relações interpessoais, estar envolvido com atletas com deficiência faz com que filosofias desenvolvidas sejam levadas para além do cenário do esporte. Destacamos alguns aspectos relevantes do treinador transformador como: discutir valores sociais do esporte, metas reais a serem atingidas pelos atletas e equipes, expressar confiança nos atletas, demonstrar interesses, sentimentos e perspectiva para os atletas, compartilhar suas decisões e enfatizar o processo de desenvolvimento dos atletas e equipe são itens que devem estar atrelados ao processo de desenvolvimento de uma equipe.

Verificamos que ações atitudinais como estas são reflexivas e geram entusiasmos no atleta, que muitas das vezes, não têm uma pessoa no seu dia a dia como referência e o treinador esportivo passa a assumir este papel.

Relacionado aos **conhecimentos dos treinadores esportivos**, o **domínio do treinador esportivo** apresentou significância em 2 tópicos a seguir:

Quadro 6 - Conhecimentos dos treinadores esportivos – domínio atribuído

1º	4.7 - Implementação e avaliação de programas de treinamento ao longo do ciclo de treinamento.
2º	4.8 - Formação e desenvolvimento de atletas de goalball a longo prazo (orientação e mobilidade, reabilitação, iniciação, especialização e aperfeiçoamento).

Fonte: elaborado pelo autor

- ✓ **1º tópico de demonstração de significância: 4.7 - Implementação e avaliação de programas de treinamento ao longo do ciclo de treinamento.**

Este tópico se mostra significativo para os TNN e TNI conforme observamos o gráfico 27 da página 98. Ao implantar e avaliar programas de treinamento esportivo ao longo de um ciclo, o treinador esportivo precisar ter domínio para compreender, interpretar e transformar dados numéricos em métodos práticos de treinamento, seguindo a progressão elaborada na periodização esportiva.

Autores como Bompa (2002), Borin (2007) e Gomes (2002) relatam que um modelo de periodização esportiva é definido como esquema teórico de um sistema ou realidade complexa em que se elaboram estratégias para facilitar a compreensão, entendimento e organização do treinamento físico. Dentro deste modelo, três sistemas compõem uma etapa que envolve a competição, o treinamento e fatores complementares que atuam de maneira conjunta e auxiliar na preparação de atletas. É um método lógico de manipulação das variáveis de treinamento, buscando otimizar o potencial do atleta para obter máxima *performance* esportiva (STONE, 1982).

Atualmente, modelos de periodização esportiva e avaliações físicas, motora e psicológica do esporte convencional estão sendo adaptadas para o esporte paralímpico e também, propostas construídas com os treinadores esportivos estão ganhando força dentro deste cenário.

Uma periodização está dividida em períodos definidos como: preparatório geral (deve propor o desenvolvimento das capacidades motoras e servirão de base para o atleta suportar altos volumes e intensidade do treinamento durante os períodos mais intensos de carga); preparatório especial (as capacidades físicas são desenvolvidas conforme as exigências da modalidade, dando ênfase nas capacidades físicas determinantes, já que as predominantes foram enfatizadas no período anterior); período competitivo (neste momento será enfatizada a preparação física inserida junto ao treinamento técnico-tático, com caráter de manutenção apenas); período transitório (é o momento de recuperação completa do potencial de adaptação do organismo e serve de elo para o próximo macro ciclo (MONTEIRO; LOPES, 2009).

Para o goalball, métodos de avaliação física para controle de carga de treino podem ser diretos e indiretos. Os testes diretos são invasivos como lactato e glicose sanguínea e os indiretos são avaliações das capacidades físicas como: avaliação da potência de membros inferiores (*squat e contra movimento jump*) para resistência à fadiga (5 saltos repetitivos) e potência de membro superiores (arremesso de medicine ball e velocidade de arremesso parado e lançado em situação de jogo).

Fig. 20 – Avaliação de Membros Inferiores - *Squat e Contra Movimento Jump*



Fonte: arquivos pessoais do autor.

Fig. 21 – Velocidade de arremesso em situação de jogo (arquivos pessoais do autor).



Fonte: arquivos pessoais do autor.

Estes exemplos de testes, possibilitam aos treinadores esportivos analisarem e controlarem as cargas de treino e conseqüentemente se as propostas

de treinamento estão sendo transferidas para as ações do jogo, com isto, a busca pela máxima qualidade nos ciclos de treinamento.

Para a especificidade do goalball, foi interessante detectar que o conhecimento científico consagrado dos testes também permitiu análises valiosas para esta modalidade, corroborado pelos TNN e TNI da importância do domínio sobre periodização esportiva e avaliações físicas de atletas com deficiência, aspectos também fundamentais para o treinador esportivo paralímpico. Estes conhecimentos são diferenciais para o profissional, já que possibilitará compreender, interpretar e transformar dados numéricos em métodos práticos de treinamento, seguindo a progressão elaborada na periodização esportiva.

✓ **2º tópico de demonstração de significância: 4.8 - Formação e desenvolvimento de atletas de goalball a longo prazo (orientação e mobilidade, reabilitação, iniciação, especialização e aperfeiçoamento).**

Este tópico se mostra significativo para os TNN e TNI conforme observamos o gráfico 27 da página 98. O esporte para pessoas com deficiência passa por transformações, saindo da reabilitação na década de 40 e chegando a alta *performance* esportiva atualmente. Com isto, atletas estão buscando possibilidades de continuidade para a carreira esportiva, já que alguns esportes paralímpicos possibilitam uma carreira mais longa do que o esporte olímpico, principalmente em decorrência das classificações esportivas que envolvem as modalidades paralímpicas.

Vários países reconheceram e viram a importância do esporte paralímpico e políticas esportivas estão sendo criadas para o desenvolvimento de atletas e equipes (De BOSSCHER *et al.*, 2006). No entanto, os sistemas de desenvolvimento do esporte paralímpico ainda são escassos em alguns países, mas nações com sistemas esportivos estruturados, estão investindo tempo e dinheiro nesses sistemas, acreditando que o sucesso pode ser determinado por políticas de impacto humano (DE BOSSCHER *et al.*, 2015).

A carreira de um atleta está definida por um processo de desenvolvimento atlético, iniciando com o desenvolvimento das habilidades dos movimentos

fundamentais e podendo atingir o nível da elite esportiva. Este caminho para alcançar o alto rendimento, se tornando um atleta de sucesso internacional, frequentemente demanda um longo tempo (PATATAS *et al.*, 2020; WEISSENSTEINER, 2017). O processo é dinâmico e os integrantes iniciam, progridem ou permanecem em um determinado estágio conforme suas habilidades, interesses, objetivos e oportunidades (SOTIRIADOU; De BOSSCHER, 2017). O desenvolvimento do atleta requer uma abordagem multifacetada, que considera a interação cultural local, sistema político, geografia e o contexto histórico do país (ANDERSEN, HOULIHAN; RONGLAN. 2015; WEISSENSTEINER, 2017).

No Brasil, o CPB desenvolve o programa “Escola Paralímpica de Esportes” que tem por objetivo desenvolver a iniciação esportiva de 8 modalidades paralímpicas com crianças e jovens com deficiência física, visual e intelectual na faixa etária de 10 a 17 anos (CPB, 2019).

Conforme identificado no gráfico 27 da página 98, em que profissionais da Educação Física e do Esporte devem ter domínio do esporte paralímpico para que sua iniciação aconteça nas aulas de Educação Física escolar. Vivências motoras e esportivas das modalidades paralímpicas possibilitam oportunidades para os estudantes conhecerem e divulgarem o esporte para pessoas com deficiência.

Corroborando com os achados, Walter (2020) relata que referente ao esporte paralímpico, 76,8% dos entrevistados participantes trabalham em suas aulas, o restante não realiza justificado que a falta de conhecimento sobre o assunto, a limitação do espaço e materiais disponíveis na escola são os principais motivos. Destaca ainda, que tais professores acreditam que no currículo não cabe a inserção do esporte paralímpico, já que o mesmo não é um conteúdo evidente nos currículos escolares, contribuindo para que muitos professores não o desenvolvam em suas aulas.

Se a escola desenvolver programas de inclusão, as aulas de Educação Física possibilitarão oportunidades únicas e conseqüentemente, abrirá janelas para a seqüência de novas oportunidade para a vida das pessoas com deficiência. Outra proposta relevante, são políticas públicas municipais direcionadas à promover atividades motoras e esportivas, com viés educacional, de lazer e conseqüentemente o rendimento esportivo para esta parcela da população.

Seguindo os padrões anteriores, relacionado as **competências funcionais dos treinadores esportivos**, também dividimos em **importância atribuída e domínio no treinamento**. Sobre a **importância atribuída**, encontramos a significância em três tópicos a seguir:

Quadro 7: Competências Funcionais dos treinadores esportivos - importância atribuída

1º	5.3 - Definir os objetivos do trabalho de acordo com o contexto de prática e os atletas/praticantes.
2º	5.4 - Preparar um ambiente seguro de treino.
3º	5.14 - Organizar competições.

Fonte: elaborado pelo autor

✓ **1º tópico de demonstração de significância: 5.3 - Definir os objetivos do trabalho de acordo com o contexto de prática e os atletas/praticantes.**

Este tópico apresentou significância para os TNN e TNI conforme identificamos no gráfico 32 da página 104 tem relação direta com o item 4.7 - Implementação e avaliação de programas de treinamento ao longo do ciclo de treinamento, já que o treinador esportivo precisa saber as etapas e os caminhos para a progressão do atleta/equipe.

As avaliações físicas e motoras associadas ao desenvolvimento motor dos atletas/praticantes fornecem referências para os objetivos do trabalho e conseqüentemente proporciona ao treinador esportivo caminhos para a elaboração do planejamento de treino.

Esta etapa é de grande aprendizagem e desenvolvimento do atleta com deficiência visual e proporciona desafios significativos para os treinadores do esporte adaptado, já que as teorias do desenvolvimento motor foram estudadas e desenvolvidas em/para atletas “normais”, sem sequelas ou deficiências. Para a iniciação da pessoa com deficiência visual no esporte adaptado, adaptações nestas fases motoras são necessárias, proporcionando no campo motor, desafios mais qualificados dessa formação.

Recorremos a Gallahue *et al.*, (2013), quando afirmam que na fase especializada, o movimento passa a ser recursos e técnicas aplicadas a uma série de movimentos complexos para atividades diárias, recreativas e de resultados esportivos. Está dividida em três estágios:

- ✓ Transição - 7 a 10 anos, o indivíduo começa a combinar habilidades motoras fundamentais com habilidades motoras especiais como andar na ponta do pé, pular corda, entre outros, partindo de habilidades motoras simples para as mais complexas;
- ✓ Aplicação – 11 a 13 anos, o aumento da sofisticação cognitiva e de experiências anteriores, capacita o indivíduo a fazer numerosos aprendizados e a tomar decisões com base em uma série de fatores da tarefa, dele próprio e do ambiente. Nesta fase, os sujeitos começam a dar maior ênfase na habilidade, precisão e aspectos quantitativos da *performance* de movimentos, ou seja, as habilidades complexas devem ser refinadas e usadas;
- ✓ De utilização ao longo da vida: começa por volta dos 14 anos e continua por toda vida adulta. Este estágio está caracterizado pelo uso de repertório de movimento adquirido ao longo das etapas anteriores, com um refinamento das tarefas motoras e aplicados a atividades rotineiras, de recreação e esportivas ao longo do ciclo de vida.

Recorremos aos estudos de Gallahue *et al.*, (2013), um clássico do desenvolvimento motor, visando demonstrar que a associação direta dos estágios por eles propostos aos procedimentos pedagógicos para a pessoa com deficiência visual, podem não ser referendados para o desenvolvimento da pessoa com deficiência. Treinadores esportivos devem se deparar com estágios atrasados em decorrência de ausência de oportunidades motoras e/ou esportivas, ou por ser uma fase da vida que não deram valor a estas práticas, e conseqüentemente estas fases podem acontecer em um momento tardio, ocorrendo adequação dos procedimentos pedagógicos. Dentre eles destacamos as estratégias de ensino-aprendizagem, que adequadas potencializam estes sujeitos, independente das faixas etárias e desempenho motor.

As práticas motoras e esportivas para a pessoa com deficiência, antes focada na lesão/limitação destes sujeitos, atualmente abriram espaço para a ampliação de autonomia, centrando a atenção no que a pessoa com deficiência consegue fazer e nas suas potencialidades. Assim, procedimentos pedagógicos adequados para cada grupo potencializam estes indivíduos por meio das práticas

motoras e esportivas, proporcionando independência, funcionalidade, auto estima e performance esportiva independente da sua faixa etária (HAIACHI *et al.*, 2016).

A importância atribuída a este item está nas ações práticas do treinador esportivo, em que o processo ensino-aprendizagem tem por objetivo promover mudanças efetivas nos comportamentos, capacidades e competências do aluno/atleta, ou seja, aquisição de novos conhecimentos, habilidades, atitudes e valores. O papel do treinador se torna fundamental para fortalecer e empoderar atletas com deficiência e a interação entre os procedimentos pedagógicos, estímulos físicos com progressões adequadas dentro do ciclo de treinamento proporcionará a evolução destes indivíduos e equipes.

✓ **2º tópico de demonstração de significância: 5.4 - Preparar um ambiente seguro de treino.**

Este tópico apresentou significância para os TNN e TNI conforme identificamos no gráfico 29 da página 101. Ao elaborarmos nossos treinos, a primeira conduta é buscar um ambiente seguro, já que estamos lidando com um público que apresenta redução na capacidade visual, sendo cego ou com baixa visão, e o ato de não enxergar pode levar a uma lesão se o ambiente não for adequado para a prática da modalidade esportiva.

Atletas com classificação esportiva B1 (cegos) apresentam maior suscetibilidade a sofrer lesões por acidente esportivo do que atletas com classificação B3, já que o atleta B3 (baixa visão) tem a capacidade de monitorar previamente o ambiente de treino ou competição. Além disto, atletas do sexo feminino são mais acometidas por lesão de sobrecarga e os do sexo masculino, por lesões de acidente esportivo (MAGNO; SILVA, 2011).

Apresentar um ambiente de treino seguro e adequado para atletas cegos é muito significativo, mostrar o tamanho do ambiente de prática (distância da quadra de goalball até as paredes ao redor), o caminho para os vestiários, entre outros itens relevantes para que atletas cegos formulem o que chamamos de mapa cognitivo do espaço e se sintam seguros para deslocarem livremente neste ambiente.

Ferrara *et al.*, (1992), afirmam que a partir do momento que o esporte paralímpico aumentou o número de praticantes, também aumentou o número de

lesões esportivas destes atletas. Lesão esportiva é definida como qualquer lesão que ocorra com o atleta durante a prática, treinamento ou competição esportiva que cause a sua interrupção, limitação ou modificação de sua participação por um ou mais dias. Lesões esportivas podem ocorrer de duas formas: as lesões causadas por sobrecarga de treinamento, caracterizadas por micro traumas de repetição, associadas à recuperação inadequada do sistema musculoesquelético do atleta. A segunda está relacionada aos acidentes esportivos, que ocorrem por impacto ou macro trauma do atleta (SANDOVAL, 2005).

Identificamos que este tópico é muito significativo, já que treinadores esportivos de goalball precisam criar estratégias de independência dos atletas nos locais de treinamento e competição. Apresentar o ambiente é uma forma para que atletas cegos possam adquirir confiança e tranquilidade nos seus deslocamentos pelos espaços e estejam prevenidos de sofrer acidentes, e ter controle da carga de treino e fundamental, sendo estes itens importantes para evitar danos que possam afastar atletas dos treinos e competições.

✓ 3º tópico de demonstração de significância: 5.14 - Organizar competições.

Organizar competições foi o último tópico que apresentou significância para os TNN e TNI conforme identificamos no gráfico 30 da página 102 desta tese. Ao analisarmos este item, entendemos que os TNN e os TNI devem apresentar um grande apanhado de conhecimentos e competências na sua carreira, e organizar competições pode ter uma importância significativa, já que está diretamente relacionado à gestão do esporte, aos regulamentos das modalidades esportivas, suas respectivas regras, entre outros.

Os programas de formação de treinadores estão indicando que a organização, implementação e avaliação no planejamento das sessões de treinamento são mais significativas do que organizar competições (DEMERS; WOODBURN; SAVARD, 2006; DUFFY, 2006).

Corroborando com os estudos, Montagner e Scaglia (2013) relatam que ensinar, treinar e competir, não significa necessariamente produzir atletas de alto rendimento, mas dentro de sua faixa etária, a construção de uma “Pedagogia da

Competição” para crianças e jovens é importante e contribuirá com a formação integral desses indivíduos.

Constatamos que a importância atribuída a este item, se deve a poucas competições estaduais, nacionais e internacionais realizadas para a modalidade goalball, e os treinadores esportivos acabam organizando competições em suas entidades.

No Brasil, são poucas federações estaduais do esporte para cegos que organizam seus respectivos campeonatos, e as entidades acabam organizando pequenos eventos competitivos, que na maioria das vezes não respeitam as faixas etárias de seus atletas e reproduzem o sistema competitivo de alto rendimento. Isto se justifica pela ausência de crianças e jovens estarem sendo inseridos no esporte para pessoas com deficiência, e muitas das vezes acabam entrando em programas que predominam adultos, conseqüentemente há ausência de competições escolares.

Por fim, as **competências funcionais dos treinadores esportivos**, relacionado ao **domínio do treinador esportivo**, nenhum dos tópicos apresentaram significância nas análises dos dados como observamos nos gráficos 31 e 32, localizados nas páginas 103 e 104.

6. CONCLUSÕES

Respondendo ao objetivo geral da pesquisa definido como identificar os contextos formativos, conhecimentos e competências de treinadores/as atuando em nível nacionais e internacionais de goalball, observamos que a literatura tem mostrado ausência de pesquisas sobre treinadores do esporte paralímpicos, e para o goalball ainda mais.

Autores como Côtê (2006); Cushion e Lyle (2010), Cushion *et al.*, (2010), Galatti *et al.*, (2016), Jiménez, Lorenzo e Gómez (2009), Jones *et al.*, (2012), Mallet *et al.*, (2009), Milistetd (2015), Nelson *et al.*, (2006), Rodrigues *et al.*, (2017), Trudel, Gilbert e Werthner (2010) são exemplo de trabalhos publicados sobre a formação de treinadores esportivo, no entanto, são bem poucos os que associam a formação de treinadores do esporte paralímpico.

Para atingirmos os objetivos da pesquisa, destacamos alguns itens fundamentais para sua concretização como:

- ✓ Estar como treinador da seleção brasileira masculina e conseqüentemente conhecer os treinadores internacionais facilitou a aplicação do questionário da pesquisa;
- ✓ Estar em evidência como treinador, já que a seleção brasileira masculina conquistou vários títulos nos últimos dois ciclos olímpicos;
- ✓ A construção do marco teórico, que foi se atualizando e nos embasando para as discussões da pesquisa e consolidação dos resultados;
- ✓ A metodologia empregada fez com que entendêssemos o contexto histórico dos treinadores de nível nacional e internacional, e associarmos com seus contextos de aprendizagem fez com que a pesquisa se desenvolvesse ao longo destas etapas.

O número de treinadores se mostra significativo, no entanto, o continente americano predominou na amostra do estudo. Isto aconteceu em decorrência do pesquisador principal ter mais acesso a estes treinadores, já que ministrou várias oficinas e participou de competições continentais em alguns países deste continente.

O continente asiático se mostrou com baixo número de treinadores, e não ter países como China e Japão, potências na modalidade, poderiam contribuir ainda

mais para os resultados do estudo. Vale destacar que pesquisas envolvendo treinadores de 5 continentes não são frequentes, o que demonstra uma rica amostragem para apresentação final deste estudo.

Outro fator a considerar é a respeito do número de treinadoras mulheres, são poucas as que atuam com o goalball em nível nacional e internacional, necessitando que as federações e comitês paralímpicos nacionais e internacionais desenvolvam políticas de fomento para ampliar este quadro.

Relacionado aos contextos formais e as situações mediadas de aprendizagem, destacamos que a grande maioria dos TNN e TNI possuem graduação em Educação Física ou áreas a fins e que muitas das áreas estão associadas a reabilitação da pessoa com deficiência, fazendo com que muitos treinadores não compreendam princípios básicos do treinamento esportivo e associem o esporte como reabilitação e não rendimento. Atletas do esporte paralímpico atualmente querem ser reconhecidos por seus feitos atléticos não como “coitadinho”, querem ser reconhecidos como atletas de elite.

Outro dado significativo identificado no estudo é que relação com o tempo de experiência, os TNI apresentam em média, 5 anos de experiência a mais que os TNN.

Observamos que os contextos informais e situações não mediadas de aprendizagem com a pesquisa ex-post facto, apresentaram números significativos de TNN e TNI que tiveram relações diretas e contextos históricos associados ao esporte, fazendo com que aprendizados positivos ou negativos adquiridos nesta fase da vida contribuam para a carreira de treinador esportivo. Além disto, ressaltamos que 5 TNI apresentam deficiência visual e foram ex atletas de goalball. Políticas de desenvolvimento profissional para pessoas com deficiência devem ser realizadas com maior frequência no Brasil e mundo.

Destacamos que no Brasil, para ser treinador do esporte adaptado obrigatoriamente é necessário a graduação em Educação Física, ou Esportes ou Ciências do Esporte, devido a regulamentação da profissão. Nos outros países não há esta regra, fazendo com que ex atletas migrem para treinadores ao término da carreira esportiva.

Sobre os contextos não formais e as situações internas de aprendizagem dos treinadores esportivos de goalball, identificamos que cursos de formação complementares para a modalidade devem ser realizados com mais frequência, associando o contexto teórico ao prático. Complementando esta formação, sugerimos que os treinadores esportivos realizem e comprovem horas complementares no campo prático da modalidade, em sessões de treinamento e competições.

Relacionado aos conhecimentos e competências funcionais dos treinadores esportivos de goalball, observamos que eles apresentaram dificuldades de compreensão sobre a diferença entre conhecimento e competência das questões abordadas, além da dificuldade de classificar importância atribuída e domínio no treinamento e associarem a escala do Likert.

Por fim, esperamos que este estudo se torne uma referência para treinadores esportivos de goalball no Brasil e mundo. Que a federação mundial possa desenvolver cursos de capacitação para treinadores e conseqüentemente, aumente a qualidade nos treinamentos das suas respectivas equipes e seleções nacionais.

7- REFERÊNCIAS

ABRAHAM, A.; COLLINS, D.; MARTINDALE, R. The coaching schematic: validation through expert coach consensus. **J Sport Sci.**, v. 24, n.6, p.549-64, 2006. Disponível em: [\(PDF\) The coaching schematic: Validation through expert coach consensus \(researchgate.net\)](#) . Acesso em 25 de novembro 2020.

AGITOS FOUNDATION. **Road to Rio 2016 Final Report**, 2016. Disponível em:

[Agitos Foundation - Sport for people with disabilities | International Paralympic Committee](#). Acesso em: 10 março de 2020.

ALVES, I. S.; KALVA-FILHO, C. A.; AQUINO, R.; TRAVITZKI, L.; TOSIM, A.; PAPOTI, M.; MORATO, M. P. Relationships Between Aerobic and Anaerobic Parameters With Game Technical Performance in Elite Goalball Athletes, **Frontiers in Physiology**, v.9, p.1-10, 2018. Disponível em:

<https://www.frontiersin.org/articles/10.3389/fphys.2018.01636/full>. Acesso em: 20 de agosto de 2017.

ALMEIDA, J.J.G. et al. (Org.). **Goalball: Invertendo o jogo da inclusão**. Campinas: Autores Associados, 2008.

AMORIM, M. et al. Goalball: uma modalidade desportiva de competição. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v.10, n.1, jul./dez. 2010. Disponível em: [Goalball: uma modalidade desportiva de competição \(mec.pt\)](#) . Acesso em: 25 de março 2019.

ANDERSEN, S.; HOULIHAN, B.; RONGLAN, L. T. Systems and the Development of Elite Athletes. **In Managing Elite Sport Systems: Research and Practice**. New York: Routledge, p. 3–15, 2015.

ANTONELLI, M. Gestão no esporte: os sistemas esportivos e o alto rendimento na ótica de gestores dos cenários olímpico, paralímpico e militar. **Tese** (Doutorado em Educação Física) Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil: origem institucionalização e atualidade**. Brasília: Ministério da Educação e do Desporto, Indesp, 1998.

ARAÚJO, P. F. **Desporto adaptado no Brasil**. São Paulo: Phorte, 2011.

BANACK, H.; BLOOM, G.; FALCÃO, W. Promoting long term athlete development in cross country skiing through competency-based coach education: a qualitative study. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 7, n. 2, p. 301-315, 2012.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivro,1994.

BAYER, C. **La enseñanza de los juegos desportivos coletivos**. Espanha: Hispano Europea, 1986.

BAILEY, S. **Athlete first: a history of the paralympic movement**. England, 2008.

BINGHAM, J.; SHIBLI, S. **The global sporting arms race: An international comparative study on sports policy factors leading to international sporting success**. Meyer & Meyer Verlag, 2008.

BOTOMÉ, S. P. Qualificação de cientistas e professores de nível superior para o desenvolvimento científico, tecnológico e universitário do país por meio de mestrados e doutorados descentralizados: avaliação de uma experiência, **Educação Brasileira**, Brasília, v. 20, n. 41, p. 49-77, 1998.

BUENO, J.L.O.; BONIFÁCIO, M.A. Alterações de estados de ânimo presentes em atletas de voleibol, avaliados em fases de campeonato. **Psicologia em Estudo**, Maringá. v.12, n. 1, p.179-184, 2007.

BUSH, A.J.; SILK, M. L. Politics, power & the podium: coaching for Paralympic performance. **Reflective Practice: International and Multidisciplinary Perspectives**. p. 470 – 482, 2012.

BRASIL, Z.; RAMOS, V.; BARROS, V.S.; EMANUELLI, T.; GODTSFRIEDT, J.; NASCIMENTO, V.J. A trajetória de vida do treinador esportivo: as situações de aprendizagem em contexto informal. **Movimento**, vol. 21, n. 3, p. 815-829, 2015.

BRASIL. Congresso Nacional. **Lei n. 9696**, de 1 de setembro de 1998. Disponível em: [Portal da Câmara dos Deputados \(camara.leg.br\)](http://portal.camara.gov.br). Acesso em 10 de setembro 2020.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CP n. 4**, de 6 de abril de 2009. Disponível em: [rcp004 18 \(mec.gov.br\)](http://portal.mec.gov.br) . Acesso em 10 de setembro 2020

BRASIL. Conselho Federal de Educação. **Resolução CNE/CES 3/1987**. Disponível em: http://www.confef.org.br/extra/juris/mostra_lei.asp?ID=59. Acesso em 10 de setembro 2020.

BRITAIN, I. **The Paralympic Games explained**. London, New York, Routledge, 2010.

BUSSAD, W. O.; MORETTIN, P. A. **Estatística Básica**. 6. ed. São Paulo: Saraiva, 2010.

CARDOSO, V. D. A reabilitação de pessoas com deficiência através do esporte adaptado. **Revista Brasileira de Ciência do Esporte**. Florianópolis, v. 33, n. 2, p. 529-539, 2011.

CLAUDINO, F. J.; DIAS, V. F.; TOSIM, A. Análise da agilidade neuro-motora em atletas da seleção brasileira de goalball. **Revista Pulsar**, Jundiaí, 2012, p. 24 – 39.

COAKLEY, J. **Sport in Society: Issues and Controversies**. Estados Unidos: WCB/MsGraw Hill, 1998.

COSTA E SILVA, A. A. et al. Esporte adaptado: abordagem sobre os fatores que influenciam a prática do esporte coletivo em cadeira de rodas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, São Paulo, v.27, n.4, p. 679 – 687, 2013.

COSTA, A.M.; WINCKLER, C. A. Educação Física e o Esporte Paralímpico. In: MELLO, M. T.; WINCKLER, C. A. **Esporte Paralímpico**. São Paulo: Editora Atheneu, 2012.

COLLINSON, V. Becoming an Exemplary Teacher: Integrating Professional, Interpersonal, and Intrapersonal Knowledge, **Paper Prepared for the JUSTEC Annual Conference**, Naruto University of Education, Naruto, Japan, 1996. Disponível em: <https://files.eric.ed.gov/fulltext/ED401227.pdf>. Acesso em: 13 de agosto de 2018.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Relatório técnico dos Jogos Paralímpicos do Rio 2016**. São Paulo, 2016.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Notícia dos Jogos Paralímpicos do Rio 2016**. São Paulo, 2017. Disponível em:

<http://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/1524/jogos-paralimpicos-rio-2016-quebram-records-de-audiencia>. Acesso em: 10 agosto 2019.

COMITÊ PARALÍMPICO BRASILEIRO. **Notícia do Curso EAD movimento paralímpico**. São Paulo, 2019. Disponível em:

<https://www.cpb.org.br/noticia/detalhe/2680/curso-ead-movimento-paralimpico-fundamentos-basicos-do-esporte-ultrapassa-15mil-inscritos>. Acesso em: 19 maio 2020.

ÇOLAK, T. *et al.* Physical Fitness levels of blind and visually impaired goalball team players. **Isokinetics and Exercise Science**, Amsterdam, v.12, n. 4, p. 247-252, 2004.

COMITÊ OLÍMPICO INTERNACIONAL. **Factsheet women in the olympic movement**. Disponível em:

http://www.olympic.org/Documents/Reference_documents/Factsheets/Women_in_Olympic_Movement.pdf. Acesso em: 1 fev. 2020.

CONFEDERAÇÃO BRASILEIRA DE DESPORTOS DEFICIENTES VISUAIS. **Estatuto CBDV**, 2020. Disponível em:

<https://www.dropbox.com/s/mj52ytf7ham9euc/Estatuto%20CBDV%202020.pdf?dl=0>
Acesso em: 20 Agosto 2020.

CONSELHO FEDERAL DE EDUCAÇÃO FÍSICA. **Documento de intervenção do Profissional de Educação Física**. 2001. Disponível em:

<https://www.confef.org.br/confef/conteudo/1705>. Acesso em: 10 agosto 2020.

CÔTÉ, J. The development of coaching knowledge. **International Journal of Sports Science e Coaching**, n.1, p. 217-222, 2006.

CÔTÉ, J.; ERICSSON, A.; LAW, M. Tracing the development of athletes using retrospective interview methods: a proposed interview and validation procedure for reported information. **Journal of Applied Sport Psychology**, Philadelphia, v.17, n.1, p.1-9, 2005.

CÔTÉ, J.; GILBERT, W. D. An Integrative Definition of Coaching Effectiveness and Expertise. **International Journal of Sports Science e Coaching**, v. 4, p. 307-323, 2009.

COUTO JUNIOR, A.; OLIVEIRA, L. A. G. As principais causas de cegueira e baixa visão em escola para deficientes visuais. **Revista Brasileira de Oftalmol.** v.75, n.1, p. 26-29, 2016.

CUSHION, C. et al. Coach learning and development: a review of literature. London: **Leeds Sports Coach**, UK, 2010.

CUSHION, C.; LYLE, J. Conceptual development in sports coaching. In: _____. (Orgs.). **Sports coaching: professionalisation and practice.** London: Elsevier, Cap. 1, p. 1-13, 2010.

CUSHION, C.; ARMOUR, K.; JONES, R. Coach education and continuing professional development: experience and learning to coach. **Quest**, London, v. 55, n. 3, p. 215-230, 2003.

DA MATA, C. P. Impacto do programa da Agitos Foundation na disseminação do esporte Paralímpico. **Dissertação** (Mestrado) - Universidade Estadual Paulista (UNESP), Instituto de Biociências. 2019.

DE BOSSCHER, V. et al. A conceptual framework for analysing sports policy factors leading to international Sporting success, **European Sport Management Quarterly**, 6(2), 185-215; 2006.

DEMERS, G.; WOODBURN, A. J.; SAVARD, C. The Development of an Undergraduate Competency-Based Coach Education Program. **Sport Psychol.** v. 20, n.2, p.162-73, 2006.

DE PAUW, K. P.; GAVRON, S. J. **Disability and Sport.** Champaign: Human Kinetics, 1995.

DEEK, D.; WERTHNER, P.; PAQUETTE, K.; CULVER, D. M. The impact of a large-scale coach education program as part of coaches' ongoing learning. **Journal of Coaching Education**, v. 6, n. 1, p. 24-42, 2012.

DUFFY, P.; HARTLEY, H.; BALES, J.; CRESPO, M.; DICK, F.; VARDHAN, D.; CURADO, J. (2011). Sport coaching as a 'profession'. **International Journal of Coaching Science**, v.5, n.2, p. 93-123, 2012.

DUFFY, P. Curriculum Model Development - Sport Coaching. In: PETRY, K.; FROBERG, K.; MADELLA, A. (ORG.). **Thematic Report Project AEHESIS of the First Year.** Cologne: German Sport University, p. 71-120, 2006.

DOUGLAS, S.; FALCÃO, W. R.; BLOOM, G. A. Career Development and Learning Pathways of Paralympic Coaches With a Disability. **Adapted Physical Activity Quarterly**. v. 35, n. 1, p. 93-110, 2018. Disponível em:

www.researchgate.net/publication/321350038_Career_Development_and_Learning_Pathways_of_Paralympic_Coaches_With_a_Disability. Acesso em: 25 novembro. 2019.

DUARTE, T.; CULVER, D.M. Becoming a coach in development al adaptive sailing: A lifelong learning perspective. **Journal of Applied Sport Psychology**. PubMed: p. 441– 456, 2014. Disponível em:

[Becoming a Coach in Developmental Adaptive Sailing: A Lifelong Learning Perspective \(nih.gov\)](#). Acesso em: 13 novembro. 2019.

FACUNDO, L.C.; MELLO, M. T.; SIMIM, M. A. M.; DUARTE, T.; CRUZ, A. A. S.; NARCISO, F. V.; RAMOS, R. A. A.; COSTA, A. M.; SILVA, A. Trajetória profissional de treinadores no contexto do esporte paraolímpico, **Movimento**, Porto Alegre, v. 25, 2019.

FERRARA, M.S.; BUCKLEY, W.E.; McCANN, B.C.; LIMBIRD, T.J.; POWELL, J.W.; ROBL, R. The Injury Experience of the Competitive Athlete With a Disability. **Med Sci Sports Exerc.** v.24, p.184-8, 1992.

FERREIRA, H. J.; SALLES, J. G. C.; MOURÃO, L.; MORENO, A. A baixa representatividade de mulheres como técnicas esportivas no Brasil. **Movimento**, Porto Alegre, v. 19, n. 3, p. 103-124, 2013.

FEDERATION INTERNATIONAL DE FOOTBALL ASSOCIATION. **Football Worldwide**, 2015. Disponível em: [Who we are - FIFA.com](#). Acesso em: 17 agosto. 2020.

FONSECA, M.; FONSECA, D.M. A gestão acadêmica da pós-graduação lato sensu: o papel do coordenador para a qualidade dos cursos. **Educação e Pesquisa**. São Paulo, v. 42, n. 1, p. 151-164, 2016.

FREITAS, P. S., CIDADE, R. E. A. **Noções sobre educação física e esporte para pessoas portadoras de deficiência: uma abordagem para professores de 1º e 2º graus**. Uberlândia, MG: Gráfica Breda, 1997, p.86.

FURTADO, O. L. P. C.; MORATO, M. P.; MICHAEL, P.; GUTIERREZ, G. L. Health-related physical fitness among young goalball players with visual impairments. **Journal of Visual Impairment e Blindness**, p. 257 – 267, 2016. Disponível em:

<https://journals.sagepub.com/toc/jvba/110/4>

FUNDED, E. **The Experiences of Coaches in Paralympic and Disability Sport**. Para Coach, 2019.

GALATTI, L. R. et al. Sport Coaching as a Profession in Brazil: An Analysis of the Coaching Literature in Brazil From 2000-2015. **International Sport Coaching Journal**, v.3, n.3, p. 316 – 331, 2016.

GALATTI, L. R. Pedagogia do esporte: o livro didático como um mediador no processo de ensino e aprendizagem dos jogos esportivos coletivos. 146 f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, 2006.

GALATTI, L. R.; BETTEGA, O.B.; PAES, R.R.; RIVERDITO, R.S.; SEOANE, A.M.; SCAGLIA, A.J. O ensino dos jogos esportivos coletivos: avanços metodológicos dos aspectos estratégicos-táticos-técnicos. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 20, n.3, 2017.

GALLAHUE, D. L.; OZMUN, J. C.; GOODWAY, J. **Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos**. 7ª ed. Porto Alegre: AMGH, 2013.

GAMERO, D. H.; FURTADO, O. L. P. C.; MAGALHÃES, T. P.; PATATAS, J. M.; GUTIERREZ, G. L. **A Avaliação da potência de membros superiores no goalball: teste de arremesso de medicine ball**. 2011. (Apresentação de Trabalho/Congresso).

GARGANTA, J. Para uma teoria dos jogos desportivos colectivos. In: GRAÇA, A.; OLIVEIRA, J. (Org.). **O ensino dos jogos desportivos**. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1994.

GARGANTA, J. Modelação da dimensão táctica do jogo de futebol. In: OLIVEIRA, J.; TAVARES, F. **Estratégia e táctica nos jogos desportivos colectivos**. Faculdade de Ciências do Desporto e da Educação Física. Universidade do Porto, 1996.

GARGANTA, J. Modelação táctica em jogos desportivos – A desejável cumplicidade entre pesquisa, treino e competição. In Tavares, A.; Graça, J.; Garganta e Mesquita (Eds.), **Olhares e Contextos da Performance nos Jogos Desportivos**, Universidade do Porto: Faculdade de Desporto. p. 108-121, 2008.

GARGANTA, J. Trends of tactical performance analysis in team sports: bridging the gap between research, training and competition. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**. Porto, v.9, n.1, p.81-89, 2009. Disponível em:

http://www.fade.up.pt/rpcd/arquivo/artigos_soltos/vol.9_nr.1/2.01.pdf. Acesso em: outubro 2020.

GAYA, A. Caminhos e descaminhos nas ciências do desporto. Entre o porto alegre e o porto sentido. **Revista Portuguesa de Ciência do Desporto**. Porto, v.1, n.1, p.80 – 7, 2001. Disponível em:

http://www.fade.up.pt/rpcd/arquivo/artigos_soltos/vol.1_nr.1/11.pdf. Acesso em 27/02/2018.

GRÉHAIGNE, J.F.; GODBOUT, P.; BOUTHIER, D. The Teaching and Learning of Decision Making in Team Sports, **Quest**, p. 59-76, 2001.

GRÉHAIGNE, J.F. **L'Organisation du jeu football**. Editions Actio. Joinville-le-Pont, 1992.

GRECO, P.J.; CHAGAS, M.H. Considerações teóricas da tática nos jogos esportivos coletivos. **Rev. Paulista Educ. Fis.**, São Paulo, v.6, n.2, p.47-58, 1992.

GILBERT, W.; TRUDEL, P. Learning to coach through experience: reflection in Model Youth Sport Coaches. **Journal of Teaching in Physical Education**, v. 21, p. 16-34, 2001.

GRECO, P.J.; CHAGAS, M.H. Considerações teóricas da tática nos jogos esportivos coletivos. **Rev. Paulista Educ. Fis.**, São Paulo, v.6, n.2, p.47-58, 1992.

GROHMANN, L. S. **Uma visão acerca do desenvolvimento do esporte adaptado e do movimento paraolímpico**. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014. Disponível em:

<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000957203&opt=4>

HAIACHI, M. C.; CARDOSO, V. D.; REPPOLF FILHO, A. R.; GAYA, A. C. A. Reflexões sobre a carreira do atleta paraolímpico brasileiro. **Ciência e Saúde Coletiva**, v.21, n.10, p.2999-3006, 2016.

HOWE, P. D. **The cultural politics of the paralympic movement through an anthropological lens**. London; New York, N.Y.: Routledge, 2008.

IBÁÑEZ, S., et al. Avances y desafíos en la formación de los entrenadores de deportes colectivos. In. NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; TAVARES, F (Orgs.). **Jogos desportivos: formação e investigação**. Florianópolis: UDESC, p.319-343, 2013.

INTERNATIONAL SPORT BLIND ASSOCIATION (IBSA). **Classificação B-1, B-2 and. B-3**. Avaliarle Fromm Word Wide Web: URL: [http:// www.ibsa.es/rules/rules.html](http://www.ibsa.es/rules/rules.html). Acesso em: 23 de dezembro de 2019.

INTERNATIONAL PARALYMPIC COMMITTEE (IPC). **Annual Report**, 2016. Disponível em: [170824082342043 IPC+Annual+Report+2016 Accessible.pdf](http://www.paralympic.org/170824082342043_IPC+Annual+Report+2016_Accessible.pdf) ([paralympic.org](http://www.paralympic.org)) . Acesso em: 1 fev. 2019.

HIRAMA, L.K.H; MONTAGNER, P.C. **Algo para além de tirar as crianças da rua: a pedagogia do esporte em projetos socioeducativos**. São Paulo: Phorte, 2012.

INTERNATIONAL COUNCIL FOR COACHING EDUCATION. **A strategy for the International Council for Coach Education for the period 2010-2015**. Disponível em:

https://www.icce.ws/assets/files/documents/ICCE_strategy_2012.pdf. Acesso em: 25 novembro. 2019.

INTERNATIONAL COUNCIL FOR COACHING EXCELLENCE (ICCE); ASSOCIATION OF SUMMER OLYMPIC INTERNATIONAL FEDERATIONS (ASOIF). **International Sport Coaching Framework (Version 1.1)**. Champaign, Human Kinetics, 2012.

INTERNATIONAL COUNCIL FOR COACHING EXCELLENCE (ICCE). **International Sport Coaching Framework** Version 1.2. Champaign: Human Kinetics, 2013.

INTERNATIONAL SPORT COACHING FRAMEWORK (ISCF). (Version 1.2). Champaign: Human Kinetics, 2013.

JIMÉNEZ, S.; LORENZO, A.; GÓMEZ, M. À. **Medios de formación de los entrenadores expertos en baloncesto**. CCD, Madrid, v.4, n.11, p. 119-125, 2009.

JONES, R; ARMOUR, K; POTRAC, P. **Sports coaching cultures: from practice to theory**. London: Routledge, 2004.

JONES, R.; MORGAN, K.; HARRIS, K. Developing coaching pedagogy: seeking a better integration of theory and practice. **Sport, Education and Society**, v. 15, n. 2, p. 1-17, 2012.

KAMPHOFF, C; ARMENTROUT, S; DRISKA, A. The Token Female: Women's Experiences as Division I Collegiate Head Coaches of Men's Teams. **Journal of Intercollegiate Sport**, Champaign, v.3, p.297-315, 2010.

KORSAKAS, P. O esporte infantil: possibilidades de uma prática educativa. In: De Rose Junior, D. **Esporte e atividade física na infância e na adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed, 2002, p. 39-49.

LEGG, D.; STEADWARD. R. The Paralympic Games and 60 Years of Change (1948–2008): Unification and Restructuring from a Disability and Medical Model to Sport-Based Competition. **Sport in Society**. p. 1099–1115, 2011.

LEONARDO, L.; SCAGLIA, A.; REVERDITO, R. O ensino dos esportes coletivos: metodologia pautada na família dos jogos. **Motriz**, Rio Claro, v. 15, n. 2, p. 236-246, 2009.

LIEBERMAN, L. J. Visual Impairments. In: WINNICK, J. P. (Ed.). **Adapted physical education and sport**. 4th ed. New York: State University of New York, College at Brackport: Human Kinetics, p. 205-220, 2005.

LIEBERMAN, L. J.; HOUSTON – WILSON, C. **Strategies for inclusion: a handbook for physical educators**. 2.ed. Champaign: Human Kinetics, 2009.

MANZINI, E. J. Recurso pedagógico adaptado e estratégias para o ensino de alunos com deficiência física. In: MANZINI, E. J.; FUJISAWA, D. S. **Jogos e recursos para comunicação e ensino na educação especial**. Marília: ABPEE, 2010. p. 117-138.

McMASTER, S.; CULVER, D.; WERTHNER, P. Coaches of athletes with a physical disability: A look at their learning experiences. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, 2012, 4, p. 226–243. Disponível em: [Coaches of athletes with a physical disability: a look at their learning experiences: Qualitative Research in Sport, Exercise and Health: Vol 4, No 2 \(tandfonline.com\)](https://doi.org/10.1080/14747059.2012.700000) . Acesso em: 20 de março 2020.

MAGNO E SILVA, M. Aspectos das lesões esportivas em atletas com deficiência visual. **Rev Bras Med Esporte**. v. 17, N.5, 2011.

MALLET, C.; TRUDEL, P.; LYLE, J.; RYNNE, S. Formal vs informal coach education. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Reino Unido, v. 4, n. 3, p. 325-334, 2009. Disponível em: [Formal vs. Informal Coach Education - Clifford J. Mallett, Pierre Trudel, John Lyle, Steven B. Rynne, 2009 \(sagepub.com\)](https://doi.org/10.1080/14747059.2009.332828). Acesso em 25 novembro 2019.

MAUERBERG-DE CASTRO, E. Esporte para deficientes: do alto rendimento ao esporte de participação. In: MAUERBERG-DECASTRO E. **Atividade Física Adaptada**. Ribeirão Preto: TecMedd; p. 437-83, 2005.

MARQUES, R.; FRANCISCO, R.; GUTIERREZ, G. L.; ALMEIDA, M. A. B. Investigação sobre as configurações sociais do subcampo do esporte paralímpico no Brasil: os processos de classificação de atletas. **Revista da Educação Física/UEM**, v. 23, n. 4, p. 515-527, 2013.

MARQUES, R. F. R. O esporte contemporâneo e o modelo de concepção das formas de manifestação do esporte. **Conexões**, Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, Campinas, v. 6, n. 2, 2008. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conexoes/issue/view/495>

MARQUES, R. F. R.; ALMEIDA, M. A. B. de; GUTIERREZ, G. L. Esporte: um fenômeno heterogêneo: estudo sobre o esporte e suas manifestações na sociedade contemporânea. **Movimento**, Porto Alegre, v. 13, n. 3, p. 225-244, 2007.

MIELKE, D. Coaching experience, playing experience and coaching tenure. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Leeds, v. 2, n. 2, p. 105-108, 2007.

MILISTETD, M. et al. Formação de treinadores esportivos: Orientações para a organização das práticas pedagógicas nos cursos de bacharelado em Educação Física. **Journal of Physical Education**, v. 28, n. 1, p. 1-14, 2017.

MLISTETD, M.; MESQUITA, I.; RAMOS, V.; VIEIRA, J. A Aprendizagem Formal de Treinadores Esportivos: Desafios da Formação Inicial. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 18, n. 4, p. 982-994, 2015.

MIRANDA, T.J. **Comitê Paralímpico Brasileiro: 15 anos de história**. 331f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2011.

MOLIK, B.; MORGULEC-ADAMOWICZ, N.; KOSMOL, A.; PERKOWSKI, K.; BEDNARCZUK, G.; SKOWROŃSKI, W. Game performance evaluation in male goalball players. **J Hum Kinet**. v.48, p.43-51, 2015.

MONTAGNER, P. C. Esporte de competição X educação? O caso do basquetebol. 148f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física, Universidade Metodista de Piracicaba, Piracicaba, 1993.

MONTAGNER, P. C; SCAGLIA, A. J. Pedagogia da competição: teoria e propostas de sistematização nas escolas de esportes. In: REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; MONTAGNER, P. C. (Organizadores). **Pedagogia do esporte: aspectos conceituais da competição e estudos aplicados**. São Paulo: Phorte, 2013.

MORATO. M.P.; FURTADO, O.L.P.C; GAMERO, D. H.; MAGALHÃES, T. P.; ALMEIDA, J. J. G. Development and evaluation of an observational system for goalball match analysis. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, 2017. Disponível em: [Development and evaluation of an observational system for goalball match analysis - ScienceDirect](#). Acesso em: 10 fevereiro 2018.

MORATO, M. P.; SIMOES, M. G.; ALMEIDA, J. J. G. Os processos de auto-organização no goalball. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v.34, n.3, p.741 – 760, 2012.

MOREIRA, T. S.; SANTOS, S. M.; SILVA, M. M.; SOUZA, D. L. Os conceitos de “Cultura Esportiva” e “Habitus Esportivo”: Distanciamentos e aproximações. **Educación Física y Ciencia**, vol. 18, nº 1, 2016.

NASCIMENTO, D. F.; CAMARGO, W. X. Decodificando o goalball para professores técnicos de Educação Física Adaptada: Fundamentos técnicos. In: **Cadernos de Formação RBCE**, p. 57-74, 2012.

NASCIMENTO, R. B.; BORIN, J.P.; TOSIM, A.; MONTAGNER, P.C. GESTÃO NO ESPORTE PARALÍMPICO: O FORTALECIMENTO DO GOALBALL BRASILEIRO. In: MATTOS, S. M. (Org.) **Educação Física e Áreas de Estudo do Movimento Humano**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2020.

NELSON, L.; CUSHION, C.; POTRAC, P. Formal, nonformal and informal coach learning: a holistic conceptualization. **International Journal of Sports Science and Coaching**, Reino Unido, v. 1, n. 3, p. 247-259, 2006.

O' BRIEN, J. A. **Sistemas de Informação e as decisões gerenciais na era da internet**. 2º ed. São Paulo: Ed. Saraiva, 2004, p.431.

OLIVEIRA FILHO, C.W.; ALMEIDA, J.J.G. Pedagogia do esporte: um enfoque para pessoas com deficiência visual. In: PAES, R.R.; BALBINO, H. **Pedagogia do Esporte**. Rio de Janeiro; Guanabara Koogan, 2005.

PAES, R. R.; BALBINO, H. F. **Pedagogia do esporte: conceitos e perspectivas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2005.

PAES, R.R. Pedagogia do esporte: contextos, evolução e perspectivas. **Revista Brasileira de Educação Física e Esportes**. São Paulo, v.20, n.5, p.171, 2006. Suplemento. Disponível em:

http://citrus.uspnet.usp.br/eef/uploads/arquivo/48_Anais_p171.pdf

PAES, R.R; BALBINO, H. F. A pedagogia do esporte e os jogos coletivos. In: DE ROSE Jr, D. et al. (ORG.) **Esporte e atividade física na infância e adolescência: uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Artmed. 2009.

PATATAS, J.M.; DE BOSSCHER, V.; LEGG, D. Understanding parasport: an analysis of the differences between able-bodied and parasport from a sport policy perspective. **International Journal of Sports Policy and Politics**, 2018.

PATATAS, J. M.; DE BOSSCHER, V.; DEROM, I.; WINCKLER, C. . Stakeholders? perceptions of athletic career pathways in Paralympic sport: from participation to excellence. **Sport in Society**, v. 1, p. 1-22, 2020.

PETTENGILL, N. Política Nacional do esporte para pessoas portadoras de deficiência. Em: **Lazer, atividades físicas e esportivas para portadores de deficiência**. Brasília: SESI-DN: Ministério do Esporte e Turismo, 2001. p.19-51

POTRAC, P.; JONES, R.; ARMOUR, K. It's all About Getting Respect': The Coaching Behaviors of an Expert English Soccer Coach. **Sport, Education & Society**, v. 2, n. 7, p. 183-202, 2002.

PNDU, Programa das Nações Unidas para o desenvolvimento. **Relatório Nacional de Desenvolvimento Humano** – Movimento é vida: Esporte, violência e cidadania: Brasília: PNDU. 2017. Disponível em: <http://movimentoevida.org/wp-content/uploads/2017/09/Atividades-Físicas-e-Esportivas-e-Segurança-Pública.pdf>

PORTA, T D; ZAMBERLAN, A.O; PEROZZO, R.: **Scout Vôlei de areia para dispositivos móveis**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Sistemas de Informação) – Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas, Feevale, Novo Hamburgo, RS: 2010.

PORTET, X.G. Los valores em el deporte: una experiencia educativa a través del Barça-Madrid. **Revista Científica de Comunicación y Educación**, v.28, p. 148-156, 2007. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/158/15802821.pdf>

RADTKE, S.; DOLL-TEPPER, G. **A cross-cultural comparison of talent identification and development in Paralympic sports: perceptions and opinions of athletes, coaches and officials**. Berlin: Freie Universität Berlin, 2014.

RAIMANN, L. H. **Scout**: Sistema de monitoração em equipes de voleibol. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Sistemas de Informação) – Instituto de Ciências Exatas e Tecnológicas, Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2008.

READE, I.; RODGERS, W.; NORMAN, L. The Under-Representation of Women in Coaching: A Comparison of Male and Female Canadian Coaches at Low and High Levels of Coaching. **International Journal of Sports Science & Coaching**, Brentwood, v.4, n.4, 2009.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J. **Pedagogia do esporte**: jogos coletivos de invasão. São Paulo: Phorte, 2009.

QUINAUD, R.T.; BACKES, A. F.; SILVA, D. C.; NASCIMENTO, J. V.; RAMOS, V.; MILISTETD, M. Construction and content validity of the coaches' knowledge and competence questionnaire – CKCQ. **Rev. Bras. Cineantropometria e Desempenho Humano**. 2018, 20(3):318-331.

RIEDER, H. Didaktische Aspekte der Ansteuermng sportmotorischer tecluiiken. **Leistungssport**, n. 13, p.21-6, 1983.

RODRIGUES, H.A.; COSTA, G.C.T.; SANTOS JUNIOR, E.L.; MILISTETD, M. As fontes de conhecimento de treinadores de jovens atletas de basquete. **Motrivivência**, Florianópolis/SC, v. 29, n. 51, p. 100-118, 2017.

ROTH, K.D. **Tatik im Sportspiel**. Schomdorf: Hofmann, 1989.

SANDOVAL, A. **Medicina do Esporte**: princípios e prática. Porto Alegre: ArtMed, 2005.

SANMARTÍN, M.G. **Valores Sociales y Deporte**: La actividad física y el deporte como transmisores valores sociales y personales. Madrid: Editorial Gymnos, 1995.

SCAGLIA, A. J. Escola de futebol: uma prática pedagógica. In: NISTA-PICCOLO, V.L. (Org.). **Pedagogia do Esporte**. Campinas: Papirus, 1999.

SCAGLIA, A. J. A pedagogia do esporte em José Mourinho. **Revista Educação e Linguagens**, Campo Mourão, v. 4, n. 7, 2015.

SCAGLIA, A. J. et al. A organização do processo de ensino em função da lógica do jogo e das competências essenciais para a aprendizagem dos jogos coletivos de invasão. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, Porto, v. 11, supl. 4, p. 89, 2011.

SCAGLIA, A. J.; REVERDITO, R. S.; LEONARDO, L.; LIZANA, C. J. R.; O ensino dos jogos esportivos coletivos: as competências essenciais e a lógica do jogo em meio ao processo organizacional sistêmico. **Movimento**. Porto Alegre, v. 19, n. 04, p. 227-249, 2013.

SCHERRER, R. L. et al. Morphological profile of goalball athletes. In: **Motricidad European Journal of Human Movement**, v. 28, p. 1-13, 2012.

SFARD, A. On Two Metaphors for Learning and the Dangers of Choosing Just One. **Educational Researcher**, v.27, n.2, p. 4-13, 1998.

SILVA, R. F.; SEABRA JÚNIOR, L; ARAÚJO, P. F. **Educação física adaptada no Brasil**: da história à inclusão educacional. São Paulo: Phorte, 2008.

SIMIM, M. A. M. Exercício, Esporte e Inclusão: a formação do profissional de educação física e o esporte adaptado. In: NOCE, F. **O Profissional de Educação Física na Área da Saúde**. Belo Horizonte: EEFETO, p. 71-80, 2014.

SCHINKE, R.J.; BLOOM, G.A.; SALMELA, J.H. **The career stages of elite Canadian basketball coaches**. Avante, p. 48–62, 1995.

SOTIRIADOU, P.; De Bossche, V. Creating High Performance Non-Profit Sport Organisations. In **Understanding Sport Management: International Perspectives**, edited by T. Bradbury and I. O'Boyle, New York: Routledge, p. 75–94, 2017.

TANI, G.; BENTO, J. O.; PETERSEN, R. D. S. **Pedagogia do desporto**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2006.

TAYLOR, S.; WERTHNER, P.; CULVER, D.M. A case study of a parasport coach and a life of learning. **International Sport Coaching Journal**, v.1, p.127–138, 2014. Disponível em: <https://journals.humankinetics.com/view/journals/iscj/1/3/article-p127.xml>. Acesso em 25 novembro. 2019.

TOSIM, A.; RODRIGUES, G. M.; MENDONÇA, M. A. B. Análise da percepção auditiva e tátil em atletas de goalball em situação defensiva de jogo. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esportes**. p. 181 – 187, 2008.

TOSIM, A.; MARQUES FILHO, C. V.; GALATTI, L.A.; MORATO, M. P.; BORIN, J. P.; MONTAGNER, P. C. Desafios e possibilidades para o goalball brasileiro: Concepções a partir de experiências do treinador esportivo que atuam em clubes nacionais. **Revista Pulsar**. 2020. Site

TRAPP, A. Proposta de um método de informação e tomada de decisão: um estudo de caso no goalball. **Dissertação** (mestrado). Pontifícia Universidade Católica do Paraná, Curitiba, 2017.

TRUDEL, P.; GILBERT, W. Coaching and coach education. In: KIRK, D.; MACDONALD, D.; O'SULLIVAN, M. **Handbook of Physical Education**. London: Sage, p. 516-539, 2006.

TRUDEL, P.; GILBERT, W.; WERTHNER, P. Coach education effectiveness. In: LYLE, J; CUSHION, C. (Orgs.). **Sports coaching: professionalisation and practice**. London: Elsevier, Cap. 9, p. 135-152, 2010.

TRUDEL, P.; CULVER, D.; WERTHNER, P. Looking at coach development from the coach-learner's perspective: considerations for coach development administrators. In: POTRAC, P.; GILBERT, W.; DENISON, J. editors. **Routledge Handbook of Sports Coaching**. London: Routledge, p. 375-387, 2013.

TRUDEL, P.; GILBERT, W.; RODRIGUES, F. The Journey from Competent to Innovator: Using Appreciative Inquiry to Enhance High Performance Coaching. **International Journal of Appreciative Inquiry**. v.18, n.2, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Alessandro/Downloads/aip-may-16-ai-and-sport-ai-and-hi-performance-coaching.pdf>

VOLTAS, J. Los valores en la escuela: en Seminario España-Brasil, en **Estudios Olímpicos**. Barcelona, v.19, p. 20 – 21, 2006.

WALTER, L. W. Educação Física, Esporte e Inclusão: Perspectiva dos professores de escolas públicas do Brasil. 68f. **Dissertação** (Mestrado em Educação Física) – Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

WAREHAM, Y.; BURKETT, B.; INNES, P.; LOVELL, G. P. Coaches of elite athletes with disability: senior sports administrators' reported factors affecting coaches' recruitment and retention. **Qualitative Research in Sport, Exercise and Health**, 2018.

WAREHAM, Y.; BURKETT, B.; INNES, P.; LOVELL, G.P. Coaching athletes with disability: preconceptions and reality. **Sport in Society**, v.20, n.9, p. 1185–1202, 2017.

Disponível em: [Coaching athletes with disability: preconceptions and reality | Semantic Scholar](#). Acesso em 13 de março 2020

WEINECK, J. **Optimales Training**. Erlangen, Perined Fachbuch Verlagsgesellschaft, 1983.

WEISSENSTEINER, J. Method in the Madness: Working towards a Viable 'Paradigm' for Better Understanding and Supporting the Athlete Pathway. In: **Routledge Handbook of Talent Identification and Development in Sport**, New York: Routledge, p.131–147, 2017.

WERTHNER, P.; CULVER, D.; TRUDEL, P. Na examination of a large scale coach education program from a constructivist perspective. In: SCHINKE, R. (Ed.) **Sport Psychology Insights**. London, Nova Science Publishers Inc., p. 337-354, 2012.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. The Idiosyncratic Learning Paths of Elite Canadian Coaches. **Int. J. Sports Sci. Coach**. p.432-449, 2009.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. **The Sport Psychologist**, v.20, p. 198-212, 2006.

WINNICK, P. J. **Adapted physical education and sport**. Champaign: Human Kinectics, 1990.

WINNICK, P. J. **Educação física e esportes adaptados**. 3. ed. Barueri: Manole, 2004.

WRIGHT, T.; TRUDEL, P.; CULVER, D. Learning How to Coach: The Different Learning Situations Reported by Youth Ice Hockey Coaches. **Physical Education and Sport Pedagogy**, In Press.

WHITSON, D. Sport in the social construction of masculinity. In: MESSNER, M.; SABO, D. (Ed.). **Sport, men and the gender order: critical feminist perspectives**. Champaign: Human Kinectics, p. 19-29, 1990.

ZALUAR, A. **Cidadãos não vão ao paraíso: juventude e política social**. Campinas: Editora da Unicamp, 1994.

APENDICES

APENDICE 1 – QUESTIONÁRIO NO IDIOMAS PORTUGUÊS

QUESTIONÁRIO DO PERFIL SOCIOESPORTIVO ACERCA DAS ANÁLISES FORMATIVAS DOS TREINADORES E TREINADORAS DE GOALBALL

Prezado colaborador,

Meu nome é **Alessandro Tosim**, sou estudante de doutorado do Programa de Pós-graduação em Educação Física, Área de Concentração Biodinâmica do Movimento e Esporte, da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, responsável pelo estudo e sob orientação da Prof. Dr. Paulo César Montagner, do Departamento de Educação Física da mesma universidade (UNICAMP – SP/Brasil). Você está sendo convidado(a) a participar do estudo denominado **“Análise do contexto formativo de treinadores de esporte paralímpico: um estudo com o goalball”**, considerando a sua área de atuação na modalidade esportiva goalball. A sua participação é imprescindível para a concretização desse estudo!

Informações sobre o trabalho:

O estudo denominado **“Análise do contexto formativo de treinadores de esporte paralímpico: um estudo com o goalball”**, tem por objetivo primário identificar as características formativas dos treinadores nacionais e internacionais de goalball. A pesquisa caracteriza-se como pesquisa exploratória-descritiva *ex-post facto* (desenho retrospectivo) e a amostra do estudo será composta por aproximadamente 60 treinadores esportivos de goalball, sendo 30 nacionais e 30 internacionais. Para isso, os voluntários da pesquisa receberão um email com o link que te direcionará a plataforma Google Forms para responder um questionário eletronicamente, que será disponibilizada em três idiomas (Português, Inglês e Espanhol). Ao acessarem, na primeira página terá todas as informações da pesquisa e ao aceitar participar da pesquisa autorizam automaticamente o TCLE. O questionário terá duração aproximada de 30 minutos e tem a intenção em analisar e contribuir com a formação dos treinadores esportivos de goalball. Dando sua opinião sincera você estará prestando uma contribuição importante para o estudo sobre a formação dos treinadores de goalball. Por favor, não deixe nenhuma resposta em branco.

Como você pode nos ajudar respondendo a avaliação:

O primeiro questionário está direcionado ao seu perfil (pessoal e profissional), já o segundo questionário engloba as suas intenções quanto à necessidade de aperfeiçoamento e melhoria das suas práticas, assim como as competências técnicas, motivação e entendimento sobre a realidade do paradesporto, em especial o goalball, em um contexto geral em seu clube, estado ou país.

Dados gerais:

Nome: _____ Data de Nascimento: ____/____/____

País: _____ Estado: _____

Treinador (a) esportivo: () Masculino () Feminino () Ambos

Possui alguma deficiência: () Sim () Não. Se sim, qual? _____

1. Informações do passado

1.1- Na sua infância, adolescência ou idade adulta você praticou alguma modalidade esportiva de maneira formal (com a presença do professor e/ou do treinador)?

() Sim () Não (**Obs.** Caso responda não, vá para a pergunta 1.4)

Quantos anos de prática? _____.

Qual(is) modalidade(s) esportiva(s)? _____.

1.2- Onde você iniciou essa prática esportiva?

() a) Escola - Educação Física Escolar

() b) Escolinha de Esportes Particular

() c) Clube Particular – associado (a)

() d) Clube Particular - "não" associado (a), mas participava das escolinhas

() e) Instituições Públicas – Prefeituras

() f) Projetos Sociais, ONGs

() g-) Outras – Qual? _____

1.3- Qual nível de competição você disputou? (Pode ser anotado mais de uma opção)

() a-) escolar

() b-) regional

() c-) estadual

() D-) nacional

() E-) continental

() F-) mundial e/ou olímpico.

1.4- Antes de iniciar como treinador esportivo de goalball, você conhecia o esporte paraolímpico?

() a-) Não. Só ouvi falar.

() b-) Sim. Já tinha visto na televisão.

() c-) Sim. Tenho um amigo com deficiência que pratica outro esporte.

() d-) Sim. Mas, só trabalhei com o goalball.

() e-) Sim. Sou ou fui voluntário antes de me tornar treinador.

() f-) Sim. Outras – Qual? _____

1.5- Você atuou ou atua como treinador/a em outra modalidade paraolímpica?

Sim Não Qual (is) modalidades paralímpicas?

1.6- Como você conheceu o goalball?

- a-) Amizade com os jogadores
 b-) Possui familiar praticante da modalidade
 c-) Assistindo competições da modalidade
 d-) Na escola
 e-) Na Universidade
 f-) Outro –
Qual? _____

1.7- Por que você iniciou como treinador/a de goalball?

- a-) Oportunidade de estágio e/ou emprego
 b-) Amizade com os jogadores
 c-) Possui familiar com deficiência
 d-) Oportunidade de viajar
 e-) Gosta do esporte para pessoas com deficiência.
 f-) Outro –
Qual? _____

2. Formação Profissional

2.1- Qual sua última formação educacional?

- a-) Ensino Fundamental Completo
 b-) Ensino Fundamental Incompleto
 c-) Ensino Médio Completo
 d-) Ensino Médio Incompleto
 e-) Ensino Superior Completo
 f-) Ensino Superior Incompleto

Qual área do ensino superior? _____

2.2 - Ano de formação do curso superior:

2.3 – A instituição formadora do curso superior é pública ou privada?

() Pública () Privada Qual? _____

2.4- Você participou de algum curso de formação complementar?

a-) () Cursos promovidos pela federação de até 8 horas

b-) () Cursos promovidos pelo Comitê Paralímpico de até 8 horas

c-) () Cursos promovidos pela Universidade de até 8 horas

d-) () Cursos de extensão/atualização promovido pela Universidade de até 32 horas

f-) () Outros: _____

2.5- Possui alguma Pós-Graduação?

() Especialização - mínimo 360h () Mestrado () Doutorado () outros

Qual área? _____

Data da última formação: _____

3. Atuação Profissional

3.1- Você atua ou atuou em alguma comissão técnica esportiva antes de trabalhar com o goalball?

() Sim () Não – Se você respondeu NÃO, avance para a questão 3.4.

Qual modalidades esportiva? _____

3.2- Se você respondeu SIM a pergunta anterior, responda por quanto tempo:

() Menos de 6 meses () Entre 6 e 12 meses () Entre 12 e 18 meses () Entre 18 e 24 meses ()
Mais de 24 meses

3.3- Sua atuação é/ou foi como: () treinador esportivo () auxiliar de treinador esportivo ()
preparador físico

() outros

Qual? _____

3.4- Você está trabalhando atualmente somente na área do esporte paralímpico?

() Sim () Não

Qual(is) área(as)?

3.5 - Qual é o tipo de instituição na qual você trabalha com o goalball?

- a-) Escola - Educação Física Escolar
- b-) Instituição de/para pessoas com deficiência visual
- c-) Clube
- d-) Instituições Públicas – Prefeituras
- e-) Projetos Sociais, ONGs
- f-) Federações ou Confederações
- g-) Comitê Paralímpico
- h-) Outras – Qual? _____

3.6 – Você ganha alguma remuneração nesta instituição?

- a-) Não. Sou voluntario/a.
- b-) Sim, mas preciso/a complementar a renda com atividades extra.
- c-) Sim, ganho um salário que não me permite trabalhar em outro local.

3.7 – Qual a sua atuação com a equipe de goalball?

- treinador esportivo auxiliar de treinador esportivo preparador físico
- outros Qual? _____

3.8 - Qual nível de competição você disputou como treinador/a de goalball? (Pode ser anotado mais de uma opção)

- a-) escolar
- b-) regional
- c-) estadual
- D-) nacional
- E-) continental
- F-) mundial e/ou olímpico.

4- CONHECIMENTOS DOS TREINADORES ESPORTIVOS

Nas questões 4.1 a 4.21, indique o grau de **importância atribuída** (o quanto o treinador esportivo acha importante o conhecimento destes itens para atuação profissional) e **domínio no treinamento** (o quanto o treinador esportivo tem domínio na prática sobre os itens citados abaixo) dos conhecimentos do treinador esportivo, conforme os valores apresentados nas duas escalas a seguir:

Obs. Conhecimento significa ato ou efeito de conhecer, que pode ser adquirido por meio de leitura, internet, relacionamentos, entre outros. (MICHAELIS, 2015)

Sem Importância	Pouco Importante	Importante	Importantíssimo	Muito Importante
1	2	3	4	5

Não Domino	Domino Pouco	Domino Razoavelmente	Domino Bem	Domino Muito
1	2	3	4	5

Conhecimentos do Treinador Esportivo de goalball (Conhecimentos sobre...)

Importância atribuída

Domínio no treinamento

		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.1	Causas da deficiência visual (cegueira ou baixa visão) do seu atleta?										
4.2	Estratégias de ensino-aprendizagem para a pessoa com deficiência visual?	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.3	Planejamento do treino de goalball (objetivos, estruturação das tarefas e progressões de conteúdos).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.4	Gestão do treino de goalball (tempo, espaço físico, equipamentos).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.5	Intervenção pedagógica (instrução no treino, correção, orientação, organização das tarefas e progressões).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.6	Avaliação dos aspectos técnico-táticos, físicos e psicológicos no contexto de uma unidade de treinamento esportivo.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.7	Implementação e avaliação de programas de treinamento ao longo do ciclo de treinamento.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.8	Formação e desenvolvimento de atletas de goalball a longo prazo (orientação e mobilidade, reabilitação, iniciação, especialização e aperfeiçoamento).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.9	Legislação que regulamenta o sistema esportivo (regras e regulamentos das confederações específicas).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

4.10	Contexto de atuação profissional (recreação, desenvolvimento, rendimento).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.11	Organização de competições esportivas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.12	Liderança e gestão dos atletas e comissão técnica.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.13	Comunicação eficaz durante o treino.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.14	Desenvolvimento profissional de treinadores.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.15	Comunicação com outros atores do cenário esportivo (pais, mídias, árbitros).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.16	Desenvolvimento de atitudes, valores, comportamentos e autonomia de atletas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.17	Estratégias pessoais para autoaprendizagem.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.18	Reflexão na/sobre a própria prática.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.19	A própria emoção e a emoção dos outros (atletas, pais, mídias, árbitros).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.20	A própria filosofia de treino (princípios, valores, crenças).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.21	Conscientização e criticidade da prática profissional.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

5- COMPETÊNCIAS FUNCIONAIS DOS TREINADORES ESPORTIVOS

Nas questões 5.1 a 5.23, indique grau de **importância atribuída** (o quanto o treinador esportivo acha importante o conhecimento destes itens para atuação profissional) e **domínio no treinamento** (o quanto o treinador esportivo tem domínio na prática sobre os itens citados abaixo), conforme os valores apresentados nas duas escalas a seguir:

Obs. Competências significa aptidão para cumprir alguma tarefa ou função. Sendo assim, um conhecimento se torna uma competência quando vai para a prática (MICHAELIS, 2015).

Sem Importância	Pouco Importante	Importante	Importantíssimo	Muito Importante
1	2	3	4	5

Não Domino	Domino Pouco	Domino Razoavelmente	Domino Bem	Domino Muito
1	2	3	4	5

Competências funcionais do Treinador Esportivo de goalball.

Importância atribuída

Domínio no treinamento

		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.1	Compreender os diferentes contextos de prática esportiva.										
5.2	Analisar os objetivos/necessidades dos atletas/praticantes.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.3	Definir os objetivos do trabalho de acordo com o contexto de prática e os atletas/praticantes.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.4	Preparar um ambiente seguro de treino.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.5	Planejar a sessão de treino.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.6	Definir critérios de desempenho de atletas/praticantes.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.7	Liderar e influenciar.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.8	Comunicar-se de maneira eficaz.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.9	Gerir pessoas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.10	Conduzir atletas/praticantes em treino e competição.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.11	Capacidade de modificar estratégias.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.12	Capacidade de modificar ações táticas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.13	Empregar diferentes metodologias de treino de acordo com o contexto de prática e os atletas/praticantes.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.14	Organizar competições.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.15	Avaliar o treino e a competição.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.16	Analisar o desempenho de atletas/praticantes e equipes.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

5.17	Fazer ajustamento no processo de treino e competição.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.18	Desenvolver filosofia de trabalho.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.19	Aprender de forma contínua.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.20	Refletir e se autoavaliar.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.21	Analisar as relações interpessoais.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.22	Desenvolver autodeterminação nos atletas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.23	Lidar com as frustrações.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

APENDICE 2 – QUESTIONÁRIO NO IDIOMAS INGLÊS

QUESTIONNAIRE OF THE SOCIO-SPORTS PROFILE ABOUT THE TRAINING ANALYSIS OF GOALBALL COACHES

Dear collaborator,

My name is **Alessandro Tosim**, I am a PHD student of the Post-graduation Program in Physical Education, Concentration Area of Biodynamic of Movement and Sport, Campinas State University - UNICAMP. I am responsible for the study that is under the guidance of **Dr. Paulo César Montagner**, from the Physical Education Department of the same university (UNICAMP - SP / Brazil). You are being invited to be involved at the study entitled "**Analysis of the formative context of Paralympic sports coaches: a study with goalball**", considering your expertise at the area of activity in the goalball modality. Your participation is essential for the realization of this study.

Information about the work:

The study entitled "**Analysis of the training context of Paralympic sports coaches: a study with goalball**", aiming to identify the training characteristics of national and international goalball coaches. The designed of the study is characterized as an ex-post facto exploratory-descriptive research (retrospective drawing) and the sample of the study will be composed by approximately 60 goalball sports coaches - 30 nationals and 30 internationals. Therefore, It will be given you a questionnaire to be answered via electronic media (Google Docs), with the intention of analyzing and contributing to the training of goalball sports coaches. You will be making an important contribution to the study on the training of goalball coaches giving your honest opinion. Please do not leave any answer blank.

How can you help us by answering the questionnaire:

The first questionnaire is related to your profile (personal and professional). The second questionnaire includes your intentions as to the need to improve and meliorate your practices, as well as technical skills, motivation and understanding of the reality of paradesport, especially the goalball, in a general context in your club, state or country. Please, answer the questionnaire with your honest opinion, remembering that there are no right or wrong answers and they are anonymous.

General data:

Name: _____ Date of birth: ____/____/____

Country: _____ States: _____

Coach () Women () Men () Both

Do you have any disabilities: () Yes () No. If so, which one? _____

1. Past Information

1.1- Did you practice any sport in a formal way (with the presence of a teacher and / or coach) in your childhood, adolescence or adulthood? () Yes () No (Note: If you answer no, go to question 1.4)

How many years of practice? _____.

Which modality of sport (s)? _____.

1.2- Where did you start this sport??

() a) School – Physical Education Classes

() b) Private Sports School

() c) Private Club - associate (a)

() d) Private Club - "not" associated, but participated in the schools

() e) Public Institutions - City Halls

() f) Social Projects, NGOs(NON-GOVERNMENTAL ORGANIZATION)

() g-) Other - Which? _____

1.3- What level of competition did you compete for? (More than one option may be noted)

() a-) school

() b-) regional

() c-) state

() D-) national

() E-) continental

() F-) world and / or Olympic.

1.4- Did you know about the Paralympic sport before you have started as a goalball sports coach?

() a-) No. I just heard about it.

() b-) Yes. I had seen it on television.

() c-) Yes. I have a disabled friend who practices another sport.

() d-) Yes. But I only worked with goalball.

() e-) Yes. I am/was a volunteer before becoming a coach.

() f-) Yes. Other – Which one? _____

1.5 Do you act or used to act as coach in another paralympic modality?

() Yes () No. Which paralympic modalities?

_____.

1.6- How did you meet goalball?

- a-) Friendship with the players
- b-) I have a family member that practice the modality
- c) Watching competitions
- d-) At school
- e-) At the University
- f-) Other - Which? _____

1.7- Why did you start as a goalball coach?

- a-) Internship and / or employment opportunity
- b-) Friendship with the players
- c-) I have a family friend with disabilities
- d-) Opportunity to travel
- e-) Likes sports for people with disabilities.
- f-) Other - Which? _____

<h2>2. Professional qualification</h2>

2.1- What is your last educational background?

- a-) Elementary School Complete
- b-) Elementary School Incomplete
- c-) High School Complete
- d-) High School Incomplete
- e-) Higher Education Complete
- f-) Higher Education Incomplete

What area of higher education? _____

2.2 - Year of graduation: _____

2.3 – Is the higher education institution public or private?

Public Private Which? _____

2.4- Have you participated in any supplementary training course?

- a-) Courses promoted by the National Federation (up to 8 hours)
- b-) Courses promoted by the Paralympic Committee (up to 8 hours)
- c-) Courses promoted by the University (up to 8 hours)
- d-) Extension / refresher courses promoted by the University (up to 32 hours)

f-) () Others: _____

2.5- Do you have any Graduate degree?

() Specialization - minimum 360h () Master's degree () PhD () others

Which area? _____

Date of last degree: _____

3. Professional performance

3.1- Do you act or used to acted in any technical sports committee before working with goalball?

() Yes () No - If you answered NO, proceed to the question 3.4.

What sports modalities? _____

3.2- If you answered YES to the previous questions, answer for how long:

() Less than 6 months () Between 6 and 12 months () Between 12 and 18 months () Between 18 and 24 months () More than 24 months

3.3- Your job is / or was: () sports coach () coach assistant () physical trainer () others Which one? _____

3.4- Are you currently only working in the area of Paralympic sport?

() Yes () No

Which area (s)? _____

3.5 - What kind of institution do you work with goalball?

() a-) School - Physical Education Classes.

() b-) Institution of / for people with visual impairment

() c-) Club

() d-) Public Institutions - town hall

() e-) Social Projects, NGOs (NON-GOVERNMENTAL ORGANIZATION)

() f-) Federations or Confederations

() g-) Paralympic Committee

() h-) Other - Which? _____

3.6 – Do you earn any compensation at this institution?

() a-) No. I am a volunteer.

() b-) Yes, but I need to supplement mensal salary with extra activities.

		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.3	Goalball training planning (objectives, task structure and content progression).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.4	Goalball training management (time, physical space, equipment).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.5	Pedagogical intervention (instruction in training, correction, orientation, organization of tasks and progressions).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.6	Assessment of technical-tactical, physical and psychological aspects in the context of a sports training unit.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.7	Implementation and assessment of training programs throughout the training cycle.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.8	Training and development of goalball athletes in the long term (orientation and mobility, rehabilitation, initiation, specialization and improvement).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.9	Legislation that regulates the sports system (rules and regulations of specific confederations).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.10	Context of professional performance (recreation, development, performance).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.11	Organization of sports competitions.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.12	Leadership and management of athletes and coaching staff.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.13	Effective communication during training.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.14	Professional development of coaches.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.15	Communication with other actors in the sports scene (parents, media, referees).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.16	Development of attitudes, values, behaviors and autonomy of athletes.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.17	Personal strategies for self-learning.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.18	Reflection on / about practice itself.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.19	The own emotion and emotion of others (athletes, parents, medias, referees).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

4.20	The own training philosophy (principles, values, beliefs).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.21	Awareness and criticism of professional practice.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

5- FUNCTIONAL SKILLS OF SPORTS COACHES

In questions 5.1 to 5.23, indicate the degree of **importance attributed** (how much the sports coach deems important the knowledge of these items for professional performance) and **training domain** (how much the sports coach has domain in practice on the items mentioned below), according to the values presented in the following two scales:

Note. Skills means ability to fulfill some task or function. Thus, knowledge becomes a competence when it goes to practice (MICHAELIS, 2015).

Not important	Little important	Important	Very important	Big importance
1	2	3	4	5

Not Domino	Little Domino	Domino Reasonably	Domino well	Very domino
1	2	3	4	5

	Functional skills of the goalball Coach.	Importance attributed					Training Domain				
		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.1	Understand the different contexts of sports practice.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.2	Analyze the goals / needs of the athletes / practitioners.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.3	Define the objectives of the work according to the practice context and the athletes / practitioners.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.4	Prepare a safe training environment.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.5	Plan the training session.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

5.6	Define performance criteria of athletes / practitioners.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.7	Leading and influencing.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.8	Communicate effectively.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.9	Manage people.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.10	Conduct athletes / practitioners in training and competition.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.11	Ability to modify strategies.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.12	Ability to modify tactical actions.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.13	Employ different training methodologies according to the practice context and the athletes / practitioners.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.14	Organize competitions.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.15	Evaluate training and competition.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.16	Analyze the performance of athletes / practitioners and teams.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.17	Make adjustment in the process of training and competition.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.18	Development of work philosophy.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.19	To learn continuously.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.20	Reflect and self-evaluate.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.21	Analyze interpersonal relationships.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.22	Develop self-determination in athletes.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.23	Deal with the frustrations.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

APENDICE 3 – QUESTIONÁRIO NO IDIOMAS ESPANHOL

CUESTIONÁRIO DEL PERFIL SOCIODEPORTIVO ACERCA DE LOS ANÁLISIS FORMATIVOS DE LOS ENTRENADORES Y ENTRENADORAS DE GOALBALL

Estimado colaborador,

Mi nombre es **Alessandro Tosim**, soy estudiante de doctorado del Programa de Pos-graduación en Educación Física, Área de Concentración Biodinámica del Movimiento y Deporte, de la Universidad Estadual de Campinas - UNICAMP, responsable por el estudio y bajo la orientación del Prof. Dr. Paulo César Montagner, del Departamento de Educación Física de la misma universidad (UNICAMP – SP/Brasil). Usted está siendo invitado(a) a participar del estudio denominado **“Análisis del contexto formativo de entrenadores del deporte paralímpico: un estudio sobre goalball”**, considerando su área de actuación en la modalidad deportiva de goalball. ¡Su participación es imprescindible para la concretización de este estudio!

Informaciones sobre el trabajo:

El estudio denominado **“Análisis del contexto formativo de entrenadores del deporte paralímpico: un estudio sobre goalball”**, tiene por objetivo primordial identificar las características formativas de los entrenadores nacionales e internacionales de goalball. La investigación se caracteriza como una investigación exploratoria-descriptiva *ex-post facto* (diseño retrospectivo) y la muestra del estudio será compuesto por aproximadamente 60 entrenadores deportivos de goalball, siendo 30 nacionales y 30 internacionales. Para ello, los voluntarios de la investigación recibirán un correo electrónico con el link que los direccionarán a la plataforma Google Forms para responder un cuestionario electrónicamente, que será habilitado en tres idiomas (portugués, inglés y español). Al acceder, en la primera página tendrá todas las informaciones de la investigación y al aceptar participar de la investigación autorizan automáticamente o TCLE. El cuestionario tendrá una duración aproximada de 30 minutos y tiene la intención de analizar y contribuir en la formación de los entrenadores deportivos de goalball. Dando su opinión sincera usted estará prestando una contribución importante para el estudio sobre la formación de los entrenadores de goalball. Por favor, no deje ninguna respuesta en blanco.

Como usted puede ayudarnos a responder la evaluación:

La primera parte del cuestionario está direccionado a su perfil (personal y profesional), ya la segunda parte del cuestionario engloba sus intenciones en cuanto a la necesidad de perfeccionamiento y mejoría de sus prácticas, así como las competencias técnicas, motivación y entendimiento sobre la realidad del movimiento paralímpico, en especial con el goalball, en un contexto general de su club, estado o país.

Datos generales:

Fecha de Nacimiento: ___/___/_____

País: _____ Estado: _____

Posee alguna discapacidad: () Sin () No. Si es si, ¿cuál? _____

1. Informaciones del pasado

1.1- ¿En su infancia, adolescencia o edad adulta usted practicó alguna modalidad deportiva de manera formal (con la presencia del profesor y/o del entrenador)?

Si No (**Obs.** Caso responda no, diríjase a la pregunta 1.4)

¿Cuántos años de práctica? _____.

¿Cuál (es) modalidad(es) deportiva(s)? _____.

1.2-¿Dónde usted inició esa práctica deportiva?

a) Escuela - Educación Física Escolar

b) Talleres de Deportes Particular

c) Club Particular – asociado (a)

d) Club Particular - "no" asociado (a), pero participaba de los talleres

e) Instituciones Públicas – Municipalidades

f) Proyectos Sociales, ONGs

g-) Otras – ¿Cuál? _____

1.3- ¿Cuál nivel de competición usted disputó? (Puede anotar más de una opción)

a-) escolar

b-) regional

c-) estadual

D-) nacional

E-) continental

F-) mundial y/o olímpico.

1.4- Antes de iniciarse como entrenador deportivo de goalball, ¿usted conocía el deporte paralímpico?

a-) No. Solo escuché hablar.

b-) Si. Ya lo había visto en la televisión.

c-) Si. Tengo un amigo con discapacidad que practica otro deporte.

d-) Si. Pero, solo trabajé con goalball.

e-) Si. Soy o fui voluntario antes de convertirme en entrenador.

f-) Si. Otras – ¿Cuál? _____

1.5- ¿Usted actuó o actúa como entrenador/a en otra modalidad paralímpica?

() Si () No Cuál (es) modalidades paralímpicas?

1.6- ¿Cómo usted conoció el goalball?

- () a-) Amistad con jugadores
 () b-) Posee familiar que practica la modalidad
 () c-) Asistiendo a competencias de la modalidad
 () d-) En la escuela
 () e-) En la Universidad
 () f-) Otro – ¿Cuál? _____

1.7- ¿Por qué usted se inició como entrenador/a de goalball?

- () a-) Oportunidad de práctica y/o empleo
 () b-) Amistad con jugadores
 () c-) Posee familiar con discapacidad
 () d-) Oportunidad de viajar
 () e-) Le gustan los deportes para personas con discapacidad.

2. Formación Profesional

2.1- ¿Cuál es su última formación educacional?

- () a-) Enseñanza Fundamental Completa
 () b-) Enseñanza Fundamental Incompleta
 () c-) Enseñanza Media Completa
 () d-) Enseñanza Media Incompleta
 () e-) Enseñanza Superior Completa
 () f-) Enseñanza Superior Incompleta

¿Cuál área de la enseñanza superior?

2.2 - Año de formación del curso superior:

2.3 – ¿La institución formadora del curso superior es pública o privada?

() Pública () Privada ¿Cuál? _____

2.4- ¿Usted participó de algún curso de formación complementario?

a-) () Cursos impartidos por la federación de hasta 8 horas

- b-) () Cursos impartidos por el Comité Paralímpico de hasta 8 horas
 c-) () Cursos impartidos por la Universidad de hasta 8 horas
 d-) () Cursos de extensión/actualización impartidos por la Universidad de hasta 32 horas
 f-) () Otros: _____

2.5- ¿Posee algún curso de Pos-Graduación?

() Especialización - mínimo 360h () Máster () Doctorado () otros

¿Cuál área? _____

Fecha de la última formación: _____

3. Actuación Profesional

3.1- Usted actúa o actuó en alguna comisión técnica deportiva antes de trabajar en goalball?

() Si () No – Si usted responde NO, avance hasta la pregunta 3.4.

¿En cuál (es) modalidades deportivas? _____

3.2- Si usted respondió que SI a la pregunta anterior, responda por cuánto tiempo:

() Menos de 6 meses () Entre 6 y 12 meses () Entre 12 y 18 meses () Entre 18 y 24 meses ()
 Más de 24 meses

3.3- Su actuación es o fue como: () entrenador deportivo () asistente de entrenador deportivo ()
 preparador físico () Otros ¿Cuál? _____

3.4- Usted está trabajando actualmente sólo en el área del deporte paralímpico?

() Si () No

¿Cuál(es) área(as)? _____

3.5 -Cuál es el tipo de institución en la cual usted trabaja con el goalball?

- () a) Escuela - Educación Física Escolar
 () b) Instituto de/para personas con discapacidad visual
 () c) Club
 () e) Instituciones Públicas – Municipales
 () f) Proyectos Sociales, ONGs
 () g-) Federaciones o Confederaciones
 () h-) Comité Paralímpico

() i-) Otras – ¿Cuál? _____

3.6 – ¿Usted gana alguna remuneración en esta institución?

() a-) No. Soy voluntario/a.

() b-) Si, pero necesito complementar la renta con actividades extras.

() c-) Si, obtengo un pago de remuneración que no me permite trabajar en otro local.

3.7 –Cuál es su actuación con el equipo de goalball?

() Entrenador deportivo () asistente de entrenador deportivo () preparador físico

() Otros ¿Cuál? _____

3.8 - ¿Cuál nivel de competencia usted disputó como entrenador/a de goalball? (Pode ser anotado más de una opción)

() a-) escolar

() b-) regional

() c-) estadual

() D-) nacional

() E-) continental

() F-) mundial y/o olímpico.

4- CONOCIMIENTOS DE LOS ENTRENADORES DEPORTIVOS

En las preguntas 4.1 a 4.21, indique el grado de **importancia atribuida** (o cuánto el entrenador deportivo considera importante el conocimiento de estos ítems para la actuación profesional) **y el dominio en entrenamiento** (o cuánto el entrenador deportivo tiene dominio en la práctica de los ítems abajo citados) de los conocimientos del entrenador deportivo, conforme a los valores presentados en las dos escalas siguientes:

Obs. Conocimiento significa acto o efecto de conocer, que pode ser adquirido por medio de la lectura, internet, relacionados, entre otros. (MICHAELIS, 2015)

Sin Importancia	Poco Importante	Importante	Importantísimo	Muy Importante
1	2	3	4	5

No Domino	Domino Poco	Domino razonablemente	Domino Bien	Domino Mucho
1	2	3	4	5

	Conocimientos del Entrenador Deportivo de goalball (Conocimientos sobre...)	Importancia atribuida					Dominio no entrenamiento				
		1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.1	Causas de la discapacidad visual (ceguera o baja visión) de su atleta?	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.2	Estrategias de enseñanza-aprendizaje para las personas con discapacidad visual?	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.3	Planificación de entrenamiento de goalball (objetivos, estructuración de las tareas y progresiones de contenidos).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.4	Gestión del entrenamiento de goalball (tiempo, espacio físico, equipamiento).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.5	Intervención pedagógica (instrucción en el entrenamiento, corrección, orientación, organización de las tareas y progresiones).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.6	Evaluaciones de los aspectos técnico-tácticos, físicos y psicológicos en el contexto de una unidad de entrenamiento deportivo.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.7	Implementación y evaluación de programas de entrenamiento a lo largo del ciclo de entrenamiento.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.8	Formación y desarrollo de atletas de goalball a largo plazo (orientación y movilidad, rehabilitación, iniciación, especialización y perfeccionamiento).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

4.9	Legislación que rige el sistema deportivo (reglas y regulaciones de las confederaciones específicas).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.10	Contexto de actuación profesional (recreación, desarrollo, rendimiento).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.11	Organización de competencias deportivas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.12	Liderazgo y gestión de los atletas y comisión técnica.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.13	Comunicación eficaz durante el entrenamiento.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.14	Desarrollo profesional de los entrenadores.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.15	Comunicación con otros actores del escenario deportivo (país, medio, árbitros).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.16	Desarrollo de actitudes, valores, comportamientos y autonomía de los atletas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.17	Estrategias personales para el auto aprendizaje.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.18	Reflexión sobre la propia práctica.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.19	La propia emoción y la emoción de los otros (atletas, país, medios, árbitros).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.20	La propia filosofía de entrenamiento (principios, valores, creencias).	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
4.21	Concientización y crítica de la práctica profesional.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

5- COMPETENCIAS FUNCIONALES DE LOS ENTRENADORES DEPORTIVOS

En las preguntas 5.1 a 5.23, indique el grado de **importancia atribuida** (o cuánto el entrenador deportivo considera importante el conocimiento de estos ítems para actuación profesional) y **dominio en el entrenamiento** (o cuánto el entrenador deportivo tiene dominio en la práctica sobre los ítems citados a continuación), conforme a los valores presentados en las dos escalas a seguir:

Obs. Competencias significa aptitud para cumplir alguna tarea o función. Siendo así, un conocimiento se torna una competencia cuando va para la práctica (MICHAELIS, 2015).

Sin Importancia	Poco Importante	Importante	Importantísimo	Muy Importante
------------------------	------------------------	-------------------	-----------------------	-----------------------

1	2	3	4	5
---	---	---	---	---

No Domino	Domino Poco	Domino Razonablemente	Domino Bien	Domino Mucho
1	2	3	4	5

	Competencias funcionales del Entrenador Deportivo de goalball.	Importancia atribuida					Dominio en el entrenamiento				
5.1	Comprender los diferentes contextos de práctica deportiva.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.2	Analizar los objetivos/necesidades de los atletas/practicantes.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.3	Definir los objetivos del trabajo de acuerdo con el contexto de práctica y los atletas/practicantes.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.4	Preparar un ambiente seguro de entrenamiento.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.5	Planificación de la sesión de entrenamiento.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.6	Definir criterios de desempeño de atletas/practicantes.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.7	Liderar e influenciar.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.8	Comunicarse de manera eficaz.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.9	Dirigir personas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.10	Conducir atletas/practicantes en entrenamiento y competencia.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.11	Capacidad de modificar estrategias.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.12	Capacidad de modificar acciones tácticas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.13	Emplear diferentes metodologías de entrenamiento de acuerdo con el contexto de práctica y los atletas/practicantes.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.14	Organizar competencias.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

5.15	Evaluar el entrenamiento y la competencia.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.16	Analizar el desempeño de atletas/practicantes y equipos.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.17	Hacer ajustes en el proceso de entrenamiento y competencia.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.18	Desarrollar filosofía de trabajo.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.19	Aprender de forma continua.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.20	Reflexión y autoevaluación.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.21	Analizar las relaciones interpersonales.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.22	Desarrollar la autodeterminación en los atletas.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5
5.23	Lidiar con las frustraciones.	1	2	3	4	5	1	2	3	4	5

ANEXOS**Anexo 1 – Termo de Aprovação do adendo no Comitê de Ética e Pesquisa****PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP****DADOS DO PROJETO DE PESQUISA**

Título da Pesquisa: ANÁLISE DO CONTEXTO FORMATIVO DE TREINADORES DE ESPORTE PARALÍMPICO: UM ESTUDO COM O GOALBALL

Pesquisador: ALESSANDRO TOSIM

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 11272719.1.0000.5404

Instituição Proponente: Faculdade de Educação Física

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 3.349.577

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

CAMPINAS, 27 de Maio de 2019

Assinado por:
Maria Fernanda Ribeiro Bittar
(Coordenador(a))

Anexo 2 – Carta de anuência CBDV



CARTA DE ANUENCIA PARA PESQUISA DE CAMPO

Eu, **José Antônio Ferreira Freire**, Rg. 3217672; presidente da **Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais**, CNPJ. 11.030.668/0001-09, situado na Rua do Orfanato, nº 760 - sala 72, Vila Prudente/SP - CEP: 03.131-010 – SP/Brasil, venho por meio desta declarar que aceito participar do trabalho de pesquisa do aluno **Alessandro Tosim**, do Programa de doutorado da Faculdade de Educação Física da UNICAMP, na área de Biodinâmica do movimento e esporte, sob o título provisório "**Análise do contexto formativo de treinadores de esporte paralímpico: um estudo com o Goalball**", orientado pelo Prof. Dr. Paulo César Montagner, professor associado do Departamento de Ciências do Esporte da Faculdade de Educação Física da UNICAMP. Estou ciente que o objetivo da pesquisa é identificar as características formativas dos treinadores nacionais e internacionais de Goalball e discutir com o que a literatura apresenta. Para isto, os treinadores responderão um questionário semiestruturado com a intenção de angariar informações sobre o perfil sócio esportivo dos treinadores, e também realizaremos uma entrevista semiestruturada com treinadores selecionados, com intuito de compreender sua formação até ser treinador de Goalball.

Com a aprovação do Comitê de Ética e Pesquisa, a coleta de dados deste projeto será iniciada, atendendo todas as solicitações administrativas e éticas. Vale ressaltar que todos os dados coletados serão mantidos em absoluto sigilo de acordo com a Resolução do Conselho Nacional de Saúde (CNS/MS) 196/96 que trata sobre Pesquisa envolvendo Seres Humanos.

Diante do exposto, deixo claro minha participação na pesquisa, envolvendo os treinadores esportivos de Goalball, que coordeno.

De acordo,


José Antônio Ferreira Freire
 Presidente

Confederação Brasileira de Desportos de Deficientes Visuais (CBDV)
 Rua do Orfanato, nº 760 - sala 72
 Vila Prudente | SP | Brasil | CEP: 03.131-010

Fone: +55 11 3548-0463
cbdvd@cbdvd.org.br
www.cbdvd.org.br